

FOME

Knut Hamsun

InfoLivros.org



SINOPSE DA FOME

A fome é um romance de Knut Hamsun, autor norueguês e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1920. Foi amplamente elogiado pelos críticos não apenas por ser o primeiro romance escandinavo moderno, mas também por ser um dos exemplos escandinavos mais representativos do romance psicológico.

O autor usa um narrador em primeira pessoa para descrever a miséria de um personagem anônimo. O protagonista não tem estabilidade no emprego e sofre as dificuldades da complexa situação social da antiga cidade de Christiania, hoje conhecida como Oslo. O tópico principal do livro é a mente humana irracional, apresentada com intriga e humor.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [Fome por Knut Hamsun](#) em InfoLivros.org

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Hunger author Knut Hamsun](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Hambre autor Knut Hamsun](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF](#) em InfoLivros.org

PRIMEIRA PARTE

NAQUELE TEMPO, com a barriga na miséria, eu vagava pelas ruas de Cristiânia, cidade singular, que deixa marca nas pessoas...

Em minha água-furtada, estirado e sem dormir, escutei um relógio dar seis horas, lá embaixo. Era dia claro, pessoas começavam a circular pela escada. Junto à porta, o quarto estava atapetado com velhos números do Morgenbladet. Eu podia ler distintamente o aviso do Diretor dos Faróis e, um pouco à esquerda, vasto, rechonchudo, o anúncio de pão fresco, do padeiro Fabian Olsen.

Logo arregalei os olhos e, na forma de velho costume, comecei a matutar se teria um motivo qualquer para regozijar-me. Andara um pouco apertado nos últimos tempos; uma após outra, minhas roupas tinham ido parar no “prego”; tornara-me nervoso, suscetível; duas ou três vezes, também, passara o dia inteiro na cama, em estado vertiginoso. De tempos em tempos, quando a sorte me sorria, eu pudera, no máximo, arranjar cinco coroas por um folhetim nesse ou naquele jornal.

O dia avançava, e comecei a ler os anúncios nas imediações da porta. Podia perceber até as letras finas e tortas de Mortalhas — na loja da Senhorita Andersen, à direita, junto à porta principal. Gastei bastante tempo nisso; o relógio, embaixo, deu oito horas antes que me levantasse para vestir-me.

Abri a janela e olhei para fora. A vista incidia sobre um varal de roupa e um terreno baldio; bem na ponta, onde se incendiara a oficina de ferreiro, operários retiravam do entulho uma fornalha arruinada. Debrucei-me à janela e examinei o céu. O dia seria esplêndido, sem dúvida. Estávamos no outono, estação delicada e fresca, em que as folhas mudam de cor, e passam desta para melhor. Começara a algazarra na rua, e o barulho me atraía para fora. Aquele quarto lúgubre, com o soalho balançando a cada passo, parecia antes um caixão desconjuntado. Não havia fechadura direita na porta, nem lareira no quarto. Acostumara-me a dormir em cima das meias, para que elas ficassem mais ou menos secas no dia seguinte. O único objeto com que poderia distrair-me era uma cadeirinha vermelha, de balanço, na qual me instalava à noite para cochilar, cismando em coisas e coisas por aí além. Se o vento batia forte, e as portas, lá embaixo, estavam abertas, ouvia-se toda sorte de assobios estranhos através do soalho e dos tabiques. E ali, junto da porta, buracos do tamanho de um punho se abriam no Morgenbladet.

Ergui-me e fui para o vão da cama inspecionar um pacote, à procura de alguma coisa para almoçar; não achei nada, e voltei à janela.

“Será que adianta procurar emprego?” — dizia comigo. As inúmeras recusas e meias-promessas, o “não” seco e repetido, esperanças

alternadamente acariciadas e desfeitas, novas tentativas que sempre davam em nada — tudo isso me aniquilava o ânimo. Por último, pleiteara um lugar de cobrador, mas cheguei tarde, e, além do mais, não dispunha de cinquenta coroas para a fiança. Sempre esse ou aquele obstáculo. Também me apresentei ao Corpo de Bombeiros. Éramos uns cinquenta homens no pátio, estufando o peito para dar impressão de força e valentia. O inspetor passou-nos em revista, examinando os candidatos; apalpava o braço de cada um e fazia perguntas. Diante de mim, passou firme, limitando-se a sacudir a cabeça e a dizer que me recusava por causa dos óculos. Apresentei-me outra vez, sem óculos, com sobancelhas franzidas, olhos agudos que nem facas, e de novo o homenzinho passou firme diante de mim, a sorrir. Deve ter-me reconhecido... O pior é que minha roupa chegara a um estado tão miserável que eu já não podia ir decentemente a nenhuma parte.

A regularidade, o movimento uniforme com que ia, constantemente, deslizando ladeira abaixo! Acabei ficando tão extraordinariamente desprovido de tudo, que não me restava sequer um pente, um livro para ler, quando a vida se tornava demasiado triste. Durante todo o verão vagueei pelos cemitérios ou no Parque do Castelo; aí me abancava e escrevia artigos para os jornais, colunas e mais colunas, sobre as coisas mais diversas: invenções estranhas, maluquices, fantasias de cérebro agitado. Em desespero, escolhia frequentemente os assuntos menos atuais,

que me custavam longas horas de esforço e nunca eram aprovados. Acabado o artigo, atacava outro, e raramente me desencorajava pelo “não” dos redatores-chefes, dizia sempre a mim mesmo que acabaria vencendo. E, de fato, se estava de veia e o artigo saía bem feito, acontecia-me receber cinco coroas pelo trabalho de uma tarde.

Tornei a aproximar-me, deixei a janela, dirigi-me à cadeira que me servia de toalete. Passei um pouco de água nos joelhos brilhantes das calças, para escurecê-los e dar-lhes um ar mais novo. Feito isso, como de costume, botei papel e lápis na algibeira, e saí. Deslizei no maior silêncio pela escada, não fosse despertar a atenção da dona da casa; o aluguel se vencera havia dias, e eu não tinha com que pagá-lo.

Eram nove horas. O rumor de carros e vozes enchia o ar, imenso coro matinal, onde se fundiam passos de transeuntes e o estalar de chicote dos cocheiros. Esse tráfego barulhento em todas as direções logo bastou para que eu recuperasse energia; comecei a sentir-me gradativamente mais satisfeito da vida. Nada me interessava menos que um simples passeio sob o ar fresco da manhã. Que importava o ar aos pulmões? Sentia-me forte como um gigante; era capaz de parar um carro com o peito. Apossou-se de mim um sentimento estranho e delicado, o sentimento de toda essa alegre despreocupação. Comecei a observar as pessoas com quem cruzava ou que ultrapassava: ia

vendo os cartazes nos muros, recolhendo a impressão do olhar que alguém me lançava de um bonde em movimento; penetravam-me as coisas mais insignificantes, todas as miúdas contingências que cruzavam no caminho e desapareciam.

Se pelo menos eu tivesse um pouco de comida, em dia tão lindo! Subjugava-me a sensação dessa alegre manhã. Incapaz de refrear a alegria, comecei a cantar de felicidade, sem motivo preciso. Parada à porta do açougue, uma pobre mulher, de cesto no braço, matutava sobre as salsichas para o almoço; olhou-me, quando passei perto. Só tinha um dente na boca. Com os nervos à flor da pele, como ficara nos últimos dias, o rosto daquela mulher, de repente, me despertou uma sensação desagradável. O dente amarelo, comprido, parecia um dedinho que lhe saísse do maxilar, e seu olhar ainda estava repleto de salsichas quando se voltou para mim. Num instante, engulhado, perdi o apetite. Chegando ao Mercado de Carne, fui ao chafariz beber água. Levantei os olhos: eram dez horas na torre da Igreja de São Salvador.

Continuei a rodar por aí, flanando sem me preocupar com coisa alguma; parei a um canto, sem necessidade, mudei de direção, tomei uma rua lateral onde não tinha nada que fazer. Vagabundo na manhã alegre, passeando aqui e ali minha despreocupação, entre os outros felizes mortais, deixava as coisas correrem. O céu era claro, sem nuvens; e nenhuma sombra em minh'alma.

Havia dez minutos que caminhava à minha frente um velho coxo. Levava um pacote na mão, e ia o mais velozmente possível, empregando todas as forças para andar depressa. Vendo-o arquejar de fadiga, ocorreu-me a ideia de que eu poderia carregar seu pacote; não procurei alcançá-lo, entretanto. No alto da Rua Graensen, encontrei-me com Hans Pauli, que me cumprimentou e seguiu apressado. Por que tanta pressa? Eu não tinha a menor intenção de pedir-lhe qualquer coisa; pretendia mesmo, na primeira oportunidade, restituir-lhe um cobertor que me emprestara semanas antes. Logo que me aprumasse um pouco; não havia de ficar com o cobertor de ninguém. Talvez começasse hoje mesmo um artigo sobre “Os crimes do futuro”, “O livre-arbítrio”, não importa o assunto — qualquer coisa de interessante, que me rendesse umas dez coroas... E ao imaginar esse artigo, senti-me de repente invadido pela necessidade imperiosa de dedicar-me

imediatamente a ele, para expandir a plenitude das ideias. Iria procurar um lugarzinho bom no Parque do Castelo, e não descansaria antes de acabar.

Na rua, porém, adiante de mim, o velho aleijado continuava manquitolando. Afinal aquilo começou a irritar-me: ter sempre um inválido à minha frente! Sua caminhada parecia não ter fim. Talvez tivesse o mesmo destino que eu, e durante todo o percurso haveria de suportar-lhe a vista. Presa de exaltação, parecia-me

que a cada esquina ele reduzia um pouco a marcha, como esperando para ver que rumo eu iria tomar. Feito o quê, voltava a balançar o pacote no ar, e recomeçava a andar com todas as forças, para ganhar distância. Mais eu andava e considerava aquele tipo obsessor, mais me irritava contra ele. Sentia que pouco a pouco me destruía o bom humor, e ao mesmo tempo arrastava consigo, enfeando-a, aquela pura e bela manhã. Parecia um grande inseto coxo, que quisesse a todo custo conquistar um lugar no mundo e guardar a rua exclusivamente para si. Ao chegarmos ao alto da ladeira, rebelei-me; não me deixaria mais conduzir por ele. Voltei-me para a vitrina de uma loja e parei, dando tempo ao homem para seguir seu caminho. Depois de alguns minutos, quando recomecei a andar, ele estava de novo à minha frente, e estacara por sua vez. Sem refletir, dei dois ou três passos e, furioso, cheguei perto do homem, batendo-lhe no ombro.

Parou imediatamente. Ficamos a olhar um para o outro.

— Um auxiliozinho para comprar leite — disse ele, afinal, inclinando a cabeça para o lado.

Essa era muito boa! Vasculhei nos bolsos e disse:

— Para comprar leite, hein? O dinheiro anda difícil, e não sei se o senhor está realmente precisando...

— A última vez que comi foi ontem, em Drammen — respondeu-me.

— Estou sem um tostão no bolso e não acho trabalho.

— O senhor é operário?

— Sou, sim. Pespontador de sapato.

— O quê?

— Pespontador de sapato. Mas também sei fazer sapatos.

— Então o caso muda de figura. Espere-me aí alguns minutos. Vou arranjar um pouco de dinheiro para o senhor, alguns öre.

Desci a toda pressa a Rua dos Salgueiros, onde conhecia um agiota estabelecido num primeiro andar; nunca fora à casa dele.

Entrando pela porta principal, tirei rapidamente o colete, enrolei-o e botei-o debaixo do braço; depois, subi a escada e bati.

Cumprimentei e atirei o colete sobre o balcão.

— Uma coroa e meia — disse o homem.

— Está bem, obrigado. Se não fosse ter ficado muito estreito, eu não abriria mão dele.

Apanhei a moeda e a cautela, e saí. Afinal, aquele colete fora um verdadeiro achado; ainda me sobrava dinheiro para um almoço copioso, e, antes de anoitecer, meu artigo sobre “Os crimes do futuro” estaria pronto. Imediatamente, comecei a achar a vida

mais doce, e apressei-me a voltar para junto do homem, a fim de livrar-me dele.

— Com licença! — disse-lhe. — Estou satisfeito porque o senhor teve a iniciativa de dirigir-se a mim.

O homem pegou do dinheiro e começou a examinar-me. Por que me olhava assim? Pareceu-me que concentrava a atenção em minhas joelheiras, e aborreceu-me com essa impertinência. Acharia aquele pândego que eu era realmente tão pobre quanto parecia? Não tinha eu, por assim dizer, começado a escrever um artigo de dez coroas? Além do mais, o futuro não me preocupava de modo algum, eu estava preparado para ele. Então, que tinha a ver aquele desconhecido com o fato de eu me permitir uma pequena liberalidade, em manhã tão bonita? Seu olhar irritava-me; resolvi dar-lhe uma lição antes de nos separarmos. Sacudi os ombros e disse:

— Meu velho, é um mau costume este seu, de comer com a vista os joelhos de quem lhe dá uma coroa.

Ele revirou a cabeça para trás, junto à parede, e abriu a boca. Uma ideia se formava dentro daquela cabeça miserável; pensou, sem dúvida, que eu queria zombar dele de qualquer modo, e devolveu-me o dinheiro.

Bati o pé, jurei que ele havia de aceitá-lo. Achava então que eu tomara tanto trabalho para nada? Pensando bem, talvez lhe

devesse aquela coroa, tinha a vaga lembrança de uma velha dívida, e à sua frente estava um homem íntegro, honrado até o sabugo das unhas. Em suma, o dinheiro era dele. Oh, não valia a pena agradecer-me, fora uma alegria para mim. Adeus.

E fui-me embora. Afinal, livrara-me daquele inválido perseguidor, iria recobrar a calma. Tornei a descer a Rua dos Salgueiros e parei diante de uma casa de comestíveis. A vitrina estava cheia de vitualhas; resolvi entrar e adquirir alguma coisa para comer no caminho.

— Uma fatia de queijo e um pãozinho — disse, atirando meia coroa sobre o balcão.

— Tudo isso de pão e queijo? — perguntou ironicamente a vendedora, sem olhar-me.

— Cinquenta öre de pão e queijo — respondi, impassível.

Peguei das compras, com extrema polidez disse até logo à velha gorda, e segui a todo pano em direção ao Parque, pela rampa do Castelo. Lá procurei um banco solitário, e comecei a roer gulosamente minhas provisões. Isso me fez bem; havia muito tempo que não fazia uma refeição tão gorda, e pouco a pouco me senti invadir por essa calma satisfeita que vem após uma longa crise de choro. Crescia em mim uma grande coragem. Já não me bastava compor um artigo sobre assunto tão corriqueiro como esse dos crimes do futuro. Isso estava ao alcance de qualquer um:

era só inventar ou simplesmente ler a história. Sentia-me capaz de maiores esforços, tinha ímpeto de vencer dificuldades; decidi-me por um tratado em três partes, sobre “O conhecimento filosófico”. Naturalmente, encontraria nele oportunidade de desmascarar alguns sofismas de Kant...

Ao tirar o material de escrita, para trabalhar, verifiquei que estava sem lápis: deixara-o em casa do agiota, esquecido no bolso do colete.

Santo Deus, como tudo se compraz em andar ao contrário! Proferi alguns palavrões, levantei-me e comecei a ir e vir pelas alamedas. Por toda parte, uma grande calma; ao fundo, para os lados do Pavilhão da Rainha, babás empurravam carrinhos; com exceção delas, não se via ninguém em parte alguma. Sentia-me terrivelmente irritado, e passava com fúria diante do banco. Pois não é que tudo corre admiravelmente mal? E por todos os lados! Um artigo em três partes iria malograr pelo simples motivo de eu não ter no bolso um toco de lápis de dez öre! E se descesse a Rua dos Salgueiros, para recuperar o lápis? Haveria tempo de escrever um bom pedaço, antes que o parque ficasse repleto. E depois, tantas coisas dependiam desse Tratado do Conhecimento Filosófico... talvez a felicidade de muita gente, nunca se sabe ao certo. Disse a mim mesmo que ele seria talvez de grande utilidade para uma porção de jovens. Pensando melhor, não investiria contra Kant; podia muito bem evitá-lo, bastava desviar-me

imperceptivelmente quando chegasse à questão do tempo e do espaço; quanto a Renan, porém, àquele velho “padre” Renan, eu não garantia nada... De qualquer maneira, tratava-se de escrever um artigo de muitas colunas. O aluguel atrasado e os olhares compridos da proprietária, quando nos encontrávamos pela manhã, na escada, atormentavam-me o dia todo, e ressurgiam até nos momentos felizes em que, salvo esse, nenhum pensamento sombrio me visitava. Era preciso acabar com isso. Saí rapidamente do parque e fui procurar o lápis na casa do agiota.

Descendo a ladeira do Castelo, alcancei duas moças e passei-lhes à frente. Cheguei a tocar na manga de uma delas, de passagem. Levantei os olhos. Seu rosto era cheio, um tanto pálido. Ela corou subitamente,

adquirindo estranha beleza. Não sei o que a teria ruborizado; talvez uma palavra ouvida ao acaso, talvez um íntimo, sigiloso pensamento. Ou seria porque lhe toquei o braço? Pelo colo alteado correram violentas ondulações, a mão crispou-se com rudeza no cabo da sombrinha. Que se passaria nela?

Detive-me, fazendo com que passassem de novo à frente, incapaz que estava de ir mais longe, tanto aquilo me parecia esquisito. Sentia-me de mau humor, descontente comigo mesmo por causa da história do lápis, e excitado pela comida que ingerira com estômago vazio. De repente, a uma inspiração extravagante, o pensamento tomou rumo singular. Invadiu-me a tentação de

fazer medo àquela moça, de acompanhá-la, de aborrecê-la dessa ou daquela maneira. De novo a alcanço e ultrapasso, volto-me de súbito para ficar bem frente a frente e encará-la. Parado, olho-a firme nos olhos, e invento um nome que nunca ouvi, de consonância nervosa e fluida: Ilaiáli. Estava pertinho de mim; profilei-me e disse-lhe, em tom categórico:

— A senhorita perdeu o seu livro.

Sentia o coração pulsar-me no peito, ao pronunciar essas palavras.

— Meu livro? — perguntou à companheira. E continuou o seu caminho.

A malignidade crescente fez-me seguir aquela moça. Num segundo, tive plena consciência de estar cometendo uma tolice, mas sem que pudesse dominar-me. Minha perturbação fugia a qualquer domínio, inspirando-me as ideias mais loucas, a que eu obedecia sucessivamente. Dizia a mim mesmo que me comportava como idiota, porém de nada valia. Fazia as mais absurdas caretas às costas da moça, tossia com estrondo ao passar-lhe à frente. Caminhava então bem de leve, a alguns passos de distância. Sentia seus olhos pregados em meu dorso, e sem querer baixava a cabeça, com vergonha de havê-la atormentado assim. Pouco a pouco, veio-me uma impressão curiosa — a impressão de estar longe, num lugar bem diverso, o

sentimento mal definido de que não era eu que caminhava ali, curvado, sobre as lajes do calçamento.

Minutos depois, a moça chegou à Livraria Pascha. Eu já estava parado diante da primeira vitrina, e, ao vê-la aproximar-se, adiantei-me e repeti:

— A senhorita perdeu o seu livro.

— Que livro? — disse ela, com voz angustiada. — Você sabe de que livro ele está falando?

E parou. Saboreio cruelmente sua perturbação; encanta-me a perplexidade que leio em seus olhos. Seu espírito é incapaz de compreender aquela interferência absurda. Não carregava livro, nem

sequer uma folha, nem sombra de livro. Entretanto, remexe nos bolsos; repetidas vezes, abre as mãos e olha para elas; vira a cabeça, examina a rua lá atrás; fatiga a cabecinha frágil até o máximo de esforço, para saber de que livro estou falando. O rosto muda de cor, ora toma uma expressão ora outra; ouço-lhe a respiração opressa; os próprios botões do vestido parecem fixar-me como uma fieira de olhos aterrorizados.

— Ora, não dê atenção a ele — diz a companheira, puxando-a pelo braço. — Certamente ele está é bêbedo; não vê logo que esse tipo está bêbedo?

Por mais distanciado que estivesse de mim mesmo, nesse momento, presa total de influências invisíveis, eu observava, sem embargo, tudo que ocorria em volta. Um cachorro grande, castanho-escuro, atravessou a rua, correndo, nas imediações da Praça do Lund, e desceu para o Tivoli; tinha uma coleira estreita, de metal branco. Mais acima abriu-se uma janela de primeiro andar; uma criada debruçou-se, de mangas arregaçadas, e começou a limpar a vidraça pelo lado de fora. Nada escapava à minha atenção; conservava toda a minha lucidez e presença de espírito, o fluxo das coisas me penetrava com deslumbrante nitidez, como se de súbito uma luz intensa irrompesse em volta. Ambas as moças tinham uma asa de pássaro azul no chapéu, e uma fita de seda escocesa no pescoço. Eram irmãs, pensei.

Tomaram direção oblíqua, pararam diante da loja de música de Cisler, e começaram a conversar. Parei também. As duas retrocederam pelo mesmo caminho, passaram de novo perto de mim, contornaram a esquina da Rua da Universidade e subiram até a Praça de Santo Olavo. Eu as seguia de perto, descaradamente. Uma vez, elas se voltaram, lançando-me um olhar entre assustado e curioso. Não percebi nos rostos qualquer traço de indignação, nem ao menos um franzir de sobrancelhas. Envergonhou-me essa paciência para com os meus modos impertinentes; baixei os olhos. Não queria importuná-las mais, queria apenas, por simples gratidão, acompanhá-las com o olhar,

não perdê-las de vista, até o momento em que entrassem não importa onde e desaparecessem.

Diante do número 2 — um casarão de três andares —, voltaram-se mais uma vez, e entraram. Encostei-me ao poste de iluminação, perto do chafariz, e apurei o ouvido. O rumor de seus passos na escada apagou-se no primeiro andar. Distancio-me do poste e contemplo a casa. Passa-se então algo singular. Lá em cima agitam-se cortinas, um instante depois abre-se a janela, inclina-se uma cabeça e dois olhos de estranha mirada pousam em mim.

“Iaiáli!” — exclamou em voz baixa, e sinto-me enrubescer. Por que não grita ela por socorro? Por que não me atira um vaso de flores para esmagar-me a cabeça? Por que não manda alguém expulsar-me dali? Ficamos os dois a nos encarar, sem qualquer movimento; durou isso um minuto; pensamentos germinam entre a janela e a rua, sem que se pronuncie uma palavra. Ela se volta e isso me perturba: ligeiro choque na alma. Vejo um ombro virar-se, as costas desapareceram no quarto. Esse andar lento ao deixar a janela, a acentuação desse movimento da espádua, dir-se-iam sinais endereçados a mim. O sangue percebeu essa saudação delicada; senti-me, de súbito, maravilhosamente feliz. Então, dei meia volta e tornei a descer a rua.

Não ousava olhar para trás e não sabia se ela tinha voltado à janela; à medida que aprofundava esta questão, tornava-me cada vez mais inquieto e nervoso. Provavelmente, estaria lá naquele

instante, seguindo com atenção todos os meus movimentos, e era absolutamente insuportável sentir-me assim espiado por detrás. Aprumei-me da melhor maneira, e continuei no meu caminho. Começava a sentir um tremor nas pernas; o andar foi ficando incerto, tão tensa era a vontade de torná-lo elegante. No afã de parecer calmo e indiferente, balançava os braços de maneira absurda, cuspiam no chão e levantava o nariz no ar; nada disso, porém, dava resultado. Sentia continuamente na nuca os olhos perseguidores; arrepios gelados percorriam-me o corpo. Finalmente, procurei refúgio numa rua lateral, de onde me encaminhei para a Rua dos Salgueiros, em busca do lápis.

Não tive dificuldades em reavê-lo. O homem trouxe-me o colete e disse-me que aproveitasse a ocasião para examinar todos os bolsos. Achei também umas cautelas, que guardei, e agradei àquele sujeito amável a boa-vontade. Simpatizando cada vez mais com ele, pareceu-me de repente muito importante dar-lhe uma boa impressão a meu respeito. Caminhei na direção da porta, depois voltei ao balcão como se houvesse esquecido alguma coisa. Era como se lhe devesse uma explicação, um esclarecimento. Comecei a cantarolar, para atrair-lhe a atenção. Depois, peguei do lápis e levantei-o no ar.

— Jamais me passaria pela cabeça — disse eu — fazer essa caminhada toda por um lápis qualquer. Por este é diferente, há uma razão especial. Embora pareça insignificante, foi este toco de

lápiz, muito simplesmente, que me fez aquilo que eu sou no mundo; foi ele que, por assim dizer, me deu um lugar na vida.

Não disse mais nada. O homem chegou para mais perto do balcão.

— Ora essa! — exclamou, olhando-me com curiosidade. — Foi com este lápis — acrescentei friamente — que escrevi o meu Tratado do Conhecimento Filosófico, em três volumes. Já ouviu falar nele? Ele achava que sim, esse título não lhe era estranho.

— Pois é. Esse livro é meu. Por isso, não deve causar-lhe espanto o meu empenho em recuperar esse toquinho de lápis. Tem um valor bem grande para mim; é como se fosse uma criaturinha humana. Aliás, sou-lhe muito grato pela boa-vontade, e não me esquecerei do senhor. Sim, sim, não me esquecerei absolutamente do senhor. Palavra é palavra. Eu sou assim. E o senhor merece. Adeus.

Sem dúvida, ao chegar à porta, eu tinha ares de alguém capaz de proporcionar-lhe uma alta situação. O respeitável usurário inclinou-se duas vezes em minha honra, enquanto me retirava. Ainda me voltei para dizer- lhe adeus.

Na escada, encontrei uma mulher com uma valise na mão. Diante de minha atitude altiva, colocou-se humildemente de lado, para me dar passagem. Num gesto maquinal, meti a mão no bolso, querendo oferecer- lhe qualquer coisa. Não achei nada, e isso me desapontou; passei por ela de cabeça baixa. Pouco depois,

percebi que também ela batia à porta do agiota, protegida por uma rede metálica. Era fácil reconhecer o tinido do metal ao contato de dedos.

Era cerca de meio-dia. O sol estava bem a prumo, a cidade começava a movimentar-se; aproximava-se a hora do passeio, e uma onda de pessoas, sorridentes e cumprimentadoras, marulhava na Rua Karl Johan. Com os cotovelos rentes ao corpo, fiz-me pequenino e passei sem ser visto, ao lado de alguns conhecidos que se aglomeravam a um canto, perto da Universidade, para olhar os transeuntes. Tornei a galgar a ladeira do Castelo, e caí em meditação.

Como balançavam alegre e suavemente suas louras cabeças, piruetando na vida como num salão de baile, as pessoas que eu encontrava! Nem sombra de preocupação em todos esses olhos, nem o menor fardo nesses ombros, talvez nem mesmo um pensamento sombrio, uma secreta magoazinha, em qualquer dessas almas felizes. Já eu, em contraste, caminhava ao lado dessas pessoas, eu, moço em flor, e nem me lembrava mais como era o rosto da felicidade! Embalava-me com esse pensamento, sentindo-me vítima de uma injustiça cruel. Por que esses últimos meses me haviam maltratado tão rudemente? Já não reconhecia mais o meu natural prazenteiro; por toda parte era presa dos mais singulares tormentos. Não podia sentar-me num banco retirado, nem pôr o pé em nenhum lugar, sem

ser assaltado por miúdas, insignificantes contingências, míseras bagatelas a se insinuarem entre as representações do meu espírito e a dispersarem minhas forças a todos os ventos. Um cão que me roçasse, o amarelo de uma rosa à lapela de um cavalheiro bastavam para abalar meus pensamentos, preocupando-me durante longo tempo. Que doença era a minha? Teria sido eu apontado pelo indicador da mão de Deus? Mas por que precisamente eu? Por que não, por exemplo, um homem que estivesse na América do Sul? Quanto mais refletia nisso, mais me parecia inconcebível que a Graça Divina me tivesse escolhido justamente como cobaia, para realizar seus caprichos. Que modo estranho de agir: saltar por cima do mundo inteiro para me atingir a mim, quando Ela tinha debaixo da mão tanto um livreiro- antiquário, Pascha, como um comissário marítimo, Hennechen.

Ia eu andando, a meditar neste negócio, sem compreendê-lo. Acudiam-me as mais fortes objeções ao arbítrio do Senhor, que me fazia expiar a culpa de todos. Mesmo depois de achar um banco e de sentar-me, a questão continuava me preocupando; não podia pensar em outra coisa. Desde aquele dia de maio em que haviam começado minhas atribulações, sentia uma fraqueza que pouco a pouco se acentuava; era como se estivesse por demais cansado para andar e me dirigir aonde quisesse; um enxame de bichinhos malfazejos penetrara em meu íntimo, abria

uma cavidade. Seria firme intenção de Deus destruir-me completamente? Levantei-me, e caminhei de um lado para outro, diante do banco.

Neste instante, meu ser inteiro chegava ao paroxismo do sofrimento. Até os braços doíam, e era quase intolerável mantê-los em posição normal. Em consequência da última refeição, demasiado farta, sentia ainda profundo mal-estar; com o estômago pesado e a cabeça escaldando, ia e vinha sem levantar os olhos. As pessoas, andando em uma e outra direção, deslizavam diante de mim como clarões. Finalmente, o banco foi invadido por alguns senhores, que acenderam charutos e se puseram a conversar alto. Encolerizado, tive ímpeto de interpelá-los, mas dei meia volta e fui-me embora para o outro extremo do parque, onde achei um novo banco. Sentei-me.

A ideia de Deus voltou a preocupar-me. Era absolutamente injustificável de sua parte interpor-se toda vez que eu procurava um emprego, e estragar tudo, quando minha aspiração se resumia em ganhar o pão cotidiano. Eu observara muito bem que, se jejuasse durante um período bastante longo, era como se os miolos me escorressem suavemente do cérebro, esvaziando-o. A cabeça tornava-se leve, como que ausente; já não lhe sentia o peso sobre os ombros; e, se olhava para alguém, tinha a sensação de que meus olhos estavam fixos, arregalados.

Sentado no banco, e absorto nessas reflexões, sentia-me cada vez mais azedo com relação a Deus, por causa de suas insistentes provocações. Se ele supunha chamar-me para junto de si e aperfeiçoar-me pelo martírio, acumulando mortificações em meu caminho, estava um tanto enganado, podia garantir-lhe. Levantei os olhos para o Altíssimo, quase chorando de orgulho desafiador, e disse-lhe essas coisas uma vez por todas, mentalmente.

Farrapos de catecismo vieram-me à lembrança; a linguagem da Bíblia cantou a meus ouvidos. Eu conversava mansamente comigo mesmo, inclinando a cabeça para o lado, cheio de sarcasmo. Por que preocupar-me com o que iria comer e beber, com o que iria introduzir nessa mísera caixeta de vermes que se chamava meu corpo terrestre? O pai celeste não cuidara de mim como dos pássaros no firmamento, não me fizera a graça de apontar-me com o dedo como seu humilde servidor? Botara o dedo na rede de meus nervos, e discretamente, de passagem, lhe embaraçara os fios. Depois, retirara o dedo, mas — vejam só — levando nele fibras e finas radiadas, arrancadas aos fios de meus nervos. E restava um buraco aberto no lugar tocado por esse dedo, que era o dedo de Deus; e uma ferida no cérebro, no lugar por onde ele passara. Depois de tocar-me com o dedo de sua mão, porém, Deus me deixara tranquilo; não me tocou mais, não permitiu que me acontecesse nenhum mal. Pelo contrário: deixou-me antes ir

em paz, com o buraco aberto. E nenhum mal me aconteceu por vontade de Deus, que é o Senhor, por toda a eternidade...

O vento trazia lufadas de música da Praça dos Estudantes; era, portanto, mais de duas horas. Saquei do papel para ver se escrevia alguma coisa, e caiu-me no bolso o caderno de talões da barbearia. Abri-o e contei as folhas: restavam seis talões. “Graças a Deus” — exclamei involuntariamente. Podia, pois, fazer a barba ainda por algumas semanas, ter um ar apresentável. Vi-me de repente bem-humorado, ante essa pequena propriedade que me restava; alisei cuidadosamente os talões e guardei o caderno no bolso.

Escrever, porém, era impossível. Depois de algumas linhas, não me acudia a menor ideia; o espírito vagueava longe, sentia-me incapaz de concentrar-me em determinado esforço. Tudo me influenciava e me distraía, tudo que via despertava uma impressão nova. Moscas e mosquitos, pousando no papel, me perturbavam; soprava para expulsá-los, soprava cada vez mais forte, e não tinha êxito. Firmando-se no traseiro, os insetos tornam-se pesados e resistem, num esforço que lhes curva as finas patinhas. Não há meio de fazê-los sair. Acham um ponto para se agarrar, fincam a espécie de calcanhar numa vírgula, numa aspereza do papel, e permanecem imóveis, inabaláveis, durante todo o tempo em que lhes apetece continuar ali.

Por um bom momento esses pequenos monstros continuaram a preocupar-me. Cruzei as pernas e empreguei o tempo em observá-los. De repente, vindas da Praça dos Estudantes, notas agudas de clarineta me dilaceram o ouvido, dando novo empurrão ao pensamento. Desanimado de concluir o artigo, botei os papéis no bolso e apoiei-me no encosto do banco. Nesse momento, o espírito estava tão lúcido que podia conceber os pensamentos mais sutis, sem o menor cansaço. Esticado nessa posição, deixei o olhar correr ao longo do peito e das pernas, acabando por observar o sobressalto do pé a cada pulsação do sangue. Soergui-me um pouco, e passei a considerar os pés. Veio-me uma sensação estranha, fantástica, jamais experimentada: ao longo dos nervos, um tremor leve, maravilhoso, como se ondas de luz os percorressem. Lançando a vista sobre os sapatos, parecia-me encontrar um bom amigo, recuperar uma parte destacada de mim mesmo. Era como um reconhecimento. A impressão fez vibrar os sentidos; vieram-me lágrimas aos olhos; os sapatos convertiam-se em ligeiro murmúrio musical, que subia até mim. “Fraqueza!” — comentei rudemente comigo mesmo. Apertava os punhos, repetindo: “Fraqueza!” Zombava de mim mesmo à vista desses sentimentos ridículos, troçava com perfeita lucidez. Impunha-me severamente o uso da razão, apertando com violência os olhos para não chorar. Como se nunca houvesse visto meus sapatos, entrei a estudar-lhes o aspecto, a mímica quando eu mexia o pé, a forma, os canos gastos; descobri que as rugas e costuras

esbranquiçadas lhes davam certa expressão, lhes comunicavam uma fisionomia. Alguma coisa de meu ser passara a esses sapatos; davam-me a impressão de um hálito que subisse para o meu ser, parte respirante de mim mesmo.

Analisei absurdamente tais sensações por longo tempo, talvez uma hora inteira. Um velhinho veio ocupar a outra ponta do banco; ao sentar-se, respirou fundo, exausto de andar, e exclamou:

— Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim... Oh, sim!

Bastou ouvir-lhe a voz, foi como se o vento me varresse o interior da cabeça. Os sapatos eram simplesmente sapatos... Já me parecia que o estado de perturbação que acabava de sentir remontava a uma época há muito encerrada, há dois anos talvez, e esse próprio estado se ia apagando lentamente da memória. Olhei para o velho.

Em que podia interessar-me aquele homenzinho? Em nada. Absolutamente nada. A não ser pelo fato de ter na mão um jornal — um velho número, com a página de anúncios para fora —, que me parecia envolver qualquer coisa. A curiosidade despertou; impossível desprender os olhos daquele jornal. Veio-me a ideia insensata de que podia ser um jornal diferente, único no gênero. E a curiosidade crescia. Comecei a mexer-me no banco. Seriam

talvez documentos, papéis perigosos, roubados a arquivos. Aflorou-me a suspeita de um tratado secreto, uma conspiração. Sentado tranquilamente, o homem cismava. Por que não carregava ele o jornal à maneira como toda gente carrega, com o cabeçalho aparecendo? Que espécie de ardil era esse? Parecia não querer abandonar o pacote nem à mão de Deus Padre; não ousava sequer confiá-lo a seu próprio bolso. Eu punha a mão no fogo em como aquele pacote escondia alguma coisa.

Olhei para o céu. Era precisamente a impossibilidade de desvendar o mistério, que me tornava louco de curiosidade. Procurei no bolso algo que oferecer ao sujeito para puxar conversa; achei o caderno da barbearia, mas tornei a guardá-lo. Súbito, resolvi bancar o audacioso; afaguei a algibeira vazia e perguntei-lhe:

— Posso oferecer-lhe um cigarro?

— Obrigado.

Não fumava; fora obrigado a isso para poupar os olhos, estava quase cego.

— De qualquer modo, agradeço-lhe muito.

— Há muito tempo que sofre da vista? Talvez então não possa mais ler? Nem jornais?

— Nem jornais, infelizmente.

Olhou-me. A catarata dava um aspecto vítreo aos olhos enfermos; era um olhar branco, repugnante.

— O senhor não é daqui, pois não? — perguntou-me.

— Exato. Mas o senhor não pode ler sequer o título do jornal que tem na mão?

— Mal. Percebi logo que o senhor é estrangeiro; sua entonação revela isso. Basta-me muito pouco para adivinhar; tenho ouvido fino. À noite, quando todo mundo dorme, posso ouvir a respiração das pessoas no quarto vizinho. Mas, que é que eu estava dizendo? Ah, onde mora o senhor?

Instantaneamente, a mentira aflora-me, já pronta, à cabeça. Minto contra a vontade, sem propósito nem segunda intenção:

— Praça de Santo Olavo, 2.

— É mesmo? Conheço pedra por pedra a Praça de Santo Olavo. Tem um chafariz, lampiões de gás, duas árvores... Lembro-me de tudo. Em que número mesmo o senhor mora?

Quis acabar com aquilo e levantei-me, exasperado pela ideia fixa do jornal. Era preciso esclarecer o mistério, custasse o que custasse.

— Mas se o senhor não pode ler esse jornal, por que é que...

— Número 2, não foi o que o senhor disse? — continuou o homem, sem ligar à minha inquietação. — Houve tempo em que eu

conhecia todo mundo no número 2. Como é o nome do proprietário?

Inventei a toda pressa um nome, desejoso de livrar-me do tipo; fabriquei-o num relâmpago e projetei-o no espaço, para deter meu perseguidor:

— Happolati.

— Happolati, é — aprovou o homem, sem perder uma sílaba desse nome difícil.

Olhei-o, espantado; estava sério, meditativo. Mal eu pronunciara esse nome estúpido, que me viera à cabeça, e o homem o reconhecia, afetava já tê-lo ouvido. Nesse meio-tempo, colocou o pacote sobre o banco, e senti toda a curiosidade vibrar-me nos nervos. Notei manchas de gordura no jornal.

— Não é marinheiro, o seu senhorio? — indagou o homem, sem traço de ironia na voz. — Quer me parecer que é marinheiro.

— Marinheiro? Desculpe, deve ser o irmão dele que o senhor conhece. Ele, na realidade, é J. A. Happolati, corretor.

Pensei que com isso o liquidasse; mas o homem topava tudo.

— Parece que é um homem hábil, pelo que dizem? — continuou, apalpando o terreno.

— Oh! é espertíssimo, grande cabeça para negócios, representante de qualquer coisa, vende plantas medicinais para a China, plumas e penugens da Rússia, peles, pasta de madeira, tintas...

— Puxa, que danado! — interrompeu o velho, animadíssimo.

Aquilo começava a ficar interessante. Eu já não dominava a situação: uma após outra, mentiras brotavam-me da cabeça. Sentei-me, esqueci o jornal, os documentos misteriosos; excitado, cortava a palavra ao interlocutor. A ingenuidade do velhinho tornava-me audacioso; queria enchê-lo de mentiras descaradas, desnorteá-lo, grandiosamente.

— Já ouviu falar no saltério elétrico, inventado por Happolati?

— Como, elét... !

— Com letras elétricas, luminosas no escuro.

Empreendimento deveras colossal. Milhões de coroas em movimento, fundições e tipografias em plena atividade, legiões de mecânicos ocupados, com salários fixos. Ouvi falar em setecentos homens.

— Eu não lhe dizia? — comentou o homem, com toda a doçura.

E não disse mais nada. Acreditava em tudo que eu lhe contava, ao pé da letra, e não se mostrava estupefato. Isso me decepcionou um bocadinho; esperava que minhas petas o pusessem alucinado.

Inventei ainda umas mentiras sem pé nem cabeça, ao acaso; contei-lhe que Happolati fora ministro na Pérsia durante nove anos.

— O senhor faz ideia do que seja isso: ministro na Pérsia? É mais do que ser rei aqui; pouco mais ou menos como um sultão, se é que o amigo sabe o que é um sultão. Mas Happolati triunfou em tudo. Nunca teve um aborrecimento.

Falei de Ilaiáli, filha dele:

— É uma fada, uma princesa que tem trezentas escravas e dorme num estendal de rosas brancas. A criatura mais bonita que já vi. Deus me castigue se algum dia me apareceu uma visão igual à dela.

— Ah, é assim tão bonita? — exclamou o velho, com ar alheado, de olhos no chão.

— Bonita? É adorável, tão encantadora que seria capaz de enlouquecer um santo! Olhos cor de seda selvagem, braços de âmbar. O simples olhar dela perturba a gente como um beijo. Quando me chama, sua voz me penetra no coração como um jorro de vinho. E por que não seria encantadora? Por acaso o senhor pensa que ela é caixa de armazém ou bombeiro? É simplesmente um esplendor do céu, dou-lhe minha palavra de honra, um conto de fadas!

— Sim, sim — disse o homem, um tanto embaraçado.

Sua calma aborrecia-me. Eu me exaltava ao som de minha própria voz, e falava com a maior seriedade. Os documentos roubados e o tratado com uma potência estrangeira tinham saído de meu pensamento. O pacotinho chato ostentava-se no banco, entre nós dois, e não me acudia o menor desejo de examiná-lo e ver o que continha. Inteiramente empolgado por minhas próprias histórias, estranhas visões passavam-me diante dos olhos, o sangue me subia à cabeça, e eu mentia a não poder mais.

Nesse momento, o sujeito mostrou desejo de ir embora. Aprumou-se no banco e, para não cortar bruscamente a conversa, indagou:

— Dizem que tem grandes propriedades, esse tal Happolati, não?

Como é que aquele velho cego e desagradável ousava brincar com esse nome estranho, composto por mim, como se fosse um nome ordinário que figurasse em todas as tabuletas de mercearia da cidade? Não lhe omitia uma sílaba, não hesitava numa letra; o nome se lhe incrustara no cérebro, e ali criara raízes ao primeiro instante. Isso me irritava; subia em mim uma raiva profunda contra aquele indivíduo que não se espantava com coisa alguma, não desconfiava de nada.

— Não tenho ideia disso — respondi-lhe secamente. — Não tenho a menor ideia. Aliás, permita-me dizer-lhe de uma vez por todas: ele se chama João Arendt Happolati, conforme as iniciais.

— João Arendt Happolati — repetiu o homem, surpreendido com minha violência.

E calou-se.

— O senhor devia ter visto a mulher dele — continuei, com raiva. — Nunca houve pessoa mais gorda do que ela... Como? Não acredita que era assim tão gorda?

— Sim, claro que acredito... Esposa de um homem desses...

A cada arremetida, o velho respondia com calma e doçura, procurando as palavras como se tivesse medo de dizer uma inconveniência e irritar-me.

— Ora essa, meu velho! Então o senhor pensa talvez que me divirto em enchê-lo de mentiras? — gritava, fora de mim. — Vai ver que nem acredita na existência de um homem chamado Happolati? Nunca vi tamanha arrogância nem tamanha maldade em um velho! Que foi que lhe deu? E para cúmulo de tudo, talvez tenha pensado lá consigo que eu sou pobre como Jó porque estou vestido com roupa de cerimônia mas tenho a cigareira vazia. Devo preveni-lo de que não estou acostumado a atitudes desse gênero. Deus é testemunha de que não as tolerarei nem no senhor nem em ninguém, está ouvindo?

O homem levantara-se. De boca aberta, sem uma palavra, escutou a descompostura até o fim; depois, apanhou rapidamente

o pacote no banco e saiu, subiu a alameda quase correndo, com seus passinhos senis.

Continuei sentado, vendo suas costas desaparecerem pouco a pouco; pareciam curvar-se e encolher-se cada vez mais. Não sei por que me veio a impressão, mas senti que jamais vira umas costas assim desonestas e viciosas. Não tive o mínimo remorso por haver injuriado vastamente, cara a cara, aquele indivíduo...

O dia começava a declinar, e com ele o sol; em torno, leve murmúrio se erguia por entre as árvores; babás, sentadas em grupo, junto ao balanço, preparavam-se para voltar com os carrinhos. Eu estava calmo, sentia-me

bem disposto. A excitação que acabara de sacudir-me serenava pouco a pouco; e à medida que baixava, esgotado, tinha uma vontade louca de dormir. Já não me pesava tanto a enorme quantidade de pão que havia comido.

Meu humor era excelente. Encostei-me no espaldar do banco, fechei os olhos e pouco a pouco fui amolecendo, cochilando. Estava quase no ponto de dormir de verdade, quando um guarda me botou a mão no ombro, dizendo:

— Aqui não se pode dormir.

— Sim — respondi, levantando-me imediatamente.

E, de repente, a triste situação se desenhou diante de meus olhos. Era preciso fazer alguma coisa, achar uma solução qualquer! Procurar emprego não me servira para nada. As recomendações que podia apresentar eram velhas, subscritas por pessoas muito pouco conhecidas: não produziram efeito. Além do mais, as constantes recusas, durante todo o verão, me haviam desanimado. Que fazer? O fato é que o aluguel estava vencido, e era preciso achar um expediente. O resto que esperasse, por enquanto.

Sem querer, pegara outra vez no papel e no lápis, e maquinalmente escrevia em todos os cantos: “1848”. Se brotasse ao menos uma ideia, uma simples ideia, que me pegasse à força, me metesse as palavras na boca! Isso já me havia acontecido; tivera realmente ensejo de viver alguns instantes em que pudera escrever sem esforço um longo trabalho e burilá-lo até a perfeição.

Aqui estou no banco, e escrevo dezenas de vezes: “1848”. Escrevo esse número de comprido, de largo, obliquamente, de todas as maneiras possíveis, à espera de que venha uma ideia aproveitável. Um enxame de pensamentos imprecisos volteia no cérebro; o espetáculo do dia que finda torna-me melancólico e sentimental. Chegou o outono. Começa a mergulhar em letargia todas as coisas. Moscas e outros pequeninos seres sentiram-lhe os primeiros golpes. Lá em cima, nas árvores, e cá embaixo, na terra,

percebe-se o rumor da vida obstinada, fervilhante, sonora, inquieta, lutando para não perecer. No mundo dos insetos, todas essas breves existências se agitam uma última vez. Cabecinhas amarelas saem do musgo, patas se erguem, longas antenas tateiam; depois, repentinamente, o animalzinho se abate, cai de chofre, de barriga para o ar. O sopro ligeiro do primeiro frio perpassou sobre as plantas, e cada uma delas guardou um sinal diferente. Talos de erva, desbotados, eriçam-se contra o sol; folhas ressecadas rolam por terra com o chiado de uma procissão de bichos-da-seda. É a sazão outonal, em meio ao carnaval da efêmera duração. Inflama-

se o rubor das rosas, a tez de sangue vivo das flores adquire maravilhosa cintilação de tísica.

Eu me sentia como o inseto agonizante, que o aniquilamento arrebatava a esse universo prestes a adormecer. Presa de estranho terror, levantei-me e dei alguns passos rápidos na alameda. “Não! — gritei, apertando os punhos — “é preciso acabar com isso!” Tornei a sentar-me, retomei o lápis, resolvido a escrever o artigo. Não era momento para renunciar, quando tinha diante dos olhos a imagem do aluguel vencido.

Lentamente, as ideias começaram a encadear-se. Seguia-as atentamente, escrevendo com tranquilidade e ponderação algumas páginas, à guisa de introdução a qualquer coisa. Podia ser o começo de qualquer trabalho; narrativa de viagem, artigo

político, o que bem me parecesse. Um começo excelente para muitas coisas.

Em seguida, entrei a procurar um tema determinado, de que pudesse tratar — um homem, uma coisa a que me atirasse —, e não achei nada. Em meio a esforços estéreis, o pensamento voltava a desordenar-se, e eu sentia literalmente que alguma coisa falhava no cérebro; a cabeça ia-se esvaziando, esvaziando, finalmente se tornava leve, oca, por cima dos ombros. Todo o corpo apreendia aquele vácuo escancarado, e era como se me esvaziasse de alto a baixo.

— Senhor, meu Deus e meu pai! — exclamei, do fundo de minha dor, repetindo o apelo vezes seguidas, simplesmente.

O vento rumorejava nas folhas, anunciando tempestade. Fiquei ainda um instante a olhar desesperado os papéis; dobrei-os e guardei-os lentamente no bolso. O tempo esfriava, eu não tinha colete; abotoei o paletó até em cima e enfiei as mãos nos bolsos. Depois, levantei-me e fui embora.

Se ao menos pudesse acertar dessa vez, só essa! Por duas vezes a proprietária me cobrara o aluguel com os olhos, e eu tivera de me encolher, ir saindo furtivamente, com um cumprimento embaraçado. Não podia recomeçar a operação; da próxima vez em que esbarrasse com aquele olhar, desistiria do quarto

com uma explicação honesta. Afinal, isso não podia continuar assim a vida inteira.

À saída do Parque, tornei a avistar o velho anão que eu, enfurecido, pusera em fuga. O misterioso pacote do jornal, aberto a seu lado, no banco, estava cheio de provisões de toda espécie, que o homem ia comendo aos bocadinhos. Tive vontade de ir até ele e desculpar-me, pedir perdão pelo meu procedimento, mas a comida me fez recuar. Os dedos encanecidos, semelhantes a garras cobertas de rugas, brandiam de maneira repugnante fatias engorduradas de pão. Enojado, passei por ele sem dirigir-lhe a

palavra. Não me reconheceu; fixou-me com olhos de córnea ressecada, sem que mudasse a expressão do rosto.

Continuei no meu caminho.

Como de hábito, parei diante de cada jornal afixado que fui encontrando, para examinar os oferecimentos de emprego; tive sorte de encontrar um que me servia. Um comerciante da Rua de Grönland precisava de alguém para fazer sua escrita durante algumas horas à noite; ordenado a combinar. Tomei nota do endereço e, mentalmente, implorei a Deus esse lugar. Exigiria menos do que qualquer um: cinquenta öre seriam para mim um ordenado ótimo; até quarenta; quanto a isso, confiava na sorte.

Chegando em casa, encontrei sobre a mesa um bilhete da proprietária, pedindo-me que pagasse o aluguel adiantado ou me mudasse o mais cedo possível. Eu não levasse a mal, era pura e simplesmente um desejo que me manifestava a contragosto.

Muito cordialmente, Senhora Gundersen.

Escrevi ao comerciante Christie, Rua de Grönland, nº 31, coloquei a carta no envelope e descí para botá-la na caixa postal do centro. Depois, tornei a subir ao quarto e instalei-me na cadeira de balanço para refletir, enquanto a escuridão se ia tornando cada vez mais espessa. Estava ficando difícil continuar a viver.

No dia seguinte, acordei cedíssimo. Estava ainda escuro quando abri os olhos; só muito depois ouvi o relógio dar cinco horas, no quarto de baixo. Quis dormir de novo, mas foi impossível recuperar o sono: estava cada vez mais consciente, e pensava em mil coisas.

Súbito, vêm-me ao espírito uma ou duas frases, ótimas para um esboço, um folhetim — achados graciosos de estilo, como nunca os houve iguais. Estendido na cama, repito para mim

mesmo essas palavras, e acho- as esplêndidas. Pouco a pouco, outras se lhes acrescentam; eis que me sinto completamente despertado; sento-me na cama, tomo papel e lápis sobre a mesa de trás. Como se uma veia rebentasse em mim, uma palavra acompanha outra, ordenam-se, encadeiam-se logicamente, criam situações; cenas se acumulam umas sobre outras, ações e réplicas acodem-me ao espírito; envolve-me estranho bem-estar. Escrevo como um possesso, encho páginas e páginas, sem parar. As ideias desabam sobre mim tão depressa, continuam a afluir com tamanha abundância, que perco um monte de aspectos acessórios: não consigo fixá-los bastante rapidamente, embora trabalhe com todas as forças. A inspiração insiste em empurrar-me para adiante, estou inteiramente dominado pelo assunto, e escrevo cada palavra como se obedecesse a um ditado.

Isso dura. Dura um tempo deliciosamente longo, esse momento

estranho. Tenho diante de mim, sobre os joelhos, quinze, vinte páginas escritas. Paro, afinal, e deponho o lápis. Se realmente esses papéis tivessem algum valor, estaria salvo. Pulo da cama e visto-me. O dia clareia; posso distinguir mais ou menos o aviso do Diretor dos Faróis, ali junto à porta; diante da janela, faz tanta claridade que, a rigor, já podia escrever lá. Imediatamente, sento-me na obrigação de passar a limpo minhas laudas.

Dessas fantasias sobe um vapor singularmente denso de luz e de cores. Quase pulo de surpresa, diante da sucessão de tão belas coisas, e digo a mim mesmo que jamais li nada melhor. Roda-me a cabeça, de contentamento; a alegria me estufa, sinto-me outra vez navegando majestosamente. Sopeso meu escrito e logo o avalio em cinco coroas, sem discutir. Não ocorreria a ninguém regatear cinco coroas. Muito pelo contrário, é de convir que mesmo por dez coroas seria de graça, à vista da qualidade da matéria. E não tinha intenção de dar de graça trabalho tão original. Pelo que sabia, narrativas desse quilate não se acham por aí às dúzias, em qualquer canto de rua. Fixei-me em dez coroas.

O quarto iluminava-se cada vez mais. Lancei um olhar à porta. Podia ler, sem esforço, os finos, esqueléticos caracteres de: “Mortalhas, na loja da Senhorita Andersen, à direita, junto à porta principal”. Aliás, havia muito que o relógio dera sete horas.

Levantei-me, fui para o meio do quarto. Pensando bem, a ordem da Senhora Gundersen vinha a propósito. No fundo, este não era um quarto digno de mim. Das janelas pendiam cortinas verdes, bastante vulgares; nas paredes, não havia pregos suficientes para pendurar minhas roupas. A pobre cadeira de balanço, a um canto, era, afinal, uma caricatura de rocking-chair; ao vê-la, a gente caía na gargalhada. Era demasiadamente baixa para um homem normal; e tão estreita que, para sair dela, quase que se

precisava de uma descalçadeira. Em resumo: o quarto não fora instalado para atender a preocupações intelectuais, e eu não tinha intenção de ocupá-lo por mais tempo. Nada no mundo me obrigaria a isso. Meu silêncio e minha paciência tinham durado demais, era tempo de desocupar aquela porcaria.

Cheio de esperança e alegria, mas sempre preocupado com o meu esboço, que a cada momento tirava do bolso para reler algumas de suas passagens, quis logo pôr em execução o projeto, e começar a mudança.

Peguei da trouxa: um lenço vermelho, contendo colarinhos limpos e jornais amarrotados, de embrulho de pão; enrolei a colcha e botei no bolso uma provisão de papel em branco. Depois, para maior segurança, passei em revista os quatro cantos da peça, a fim de certificar-me de que nada esquecera. Nada tendo encontrado, fui à janela e olhei para fora. A manhã era escura, úmida. Não havia ninguém lá embaixo, perto da ferraria incendiada. No pátio, a corda de roupa, contraída pela umidade, estendia-se rígida, de um a outro muro. Estava farto de ver tudo aquilo; afastei-me da janela, tomei o cobertor debaixo do braço, fiz uma reverência ao aviso do Diretor dos Faróis, outra às “Mortalhas, na loja da Senhorita Andersen”, e abri a porta.

De repente, lembrei-me da dona da casa. Era necessário comunicar-lhe a mudança, para fazer-lhe ver que lidava com um homem decente. Queria também agradecer-lhe por escrito os

poucos dias durante os quais eu ocupara o quarto, depois de vencido o aluguel. A certeza de estar salvo por um tempo bastante longo me penetrava a tal ponto que prometi à proprietária dar-lhe cinco coroas, quando passasse por ali um desses dias. Queria demonstrar-lhe sobejamente a honestidade da pessoa a quem abrigara sob seu teto.

Deixei o bilhete sobre a mesa. Detive-me ainda uma vez à porta e voltei-me. Inebriava-me o sentimento radioso de estar de novo triunfante. Sentia-me cheio de reconhecimento para com Deus e o universo. Ajoelhei-me perto da cama, e em voz alta agradei ao Criador sua grande bondade para comigo, naquela manhã. Sabia, oh! sabia perfeitamente: aquele acesso de inspiração que acabava de ter, e de reduzir a escrito, era devido à ação maravilhosa do Céu sobre meu espírito; era uma resposta ao meu grito de miséria na véspera. “Foi Deus! Foi Deus!” exclamava, chorando de entusiasmo ante minhas próprias palavras. De tempos em tempos, era obrigado a parar; ficava espreitando se alguém subia. Afinal, levantei-me e saí. Deslizei sem ruído escada a baixo, e cheguei à porta sem ser visto.

A chuva caída pela manhã deixara as ruas espelhantes. Um ar frio e úmido pairava sobre a cidade; em parte alguma se insinuava um raio de sol. Que horas seriam? Caminhava como de costume, em direção ao Depósito Policial. Oito e meia. Tinha, pois, duas horas à minha frente. Não adiantava chegar ao jornal antes das dez ou

onze. Restava-me flandar, enquanto isso, excogitando um expediente para almoçar, embora pouco. Graças a Deus, os maus dias tinham passado. Era um período liquidado, pesadelo desfeito. A partir de agora, começava a ascensão.

Não obstante, aquele cobertor verde me importunava. Por outro lado, não condizia com a minha dignidade carregar semelhante pacote debaixo do braço, à vista de toda gente. Que iriam pensar de mim? Caminhando, procurava lembrar-me de um lugar onde pudesse guardá-lo até nova ordem. Ocorreu-me ir à Casa Semb e pedir que embrulhassem o cobertor. O pacote ficaria com melhor aparência, não me envergonharia carregá-lo. Entrei na loja e expus o caso a um dos empregados.

Ele olhou primeiro para o cobertor, depois para mim. Pareceu-me que sacudia os ombros disfarçadamente, com leve desprezo, ao pegar o pacote. Isso me irritou.

— Ora bolas! Tenha um pouco mais de cuidado — exclamei. — Dentro há dois vasos de valor. O pacote é para Smirna.

Produziu efeito — um efeito grandioso. Cada gesto do homenzinho me pedia perdão por não ter adivinhado imediatamente a existência de objetos de valor ali dentro. Ao terminar a embalagem, agradeci-lhe o serviço prestado, com ar de quem costumava mandar coisas preciosas para Smirna, e, quando saí, ele foi abrir-me a porta.

Comecei a passear entre os transeuntes, na Praça do Grande Mercado; de preferência, na vizinhança das mulheres que vendem potes de flores. Atraíam-me as pesadas rosas vermelhas, de brilho sangrento e cru, a arder na úmida cinza da manhã. Que desejo louco de furtar uma delas! Perguntei o preço, só para ter direito de aproximar-me ainda mais. Tivesse dinheiro e compraria uma, custasse o que custasse. Faria essa ou aquela pequena economia na alimentação, para restaurar o equilíbrio orçamentário.

Às dez horas, subi ao jornal. O redator-chefe ainda não havia chegado. O “Tesoura” remexia num monte de jornais velhos. A seu pedido, entreguei-lhe meu grosso manuscrito, notificando-o de que era de importância fora do comum. Recomendei-lhe com empenho que o levasse pessoalmente ao redator-chefe, logo que este chegasse. Voltaria mais tarde para saber a resposta.

— Bem — disse o “Tesoura”, e tornou a mergulhar nos jornais.

Achei que ele considerava o assunto com placidez excessiva, porém nada lhe disse: dirigi-lhe apenas um sinalzinho indiferente, de cabeça, e fui-me embora.

Dispunha de tempo. Ah, se o céu clareasse! Fazia um tempo miserável, sem vento, nada fresco. As mulheres levavam guarda-chuvas abertos, por precaução, e os bonés de lã, masculinos, eram cômicos e tristes. Dei outra volta pelo mercado,

contemplando legumes e rosas. Então, senti uma palmada no ombro, e voltei-me. Era o “Senhorita”, que me dava bom dia.

— Bom dia — respondi-lhe em tom interrogativo, para saber logo o que ele queria; não simpatizo muito com o “Senhorita”.

Olhou, curioso, o grande pacote, novo em folha, debaixo do meu braço, e perguntou-me:

— Que é que você traz aí?

— Comprei na Casa Semb um corte para fazer um terno — respondi com indiferença. — Achei que não devia mais andar tão estragado. Não se deve ser pão-duro com o próprio corpo.

Encarou-me, perturbado.

— E como vão as coisas, afora isso? — perguntou lentamente.

— Acima de toda expectativa.

— Achou alguma coisa para fazer?

— Alguma coisa para fazer? — respondi, com ar espantadíssimo.

— Mas eu sou guarda-livros do gordo Christie.

— Ah, muito bem! — exclamou, abrindo os braços. — Fico muito satisfeito com isso. Contanto que não lhe furem o dinheiro que está ganhando... Até logo.

Um momento depois, deu meia volta, apontou o pacote com a bengala e disse:

— Faço questão de lhe recomendar o meu alfaiate para lhe fazer esse terno. Nenhum se compara ao Isaksen. Diga a ele que você o procura da minha parte.

Que necessidade tinha ele de meter o nariz em meus negócios? Era de sua conta, a escolha de meu alfaiate? Fiquei furioso. Exasperava-me a vista daquele tipo vazio e endomingado; lembrei-lhe brutalmente as dez coroas que me devia. Antes mesmo que pudesse responder-me, eu já me arrependia da reclamação. Constrangido, não ousava encará-lo. Nesse momento passou uma mulher; dei um passo rápido para trás, cedendo-lhe lugar, e aproveitei a ocasião para ir-me embora.

Que fazer, durante as horas de espera? Não podia ir ao café, com a algibeira vazia, e não me lembrava de amigo a quem pudesse visitar àquela hora. Instintivamente, tornei a subir para o centro, bati pernas por algum tempo entre o Mercado e a Rua Graensen, li o *Aftenposten*, que acabava de ser afixado, dei uma volta pela Rua Karl Johan, retrocedi, subi até o cemitério de São Salvador, e aí procurei um recanto sossegado, no outeiro perto da capela.

Sentei-me em pleno silêncio, e fiquei modorrando, no ar úmido; devaneava e cochilava, com frio. E o tempo correndo. Havia mesmo certeza de que meu folhetim fosse uma obra-prima de inspiração? Não teria aqui e

ali seus defeitos? Pensando bem, podia até ser recusado, pois é, muito simplesmente recusado. Talvez fosse bastante medíocre, talvez francamente mau; quem me garantia que já não estava na cesta, naquele instante? Meu contentamento fora abalado.

Levantei-me de um pulo, e precipitei-me para fora do cemitério.

Na Rua de Aker, olhei disfarçadamente o relógio na vitrina de uma loja, e vi que era pouco mais de meio-dia. O desespero cresceu, pois estava certo de que a tarde já ia bem avançada; antes das quatro horas, era inútil procurar o redator-chefe. A sorte do folhetim enchia-me de pressentimentos sombrios. Quanto mais refletia, menos me parecia provável que pudesse escrever algo apresentável, assim repentinamente, quase dormindo, com o cérebro febril e atulhado de sonhos. Decerto, iludira-me a mim mesmo, ficando alegre a manhã inteira... a troco de nada. É, fora isso. Tornei a subir, célere, o caminho de Ullevaal, passei pelo Outeiro de São João, meti-me em áreas desocupadas, percorri as esquisitas ruas estreitas do Bairro das Serrarias, atravessei campos e terrenos baldios; achei-me finalmente numa estrada de que não enxergava o fim.

Aí me detive e deliberei voltar. O passeio me aquecera; voltei devagar, muito abatido. Encontrei duas carroças de feno; os carroceiros cantavam, estendidos de barriga para o ar, bem no alto da carga; ambos sem chapéu, ambos de faces redondas e despreocupadas. Imaginei que fossem interpelar-me, fazer

qualquer observação, zombar de mim. Quando os alcancei, um deles me chamou, perguntando que levava eu debaixo do braço.

— Um cobertor.

— Que horas são?

— Não sei ao certo. Três horas, penso eu.

Os dois começaram a rir. No momento em que cruzavam comigo senti uma chicotada no ouvido, e meu chapéu rolou no chão. Os rapazes não quiseram deixar-me passar sem me pregarem uma peça. Furioso, levei a mão ao ouvido, apanhei o chapéu no fosso e continuei no meu caminho. Ao pé do Outeiro de São João, um sujeito informou-me que passava de quatro horas.

Quatro horas! Mais de quatro! Apressei o passo em direção à cidade e ao jornal. Talvez o redator-chefe, chegado há muito tempo, já tivesse ido embora. Andando, correndo, tropeçando esbarrando nos carros, passando à frente dos transeuntes, apostando velocidade com os cavalos, agitando-me como louco para não chegar tarde, eu tocava para a frente. Enfiei pelo vestibulo, grimpei a escada de quatro em quatro, e bati.

Nada de resposta.

— Já foi embora! Já foi embora! — pensei. Quis abrir a porta; não estava fechada a chave. Bati mais uma vez, e entrei.

O redator-chefe está sentado à mesa, com o rosto voltado para a janela, caneta na mão, pronto para escrever. Ouvindo meu cumprimento esbaforido, vira-se um pouco, olha-me um instante, sacode a cabeça e diz:

— Ainda não tive tempo de ler seu trabalho.

Fico tão contente por saber que ainda não o atirou à cesta, que respondo:

— Oh, é natural. Não tem assim tanta pressa. Daqui a quantos dias, talvez, ou...?

— É, vou ver. Aliás, tenho seu endereço.

Por esquecimento, deixo de informar-lhe que não tenho mais endereço.

Terminada a conversa, despeço-me fazendo mesura, e vou-me embora. Reacende-se a esperança no coração; nada está perdido, pelo contrário: posso até ganhar tudo. E lá vai o espírito a divagar: o Grande Conselho, no céu, acaba de decidir quanto eu devo ganhar: pagamento colossal, dez coroas por folhetim...

Se pelo menos tivesse um cantinho para refugiar-me durante a noite! Procuro onde poderia ficar melhor, e absorvo-me tão profundamente nessa indagação que me detenho bem no meio da rua. Esqueço onde estou, fico plantado ali como pobre vassoura de bétula em alto-mar, enquanto a multidão escachoa

em redor. Um garoto vendedor de jornais estende-me O Viking: “Está muito engraçado!” Ergo os olhos, estremeço: estou de novo em frente à Casa Semb.

Rapidamente, dou meia volta e, levando o pacote à frente, para disfarçá-lo, desço a toda pressa a Rua da Igreja, amargurado e ansioso, com medo de que me tenham visto por trás da vitrina. Passo pelo Restaurante Ingrebet e pelo teatro, contorno a loja e desço na direção do mar e da fortaleza. Encontro um banco e ponho-me a refletir.

Onde diabo achar abrigo para a noite? Existirá um buraco onde me possa meter e me esconder até amanhã? O orgulho me impede de regressar ao quarto. Jamais me ocorreria a ideia de faltar à palavra. Repeli esse pensamento com indignação, e tive intimamente um sorriso desdenhoso para a pequena cadeira de balanço vermelha. Por súbita associação de ideias, vime num grande quarto de duas janelas, onde residira anteriormente, no Outeiro de Haegde. Sobre a mesa estava um prato com enormes torradas. Mudando de aspecto, elas se transformaram em um bife sedutor, um guardanapo alvo como neve, pão com fartura, talher de prata. A porta abriu-se: a proprietária vinha oferecer-me uma segunda xícara de chá...

Visões e sonhos! Refleti que, se comesse agora, a cabeça voltaria a perturbar-se, a mesma febre se apoderaria de mim, e eu teria

de lutar contra um mundo de fantasias loucas. Não tolerava alimento, não fora feito para isso; era uma idiossincrasia, uma coisa singular.

Mas, se houvesse meio de achar abrigo para quando chegasse a noite? Não havia pressa. Na pior hipótese, acharia lugar no bosque; tinha todas as cercanias da cidade à minha disposição, e não estávamos no inverno: não cairia neve.

Lá adiante, o mar acalentava-se a si mesmo em calma pesada. Navios e catraias toscas, de nariz chato, abriam sulcos na superfície de chumbo derretido, rasgando estrias brilhantes à direita e à esquerda, e continuavam sua rota. Rolos de fumaça rodopiavam ao sair das chaminés; o ronco do pistão das máquinas atravessava o ar úmido, num rumor baço. Não havia sol nem vento; as árvores, por trás de mim, estavam molhadas; o banco em que me sentara era frio e úmido. E o tempo passando. Comecei a cochilar. Estava cansado, com um pouco de frio nas costas. Mais alguns instantes, e os olhos começaram a fechar-se. Deixei que se fechassem...

Quando acordei, estava escuro em redor. Levantei-me de um salto, atordoado, gelado; peguei do pacote e fui andando. Andava cada vez mais depressa, para aquecer-me; sacudia os braços, esfregava as pernas, já quase insensíveis. Cheguei ao Posto de Bombeiros. Eram nove horas. Tinha dormido muito.

Que iria fazer de mim? Era preciso ir para um lugar qualquer. Contemplei o Posto com olhar abobado, perguntando a mim mesmo se seria possível penetrar num dos corredores, no momento em que a sentinela virasse as costas. Subi o patamar, no propósito de puxar conversa com o homem. Ele, em continência, brandiu logo a machadinha, à espera do que eu fosse dizer-lhe. Essa machadinha, erguida com a lâmina voltada para mim, fez correr-me um arrepio nos nervos, como se lhe sentisse o choque gelado. Mudo de terror diante desse homem armado, recuo involuntariamente. Sem nada dizer, afasto-me numa espécie de escorregar progressivo. Para salvar as aparências, passo a mão na testa, como se houvesse esquecido qualquer coisa, e desapareço. Já na calçada, tenho a sensação de quem escapou de grande perigo. E afasto-me rapidamente.

Gelado, faminto, com humor cada vez mais sombrio, vou flanando pela

Rua Karl Johan. Começo a praguejar em voz alta, pouco ligando a que

alguém possa escutar-me. Nas proximidades do Parlamento, precisamente diante do primeiro leão, nova associação de ideias me faz pensar, de súbito, num pintor meu conhecido, um rapaz que, certo dia, evitei fosse esbofeteado no Tivoli, e a quem mais tarde fui visitar. Estalei os dedos e rumei para a Rua

Tordenskjold. Bati à porta onde havia o cartão de visita de C. Zacarias Bartel.

Ele próprio veio abrir. Cheirava horrivelmente a cerveja e a fumo.

— Boa noite — disse eu.

— Boa noite. Ah, é você? Por que diabo veio tão tarde? A coisa fica muito bem à luz da lâmpada. Depois da vez passada, acrescentei um monte de feno, e fiz outras modificações. Mas é preciso olhar de dia, agora não adianta.

— Mostre assim mesmo.

Aliás, nem me lembrava de que quadro ele estava falando.

— Ah, isso não. Impossível! Tudo fica amarelo com essa luz. E depois, há outra coisa — aproximou-se de mim e sussurrou.

— Tenho uma pequena aqui em casa, esta noite. Como você vê, é inteiramente impraticável.

— Ah, se é assim, não se fala mais nisso.

Dei um passo para trás, disse boa noite, e fui-me embora.

Decididamente, não havia outro meio senão ir para algum recanto do

bosque. Tomara que a terra lá não esteja muito úmida... Acariciava o cobertor, familiarizando-me cada vez mais com a ideia de dormir ao relento. Levava tanto tempo me atormentando à procura de um quarto na cidade, que acabara cansado e

aborrecido. Era um verdadeiro gozo abandonar a partida, desistir do combate e flunar pelas ruas, sem um pensamento na cabeça. Desviei-me para ver o relógio da Universidade: passava de dez horas; dali tomei a direção do centro. Em um lugar qualquer, no Outeiro de Haegde, parei diante da vitrina de uma loja de comestíveis. O gato dormia, junto a um pão branco e redondo; por trás, havia um pote de banha e frascos de sêmola. Fiquei um instante a contemplar aqueles alimentos; como não tinha com que comprá-los, afastei-me e continuei a andar. Caminhava lentamente. Passei diante da estação de Majorstuen, fui andando, andando, andei horas e horas, e acabei chegando ao bosque de Bogstad.

Aí deixei a estrada e sentei-me para descansar. Depois, senti-me na obrigação de procurar um sítio propício. Apanhei um pouco de urze e ramos de zimbro, e preparei minha cama numa leve inclinação de terreno, relativamente seca. Abri o pacote, tirei o cobertor. Exausto da longa

caminhada, deitei-me imediatamente. Mexi-me e revirei-me uma porção de vezes, até encontrar a boa posição. A orelha, ferida pela chicotada do carroceiro, incomodava um pouco; estava ligeiramente inflamada, e eu não podia deitar-me por cima dela. Tirei os sapatos e coloquei-os por baixo da cabeça, recobrando-os com o grande papel de embalagem.

Reinava a escuridão, em redor; tudo estava tranquilo, tudo. Nas alturas, porém, sussurrava o eterno cântico da atmosfera, esse zumbido longínquo, sem modulações, que nunca emudece. Prestei ouvidos por tanto tempo ao murmúrio mórbido e sem fim, que ele começou a perturbar-me. Certamente, eram sinfonias de mundos a girar por cima de minha cabeça, no éter; eram as estrelas, que entoavam um hino...

— Não, é o diabo! — exclamei rindo alto, para dominar-me. — São corvos grasnando em Canaã.

Levantei-me, tornei a deitar-me, calcei os sapatos, vaguei na escuridão, deitei-me mais uma vez, lutei e me debati entre a cólera e o terror, até amanhecer. Então, finalmente, adormeci.

Dia alto, quando abri os olhos, com a impressão de ser quase meio-dia. Calcei os sapatos, tornei a empacotar o cobertor e tomei o rumo da cidade. Mais um dia sem sol. Eu tiritava como um cachorrinho, com as pernas entorpecidas, olhos choramingando como se não pudessem suportar a luz.

Três horas. A fome começava a ficar terrível. Extenuado, vinham-me náuseas; e enquanto caminhava, ia vomitando de vez em quando, disfarçadamente. Desci até o Restaurante Popular, li o cardápio e sacudi com desdém os ombros, como se carne de porco e presunto defumado não fossem comida para mim. De lá, desci para a Praça da Estrada de Ferro.

Um torpor estranho invadiu-me de súbito. Não quis prestar-lhe atenção, mas a coisa ia de mal a pior, e fui obrigado a sentar-me num patamar. Operava-se uma transformação total em minha alma; era como se no fundo do ser se houvesse aberto uma cortina, ou um tecido se houvesse rasgado no cérebro. Aspirando profundamente, ali me quedei, tomado de espanto. Não perdera consciência, sentia distintamente a dorzinha no ouvido — a ferida da véspera — e ao passar alguém de minhas relações, logo o reconheci, levantei-me e cumprimentei-o.

Que sensação nova era essa, que tortura diversa vinha juntar-se às outras? Seria consequência da noite passada sobre terra úmida? Ou resultaria, talvez, de não ter ainda almoçado? Para falar verdade, era

simplesmente absurdo viver assim. Pelas cinco chagas de Cristo: não podia compreender porque havia merecido essa perseguição especial. E veio-me repentinamente a ideia de que podia muito bem tornar-me um crápula, e, sem esperar mais nada, empenhar o cobertor a troco de uma coroa. Seriam três refeições suficientes

para subsistir enquanto procurava arranjar qualquer coisa.

Passaria um logro em Hans Pauli. Já estava a caminho do subsolo da casa de penhores, mas estaquei diante da porta, sacudi a cabeça, indeciso, e voltei para trás.

À medida que me afastava, sentia-me cada vez mais satisfeito por ter

vencido aquela tentação forte. A consciência de minha honestidade subiu-me à cabeça, inundando-me com o sentimento grandioso de que eu era um caráter, um farol de extrema claridade em meio ao oceano lamacento dos homens, entre destroços flutuantes. Penhorar objeto alheio para fazer uma refeição; beber e comer minha própria condenação; xingar-me na cara, de canalha, e baixar os olhos diante da consciência... jamais! Jamais! Nunca tivera seriamente essa ideia, no máximo ela me afluara. De fato, não podemos ser responsáveis por ideias vagas e fugitivas, sobretudo quando dói terrivelmente a cabeça, e, meio mortos de fadiga, arrastamos um cobertor pertencente a outro homem.

Sem sombra de dúvida, afinal de contas acharia meio de salvar-me, chegado o momento.

Aquele negociante de Grönland, por exemplo: tinha eu ido importuná-lo a cada instante, depois que lhe fizera o pedido? Bateria dia e noite à sua porta? Ele me mandara embora? Mas se

nem sequer voltei lá para procurar resposta. Nada leva a crer que seria uma tentativa absolutamente inútil; talvez a sorte me favorecesse dessa vez. Não raro, são estranhamente tortos os caminhos da fortuna. Toquei, pois, para a Rua de Grönland.

A comoção que havia pouco me abalara o cérebro deixara-me um tanto abatido. Caminhava com extrema lentidão, pensando no que iria dizer ao comerciante. Ele era talvez uma boa alma. Se lhe desse na veneta, quem sabe? adiantaria uma coroa pelo trabalho, sem que eu precisasse pedir. Tais pessoas podem, de tempos em tempos, ter generosas inspirações.

Meti-me debaixo de um portão, molhei de saliva os joelhos da calça, para dar-lhes aspecto mais conveniente, depusitei o cobertor num canto escuro, atrás de uma caixa, atravessei a rua a grandes passadas e entrei na lojinha.

Um homem colava sacos feitos com jornais velhos.

— Queria falar com o sr. Christie — disse eu.

— Sou eu mesmo — respondeu-me.

Muito bem. Chamava-me Fulano de Tal, tomara a liberdade de fazer- lhe um pedido, não sabia se tivera solução favorável.

Repetiu o meu nome várias vezes, e começou a rir.

— O senhor verá — disse-me, tirando minha carta do bolso. —
Queira ter a bondade de ver como o senhor lida com os números.
Sua carta é datada de 1848!

E caiu na gargalhada.

— Sem dúvida, é uma coisa desagradável, concordo. Mas foi um
lapso, uma distração...

— Está vendo? Eu preciso de alguém que de modo geral não se
engane com os algarismos. Sinto muito. Sua letra é muito distinta,
e além disso sua carta também me agradou, mas...

Esperarei um momento; não podia ser última palavra. O homem
voltou a colar sacos.

— Sim, é aborrecido — disse eu, então. — Sem dúvida, é
profundamente aborrecido; mas está claro que não se repetirá
mais. Esse pequeno lapso não quer dizer que eu seja inteiramente
incapaz como guarda-livros.

— Não digo isso. Entretanto, pareceu-me ter certa importância, e
me decidi por outro candidato.

— Quer dizer que o lugar está preenchido?

— Está.

— Ah, meu Deus, então não há mais nada a fazer. Nada.
Lamento muito, mas...

— Passe bem.

O furor subia em mim, inflamado, brutal. Fui procurar o pacote junto ao portão. Cerrei os dentes; esbarrei em transeuntes inofensivos na calçada, sem pedir desculpas. Um senhor deteve-se e censurou-me com certa aspereza esse procedimento. Virei-me, gritei-lhe ao ouvido uma só palavra, sem sentido, encostei-lhe o punho ao nariz e fui andando, rígido, com uma raiva cega, indomável. Ele chamou o guarda. Meu maior desejo era justamente pegar um guarda de jeito. Diminuí o passo para dar-lhe tempo de alcançar-me; o guarda, porém, não veio. Afinal, tinha sentido que minhas tentativas mais enérgicas e encarniçadas devessem todas malograr? Por que, por exemplo, havia escrito 1848? Que é que eu tinha com esse desgraçado milésimo? Agora, sentia tanta fome que os intestinos se enroscavam na barriga como serpentes, e em nenhuma parte estava escrito que arranjaría um pouco de comida antes do anoitecer. À medida que as horas passavam, eu me via cada vez mais carcomido física e moralmente, e deixava-me levar à prática de ações cada vez menos honestas. Para livrar-me de um aperto, mentira sem escrúpulo, furtara o aluguel a pobres-diabos. Tinha mesmo de lutar contra os pensamentos mais vis. Por exemplo, aquela ideia de fazer mão baixa sobre um cobertor alheio. Tudo isso sem peso na consciência, sem remorso. Manchas de putrefação começavam a surgir em meu ser, mofos enegrecidos que se estendiam cada

vez mais. E lá do alto, Deus me seguia com olhar atento, velando por que minha decadência se cumprisse conforme todas as regras da arte, com segurança e lentidão, em ritmo constante. Nos abismos do inferno, porém, demônios terríveis eriçavam-se de furor porque eu tardava a cometer um pecado mortal, um pecado imperdoável, que obrigasse Deus, em sua equidade, a precipitar-me lá embaixo...

Fui apertando o passo cada vez mais, dei uma virada súbita para a esquerda e, excitado, furioso, atravessei uma porta iluminada e decorada. Não me detive um segundo, e entretanto a singular ornamentação dessa portada me penetrou instantaneamente o espírito. Cada pormenor insignificante das folhas da porta, das molduras, do piso, estava presente e nítido à visão interior, enquanto subia a escada. Toquei com violência a campainha, no primeiro andar. Por que me detivera precisamente no primeiro andar? Por que puxara precisamente o cordão da campainha mais distante da escada?

Veio abrir uma jovem de costume cinza, com passamanes pretos. Lançou-me um olhar rápido, espantado, sacudiu a cabeça e disse:

— Não, hoje não temos nada.

E fez menção de fechar a porta. Por que não tivera sorte também com aquela mulher? Achara à primeira vista que eu era um mendigo, e isso me deixou calmo e frio. Tirei o chapéu, inclinei-me

respeitosamente e, como se não tivesse escutado suas palavras, disse com extrema polidez:

— Desculpe, senhorita, por ter tocado tão forte; não conhecia a campainha. Deve morar aqui um senhor doente, que botou um anúncio nos jornais; ele precisa de um homem para guiá-lo num carrinho.

A moça ficou um momento considerando esta mentira imaginosa. Parecia perplexa, sem saber o que pensar.

— Não — disse, afinal. — Aqui não mora nenhum senhor doente.

— Não mora? Um senhor de certa idade, duas horas de passeio por dia, quarenta öre por hora!

— Não, senhor.

— Então, peço-lhe mais uma vez que me desculpe. Talvez seja no rés- do-chão. Eu queria apenas recomendar, se fosse o caso, um homem que

conheço e pelo qual me interesso. Meu nome é Wedel Jarlsberg.

Cumprimentei de novo e saí. A moça corou até a raiz dos cabelos. O embaraço pregara-a no chão; seguia-me com os olhos, enquanto eu descia a escada.

Voltaram-me a calma e a lucidez. As palavras da moça — que não tinha nada naquele dia para me dar — foram uma ducha fria. Eu chegara a tal ponto que qualquer pessoa poderia mentalmente

identificar-me e dizer: “Ali vai um mendigo, um desses a quem as pessoas generosas dão um prato de comida, no vão da porta.”

Na Rua dos Moleiros, parei em frente a um restaurante, aspirando o cheiro apetitoso de carne assada. Já estava com a mão na maçaneta e ia entrar sem objetivo preciso, mas refleti a tempo e dei o fora. Chegando à Praça do Grande Mercado, procurei um lugar para breve repouso. Todos os bancos estavam ocupados; em vão contornei a igreja, à procura de um recanto tranquilo onde me instalasse. “Naturalmente! — disse a mim mesmo, com amargura — naturalmente!” E recomecei a andar. Desviei-me na direção do chafariz, à esquina do Mercado de Carne; bebi um gole d’água e continuei. Arrastava-me passo a passo, parando longamente diante de cada vitrina, estacando para seguir com os olhos um veículo que atravessava. Sentia na cabeça um calor intenso, luminoso, e uma batida estranha nas têmporas. A água me fizera muito mal; ia vomitando aqui e ali, na rua. Cheguei assim ao cemitério do Santo Cristo. Sentei-me, de cotovelos sobre os joelhos, com as mãos à cabeça. E era bom ficar assim, nessa posição concentrada, sem sentir mais aquela coisa a roer-me o peito por dentro.

A meu lado, um canteiro estava estendido de bruços, sobre uma grande peça de granito, e gravava uma inscrição. Tinha óculos azuis, e lembrou-me de repente alguém que eu havia quase

esquecido: um empregado de banco, encontrado há tempos no Café Oplandsk.

Se pudesse pôr a vergonha de lado e dirigir-me a ele! Dizer-lhe toda a verdade: que as coisas não iam lá muito bem, que tinha a maior dificuldade em viver. Podia dar-lhe os meus talões de barbeiro... Sim senhor, meus talões de barbeiro, que valiam quase uma coroa. Nervosamente, procuro esse tesouro maravilhoso. Não o encontrando tão depressa quanto queria, ponho-me em pé, de um salto, procuro, com suor de angústia na testa, e finalmente o descubro no fundo do bolso da frente, entre papéis, escritos ou em branco, sem valor. Conto e reconto os seis talões, ora num sentido ora noutro. Não tenho necessidade deles. Será um capricho, uma fantasia que me veio, não fazer mais a barba. E tenho à minha frente meia-coroa,

uma linda, branquinha meia-coroa, cunhada em Kongsberg. O banco fecha-se às seis horas; posso esperar o meu homem diante do Oplandsk, entre sete e oito.

Durante longo tempo regozije-me com essa ideia. As horas passavam, o vento soprava ríspido nos castanheiros, e o dia declinava. Não seria afinal um tanto ridículo ir assim, sem-cerimônia, oferecer seis talões de barba a um moço empregado no banco? Talvez ele tivesse no bolso dois cadernos cheios de talões muito mais elegantes e limpos do que os meus. Nunca se sabe. Apalpei os bolsos, à procura de qualquer coisa para juntar

ao caderno, sem encontrar nada. E se oferecesse, digamos, minha gravata? Eu podia muito bem passar sem ela, desde que abotoasse o paletó até em cima, o que aliás era obrigado a fazer, pois não tinha colete. Desatei a gravata, um grande plastrão que me tapava a metade do peito, limpei-o com cuidado e envolvi-o numa folha de papel branco, juntamente com os talões de barbeiro. Depois, saí do cemitério e rumei para o Café Oplandsk.

O relógio do Depósito Policial marcava sete horas. Comecei a andar nas imediações do café, de um lado para outro, diante do gradil de ferro, observando atentamente, submetendo entradas e saídas a severa fiscalização. Afinal, por volta de oito horas, vi o rapaz, lépido e elegante, subir a rua, atravessá-la e dirigir-se para o café. Percebendo-o, meu coração saltou como um passarinho; corri para ele e, sem mesmo cumprimentá-lo:

— Meia-coroa, amigo velho! — e, bancando o atrevido, meti-lhe o pacotinho na mão — aqui estão os valores.

— Não tenho — respondeu-me. — Deus é testemunha de que não tenho. — E revirou a carteira à minha vista. — Ontem à noite fiz uma farra, e fiquei limpo. Pode acreditar, não tenho meia-coroa.

— Está bem, está bem. Compreendo.

Acreditei. Não havia razão para que ele me mentisse por tão pouco. Além disso, pareceu-me que seus olhos azuis estavam

quase úmidos, enquanto ele vasculhava nos bolsos, sem encontrar nada. Fui-me embora.

— Desculpe! — disse-lhe. — É que eu ando um pouco apertado.

Já estava a certa distância, quando ele me chamou, mostrando o pacote.

— Fique com ele, fique com ele! — respondi-lhe. — Dou-o para você, de bom grado. São coisinhas de nada, bagatelas, e é quase tudo que possuo no mundo.

Eu mesmo fiquei comovido com essas palavras, tão desoladas, à meia-luz do crepúsculo, e comecei a chorar.

O vento refrescara; nuvens corriam rapidamente no céu, o frio aumentava com o cair da noite. Fui chorando pela rua afora; cada vez sentia mais pena de mim mesmo, e murmurava sem cessar as mesmas palavras, uma lamentação que fazia brotar novas lágrimas, quando pareciam estancar: “Meu Deus, como sou desgraçado! Meu Deus, como sou desgraçado!”

Uma hora se arrastou com lentidão infinita. Fiquei longo tempo na Rua do Mercado, sentando-me nos patamares, escondendo-me junto aos portões, quando alguém passava, espiando, sem objetivo, as lojinhas iluminadas, onde pessoas se agitavam em torno de mercadorias e de dinheiro. Finalmente, achei um canto mais aquecido atrás de uma pilha de tábuas, entre a igreja e o Mercado de Carne.

Não, não voltaria ao bosque essa noite, custasse o que custasse!
Não tinha forças para isso, o caminho era infinitamente longo. Iria
arranjar-me da melhor maneira possível durante a noite, ficando
onde estava. Se o frio fosse demasiado rigoroso, daria umas
voltas para os lados da igreja. Não queria saber de novas
complicações. Encostei-me ao monte de tábuas e entrei a cochilar.

Em torno, diminuía o rumor, lojas fechavam-se, os passos dos
transeuntes ressoavam cada vez mais raramente; pouco a
pouco a escuridão envolveu todas as janelas.

Abrindo os olhos, percebi um vulto à minha frente. Os botões
polidos, a brilharem na sombra, fizeram-me suspeitar que se
tratasse de um agente. Não podia ver-lhe o rosto.

— Boa noite — disse-me ele.

— Boa noite — respondi, medroso.

Levantei-me, embaraçadíssimo. Ele permaneceu imóvel por um
momento.

— Onde é que o senhor mora? — perguntou-me.

Por hábito, sem reparar, dei-lhe o antigo endereço, a pequena
mansarda que acabava de deixar.

Ele ficou outra vez imóvel por um momento.

— Fiz alguma coisa de mal? — perguntei-lhe, ansioso.

— Nada, absolutamente. Mas o senhor devia voltar para casa. Está muito frio para dormir aqui.

— É, está fresco, eu também acho.

Dei-lhe boa noite e tomei instintivamente o caminho do antigo domicílio. Andando com precaução, podia muito bem subir até lá sem ser

percebido; a escada tinha apenas oito lanços e os degraus só estalavam nos dois mais elevados.

À porta, tirei os sapatos. E subi. Tudo tranquilo. No primeiro andar, escutei o lento tique-taque do relógio, e uma criança que choramingava; depois, mais nada. Cheguei à porta, suspendi-a um pouco sobre os gonzos, e abri-a sem chave, como costumava fazer. Entrei no quarto e fechei-o sem ruído.

Tudo quedara no estado em que eu tinha deixado; nas janelas, as cortinas corridas de lado; a cama, vazia. Sobre a mesa, percebi um papel, talvez o meu bilhete à proprietária. Assim, nem sequer ela havia entrado lá, depois que eu saíra. A mão tateante avançou — para a mancha branca; estupefato, senti que era uma carta. Uma carta? Pego-a e chego à janela; tanto quanto possível na escuridão, examino as letras mal traçadas, e finalmente decifro o meu próprio nome. “Ah — pensei — é a resposta da proprietária. Proíbe-me voltar a pôr os pés no quarto, caso eu pense em entrar aqui para abrigar-me.”

E lentamente, muito lentamente, saio do quarto, carregando os sapatos numa das mãos, a carta na outra, o cobertor debaixo do braço. Ao pisar os degraus, que estalam, torno-me ligeiro; cerro os dentes e passo sem novidade por todos os andares; eis-me outra vez no vestíbulo.

Torno a calçar os sapatos, e ato os cordões; feito isso, fico mesmo sossegado por um momento, com o olhar perdido, sem pensar em nada, e a carta na mão.

Depois, levanto-me e vou-me embora.

A luz vacilante de um bico de gás pisca no alto da rua: posto-me bem debaixo do lampião, encosto o embrulho ao poste e abro a carta, isso tudo com extrema lentidão.

Um jato luminoso atravessa-me o peito; solto um grito, nota absurda de alegria: a carta é do redator-chefe; meu folhetim fora aceito e enviado imediatamente à composição. “Algumas pequenas modificações... Corrigidos alguns erros de cópia... cheio de talento... será publicado amanhã... dez coroas.”

Eu ria e chorava. Disparei a correr, subindo a rua; estaquei, dando tapas nas coxas; lancei ao ar pragas e invocações, sem objetivo, à toa. E o tempo passava.

A noite inteira, até amanhecer, cantei pelas ruas, ébrio de alegria, repetindo: “Cheio de talento!” Escrevera uma pequena obra-prima, algo de genial... e ganhara dez coroas.

SEGUNDA PARTE

SEMANAS MAIS TARDE, certa noite, eu estava fora de casa. Sentado novamente no cemitério, escrevia um artigo de jornal. Enquanto trabalhava, soaram dez horas; a noite caminhava, o portão ia ser fechado. Tinha fome, uma fome brava. Infelizmente, não tinham durado muito as dez coroas. Havia dois ou três dias que não punha comida na boca; deprimido, era com esforço que segurava o lápis. Trazia no bolso meio canivete, um molho de chaves, e nem um só níquel.

Quando se fechou o portão, deveria ter voltado diretamente para casa, mas perambulei ainda por algum tempo. Meu quarto, escuro e vazio, inspirava-me terror instintivo; era uma oficina de latoeiro abandonada, onde, finalmente, obtivera permissão para instalar-me em caráter provisório. Flanei a esmo, passei em frente ao Depósito Policial, desci até o mar, e fui sentar-me num banco, na estação ferroviária.

No momento, não tinha qualquer pensamento triste; esquecera a miséria, pacificava-me a vista do porto, plácido e belo na semiescuridão. Conforme o hábito, quis proporcionar-me um prazer, relendo o que acabara de escrever e que a meu cérebro enfermo se afigurava a melhor coisa que já fizera na vida. Tirei o manuscrito do bolso, aproximei-o dos olhos e percorri página por

página. Isso acabou me fatigando, e guardei o papel no bolso. Tudo estava tranquilo: o mar era infinita concha azul, e a meu redor passarinhos esvoaçavam em silêncio, daqui para ali. Pouco mais longe, o guarda fazia ronda. À parte isso, nem viv'alma, e todo o porto quedava em silêncio.

Torno a avaliar minha fortuna: metade de um canivete, o molho de chaves, nem um níquel sequer. Eis que remexo no bolso e tiro de novo o papel. É um ato mecânico, reflexo inconsciente. Procuro uma folha branca, uma bonita folha virgem e... Deus sabe de onde me vem a ideia. Faço com ela um cartucho e atiro-o o mais longe possível sobre a calçada. O vento leva-o um pouco mais adiante, mas ele se detém.

A fome começara a afetar o sistema nervoso. Olhava para o cartucho de papel branco, tão estufado que parecia um rolo de moedas de prata reluzente, e enganava-me a mim mesmo, querendo crer que ele encerrasse alguma coisa. Em voz alta, convidava-me a adivinhar a quantia... Se acertasse, seria minha. Imaginava bonitas moedinhas de dez öre no fundo, gordas coroas de candura, por cima... Um cartucho todo cheio de prata! Mirava-o com olhos arregalados e, cúmplice de mim mesmo, incitava-me a ir roubá-lo.

Então, escutei o guarda tossir. Por que me veio a ideia de fazer o mesmo? Levantei-me do banco e tossi três vezes, para que ele escutasse.

Ah, iria atirar-se sobre o cartucho, quando passasse por ali! Divertia-me com a boa peça, esfregava as mãos, encantado, e praguejava ruidosamente aos quatro ventos. Que cara havia de fazer aquele animal! Macacos me mordam se ele não degradingolar até as profundas do inferno, entre os tormentos mais cruéis, por essa brincadeira marota. Eu estava bêbedo de inanição, a fome embriagava-me completamente.

Minutos depois, aproxima-se o guarda, fazendo estalar no calçamento os tacões ferrados, e espiando em todas as direções. Faz isso devagar: tem toda a noite à sua frente; não vê o cartucho senão já bem pertinho. Para então, e observa-o. Tão branco, parece conter algo precioso; e tão bem colocado sobre o calçamento... Talvez uma pequena quantia, hein? Uma quantiazinha em moedas de prata?... Apanha-o. Hum! É leve, bem leve. Talvez uma pluma de valor, um enfeite de chapéu... Abre-o cautelosamente, com suas grossas patas, e arrisca um olho. Eu ria, ria, dando palmadas nas coxas, ria como um doido. E nem um som me saía da garganta, meu riso era silencioso e febril, tinha a profundidade de um soluço.

De novo passos na calçada; o guarda vai dar um giro pela estação. Com lágrimas nos olhos, sufocado por soluços, eu estava fora de mim, cheio de alegria febril. Comecei a falar alto, contando a mim mesmo a história do cartucho; imitava os gestos do pobre guarda, arriscando um olho com a mão em concha, e

repetia constantemente: “Ele tossiu e jogou fora! Tossiu e jogou fora!” A essas palavras acrescentava outras, dava-lhes um seguimento picante, reformulava a frase inteira, aguçando-a: “Ele tossiu uma vez, uuu!!”

Esgotei todas as variações possíveis sobre essas palavras, e a noite já ia alta quando a alegria cessou. Invadiu-me um torpor tranquilo, uma lassidão agradável, a que me abandonei sem resistência. A escuridão tornara-se um pouco mais densa, uma brisa leve cavava sulcos na concha marinha. Navios de cascos negros e mastros recortados contra o céu eram monstros silenciosos, com o pelo eriçado, de tocaia, à minha espera. Eu não sentia mais dor, a fome a suavizara; pelo contrário, era como se estivesse deliciosamente oco, sem contato com o que me cercava, feliz porque ninguém me via. Estendi as pernas no banco, virei-me para trás; assim, podia sentir, em sua plenitude, o bem-estar do desprendimento. Não pairava uma nuvem em minh’alma, nenhuma sensação de mal-estar; e por mais longe que fosse o pensamento, não me atormentava uma aspiração, um desejo insatisfeito. De olhos abertos, estendido, ausente de mim mesmo, num estado singular, sentia-me deliciosamente longe.

E, sempre, nenhum ruído que viesse importunar-me: a clemente escuridão ocultara o Universo a meus olhos, sepultara-me numa calma imperturbável... O mortiço rumor do grande e vazio silêncio vinha expirar a meus ouvidos. Ao chegar a noite, monstros negros

vinham aspirar-me; e levar-me para bem longe, para o outro lado do mar, através de regiões estranhas onde não vivem seres humanos. E me conduzirão ao castelo da princesa Ilaíali, onde me aguardam imprevistos esplendores, acima de qualquer esplendor humano. Ela está sentada num salão faiscante, onde tudo é de ametista; sentada num trono de rosas amarelas, estenderá a mão quando eu entrar, fazendo ouvir a saudação de boas-vindas, à minha aproximação; e me prosternarei: “Bem-vindo, cavaleiro! Bem-vindo ao meu país e à minha casa. Eu te esperei durante vinte primaveras, chamei por ti nas noites estreladas. Se estavas triste, eu chorava neste salão; quando dormias, inspirava-te sonhos deliciosos...” E a bela mulher toma-me da mão e acompanha-me, através de compridas galerias onde vastas legiões de homens exclamam: “Hurra!”, e através de claros jardins onde trezentas moças brincam e riem. Conduz-me a outro salão, e aí tudo é de esmeralda fulgurante. Sob a irradiação solar, nos corredores e galerias perpassa uma sinfonia arrebatadora; lufadas de perfume batem-me no rosto. Conservo sua mão na minha, sinto fluírem-me no sangue as loucas delícias do sortilégio. Passo-lhe o braço pela cintura, e ela diz baixinho: “Aqui, não. Mais adiante ainda...” Entramos no salão vermelho, todo em rubis, e mergulho em espumoso esplendor. Sinto-lhe os braços à volta do meu pescoço, seu hálito em minhas faces, e ouço-a murmurar: “Sê bem-vindo, amor. Dá-me um beijo! Outro... Outro...”

Do meu banco, diviso as estrelas bem por cima dos olhos; o pensamento flutua num turbilhão luminoso.

Adormecera, estendido no banco; era o guarda que me despertava, chamando-me impiedosamente à vida e à miséria. A primeira reação foi de espanto estúpido por me achar fora da linda estrela, mas logo cedeu lugar a amargo desalento. Quase chorava de tristeza por estar vivo. Chovera durante o sono; através da roupa ensopada, um frio úmido invadia o corpo. A escuridão tornara-se ainda mais espessa, e mal se faziam distinguir os traços do guarda à minha frente.

— Vamos — disse ele — levante-se.

Levantei-me. Se me mandasse deitar de novo, obedeceria da mesma maneira. Estava tão deprimido, completamente sem forças; além disso, num relâmpago, a fome voltara.

— Espere um pouco, idiota! — gritou-me o guarda. — Deixou aqui o seu chapéu. Bem, agora, vá saindo.

— Ah, bem que estava sentindo que tinha, como é mesmo?... que tinha esquecido uma coisa — gaguejei, com o espírito ausente. — Obrigado, boa noite!

Saí cambaleando. Se ao menos arranjasse um pedaço de pão para trincar. Um desses deliciosos pãezinhos de centeio, que a gente pode morder mesmo andando na rua... Imaginava, precisamente, a qualidade especial de pão de centeio que seria

bom conseguir. A fome, cruel, dava-me vontade de sumir, de morrer; tornei-me sentimental e caí em pranto. Minha miséria nunca teria fim. Bruscamente, detive-me em plena rua, bati com o pé na calçada, e praguejei em voz alta. Como é que ele me chamara: idiota? Vou mostrar àquele guarda o que acontece a quem me chama de idiota! Virei-me e voltei em disparada. Estava fulo, fervendo de ódio. No fim da rua, tropecei e caí, não liguei a isso, levantei-me de um salto e continuei a todo vapor. Ao chegar, porém, à Praça da Estrada de Ferro, estava tão cansado que não tive forças para continuar até a estação. Aliás, durante a corrida, passara a raiva. Estaquei, para recobrar fôlego. Pensando bem, que importância tinha o que dissera aquele tal de guarda? É, mas há coisas que não posso tolerar. Sem dúvida — porém ele nem se dera conta disso. Achei satisfatória esta desculpa. Repeti a mim mesmo que ele nem reparara nisso. E de novo fiz meia-volta. “Meu Deus! Que é que vais inventar? — dizia comigo, indignado. — Correr como um doido por essas ruas molhadas, em plena noite!” E a fome a roer-me por dentro; eu engolia saliva, na esperança de saciar-me, e parecia que dava resultado. Já durante semanas, antes desse jejum completo, alimentara-me muito pouco, e as forças tinham diminuído consideravelmente nos últimos tempos. Mesmo que, por um expediente qualquer, tivesse sorte de desencavar uma nota de cinco coroas, nunca esse dinheiro duraria bastante para permitir que me restabelecesse, antes que novo período de jejum desabasse sobre mim. As costas, sobretudo

as espáduas, haviam padecido muito. A sensação de roedura no peito, eu podia evitá-la ainda por um momento, tossindo alto, ou andando inteiramente curvado, mas, quanto às costas e às espáduas, não havia jeito. Como era possível que a situação se recusasse absolutamente a melhorar? Não teria eu, afinal, tanto direito a viver como qualquer um — como um livreiro-antiquário, Pascha por exemplo, ou um comissário-marítimo, Hennechen? Como se eu não tivesse ombros de gigante e braços vigorosos para o trabalho! Como se não tivesse chegado a pedir até um lugar de cortador de lenha, na Rua dos Moleiros, para ganhar o pão de cada dia! Era

preguiçoso? Não tinha procurado empregos, frequentado cursos, escrito artigos, estudado e trabalhado noite e dia como possesso? Não tinha vivido como avarento, alimentando-me de pão e leite quando dispunha de muito dinheiro; de pão seco, quando tinha pouco, e jejuando, quando não tinha nenhum? Morava por acaso em hotel? Tinha um apartamento inteiro no rés-do-chão? Morava num barraco, numa oficina de latoeiro, de onde toda gente fugira no inverno passado, porque nevava lá dentro. Assim, era-me absolutamente impossível compreender qualquer coisa.

Lá ia eu, refletindo em tudo isso, e no espírito não havia nem sombra de maldade, inveja ou amargura. Diante de uma casa de tintas, parei e olhei a vitrina. Tentei ler as etiquetas de algumas latas, mas estava muito escuro. Esse meu novo capricho irritou-

me; furioso, desesperado pela impossibilidade de descobrir o que continham aquelas latas, dei um soco na vitrina e fui-me embora. Percebi um guarda no alto da rua, aligeirei o passo, fui direto a ele e disse-lhe à queima-roupa:

— São dez horas.

— Não, são duas horas — respondeu-me, espantado.

— Não, são dez — insisti. — São dez horas. — E, resmungando de raiva, avancei mais alguns passos, cerrei o punho, e disse:

— Escute aqui: são dez horas.

Ele refletiu um instante, examinou minha fisionomia, encarou-me, estupefato. Afinal, disse muito docemente:

— De qualquer modo, já é tempo de voltar para casa. Quer que o acompanhe?

A amabilidade desarmou-me; lágrimas me subiram aos olhos, e apressei-me a responder:

— Não, obrigado. Apenas me atrasei um pouco demais da conta, no café. Agradeço-lhe muito.

Levou a mão ao boné, quando me afastei. Sua amabilidade me esmagara; comecei a soluçar porque não tinha cinco coroas para dar-lhe. Parei, acompanhando-o com o olhar; seguia seu caminho a passos lentos; esmurrei a testa e chorei cada vez mais violentamente, à medida que ele se afastava. Invectivei-me por

minha pobreza, atribuí-me nomes de pássaros, inventei apelidos chocantes, injúrias grosseiras, que eram achados extraordinários, lançando-as a mim mesmo. Assim continuei até chegar em casa. À porta, verifiquei que tinha perdido as chaves.

“Mas é claro! — pensei com amargura. — Por que não perderia as chaves? Moro num pátio, onde há uma cocheira embaixo e uma oficina de latoeiro em cima. O portão está fechado à noite, e ninguém, absolutamente

ninguém pode abri-lo; não é o bastante para que eu perca as chaves? Estou molhado como um cachorro, tenho fome, pouca, é verdade, só um pouquinho de fome, e os joelhos estão moídos uma coisinha de nada. Então, como poderia deixar de perder as chaves? Afinal, por que é que esta própria casa não muda de lugar, não vai para o Bairro de Aker, para que eu não a encontre mais quando voltar?...” E ria comigo mesmo, insensibilizado pela fome e pelo frio.

Ouvia os cavalos escarvarem o chão, na cocheira, e podia divisar, lá em cima, a janela de meu quarto. Mas era impossível abrir a porta, como era impossível introduzir-me no pátio. Exausto, com amargor na alma, resolvi voltar à Praça da Estação, em busca das chaves.

A chuva recomeçara, e já me atravessava o paletó nos ombros. Em frente ao Depósito, veio-me de repente uma ideia

luminosa: pediria à polícia que me abrisse a porta. Logo me dirigi ao guarda e pedi-lhe com empenho que, se fosse possível, me acompanhasse para ajudar-me a entrar em casa.

— Ah, se fosse possível, perfeitamente. Mas não há jeito, não sou eu quem tem as chaves. As chaves da polícia não estão comigo, estão na sala dos inspetores.

— Que fazer, então?

— Ora. O jeito é dormir no hotel.

— Acontece que não posso dormir no hotel; estou sem dinheiro. Fiz uma farra no café, o senhor compreende?...

Assim ficamos por um momento no patamar do Depósito. Ele matutava, examinando meu rosto. A chuva caía torrencialmente.

— Então, vá ao posto da guarda e peça que o recolham como desabrigado — disse ele.

Desabrigado? Não havia pensado nisso. Ora bolas, era uma boa ideia. Agradei imediatamente ao guarda a ótima lembrança.

— Então, é só entrar e dizer que estou desabrigado?

— Só isso.

— Seu nome? — perguntou-me o inspetor de plantão.

— Tangen... André Tangen.

Não sei porque menti. Meus pensamentos flutuavam, dispersos; acudiam-me impulsos extravagantes, em dose maior que a conveniente. Inventei num segundo esse nome tão diferente do meu, e lancei-o sem premeditação. Mentira sem necessidade.

— Profissão?

Ele me encostava à parede. Ah! Pensei, a princípio, em tornar-me latoeiro; faltou coragem. Dera um nome que não é comum entre latoeiros; além disso, usava óculos. Resolvi ser audacioso; dei um passo à frente, e disse em tom firme, solene:

— Jornalista.

O secretário levou um susto, mas anotou. Eu me conservava diante da barra, majestático como ministro sem teto. Não despertei a menor suspeita.

O secretário compreendia perfeitamente que eu houvesse hesitado em responder. Quem havia de dizer: um jornalista sem ter onde cair morto, indo parar no Depósito!

— De que jornal, senhor Tangen?...

— Do Morgenbladet. Tive a pouca sorte de farrear até tarde, e...

— Não toquemos no assunto — interrompeu-me, acrescentando com um sorriso: — Coisas da mocidade... Sabemos o que é isso.

Ergueu-se, inclinou-se polidamente e, dirigindo-se a um guarda, recomendou-lhe:

— Conduza esse senhor à seção especial. Boa noite!

Senti frio na espinha, ao pensar na minha audácia, e, enquanto caminhava, ia apertando os punhos para conter-me.

— O gás fica aceso dez minutos — disse o guarda, estacando à porta.

— E depois se apaga?

— Depois se apaga.

Sentei-me na cama e ouvi girar a chave. A célula era clara, agradável. Estava bem abrigado e ouvia, com sensação de bem-estar, a chuva caindo lá fora. Não podia desejar nada melhor do que essa célula, tão íntima. Meu contentamento ia crescendo.

Sentado na cama, com o chapéu na mão, os olhos fixos na chama do gás junto à parede, entrei a repassar as circunstâncias do meu primeiro contato com a polícia; como soubera enganá-la! Tangen, jornalista; que tal? E depois, o Morgenbladet. Atingira o homem no coração, ao dizer Morgenbladet. Não toquemos no assunto, hein? Ficara na festa da Presidência do Conselho até duas horas, esquecera em casa a chave e uma carteira com algumas notas de mil... Conduzam este senhor à seção especial.

Súbito, o gás apagou-se. Com uma subitaneidade surpreendente, sem baixar, sem diminuir. Imerso em escuridão profunda, não podia distinguir as mãos, as paredes brancas em redor, nada. Não havia outra coisa a fazer senão meter-me na cama.

Despi-me. Não tinha sono, impossível dormir. Fiquei estendido um momento, olhando a escuridão, aquela treva sem fundo, espessa, maciça,

que eu não podia conceber. O espírito era incapaz de captá-la. Estava escuro além de toda escuridão, e a escuridão oprimia-me. Cerrei os olhos, cantarolando baixinho, mudei de lugar no catre para distrair o espírito, sem resultado. A escuridão tomara posse de meu pensamento, não me deixava um instante de repouso. Eu próprio não me estaria dissolvendo em trevas, não fazia um todo com elas? Levantei-me da cama para mover os braços.

O nervosismo dominara-me completamente; fazia tudo por vencê-lo sem resultado. Estava ali, presa das mais estranhas fantasias, impondo silêncio a mim mesmo, trauteando cantigas de ninar, suando com o esforço por acalmar-me. Tinha olhos fixos nas trevas; nunca vira trevas iguais na vida. Sem a menor dúvida, achava-me em presença de uma espécie particular de trevas, um elemento maluco, não observado por ninguém. As imaginações mais ridículas preocupavam-me, todas as coisas metiam medo. O buraquinho na parede, perto do catre, muito me inquietava: era a marca de um prego, suponho — simples marca na parede. Apalpei-o, soprei dentro dele, tentando avaliar-lhe a profundidade. Não era um buraco inocente, de maneira alguma; era um buraco realmente suspeito, misterioso, de

que devia desconfiar. Completamente fora de mim, ao impulso da curiosidade e do terror, obcecado pela ideia desse buraco, tive finalmente de sair da cama e procurar pedaço de canivete para medir a profundidade do orifício e convencer-me de que não penetrava até a célula vizinha.

Tornei à cama para tentar dormir; na realidade, para recomeçar a luta com as trevas. Fora, a chuva cessara; não vinha nenhum ruído. Continuei por algum tempo à escuta de passos na rua, e não descansei enquanto não passou um pedestre, um guarda, a julgar pelo som. E eis que comecei a estalar os dedos, e a rir. Era terrivelmente engraçado! Ah, parecia-me ter achado uma palavra nova! Sentei-me na cama dizendo: “Não existe isso na língua, fui eu que inventei: Kuboa. Tem letras, como uma palavra. Pela graça de Deus, rapaz, inventaste uma palavra! Kuboa... de grande importância gramatical.” Via distintamente a palavra diante de mim, nas trevas.

Fiquei assim, de olhos abertos, surpreso com o achado, rindo de alegria. Entrei a falar banco; poderiam escutar, e era meu propósito manter secreta aquela invenção. Chegara à completa loucura da fome, sentia-me oco, sem sofrimento, já não detinha as rédeas da imaginação. Refletia calado, metido em mim. Mediante saltos extraordinários de raciocínio, procurei aprofundar o sentido da nova palavra. Nada a compelia a significar “Deus” ou “Tivoli”. Quem disse que quer dizer:

“exposição de gado”? Cerrei violentamente o punho, e repeti:

“Quem disse que significa

exposição de gado?” Pensando bem; nem era necessário que significasse “cadeado” ou “amanhecer”. A uma palavra como essa, não é difícil atribuir sentido. Esperaria, até que ele viesse. Nesse meio tempo, dormiria sobre o assunto.

Rio zombeteiro, em silêncio; não me pronuncio a favor ou contra. Passam-se minutos, e fico nervoso; a palavra nova me atormenta, implacável; está sempre voltando ao pensamento, acaba por obcecá-lo; a coisa é séria. Eu firmara juízo sobre o sentido que ela não devia ter; não tomara qualquer decisão sobre o sentido que devia ter. “É uma questão secundária” — declarei alto. Tomo-me pelo braço, repito que é uma questão secundária. A palavra foi achada, graças a Deus; é o principal. Acontece, porém, que o problema continua me torturando, e impede-me de dormir; nada parece bastante bom para essa palavra rara. Afinal, sento-me na cama, ponho as mãos à cabeça e digo: “Não, isso precisamente é que é impossível: fazer com que signifique ‘emigração’ ou ‘fábrica de cigarros’! Se ela pudesse exprimir alguma coisa no gênero, há muito que me teria decidido pelo significado, assumindo responsabilidade.” Não, em verdade a palavra é própria para significar algo psíquico: sentimento, estado de alma... Será que não consigo compreender? Puxei pela memória, em busca de algo psíquico. Tive a impressão de que alguém se metera na

conversa, e respondi-lhe furiosamente: “Sabe de uma coisa? Idiota como você não existe. ‘Lã para tricotar?’ Vá para o diabo! Por que seria obrigado a dar-lhe o sentido de ‘lã para tricotar’, quando me repugna especialmente que signifique ‘lã para tricotar’? Fui eu que inventei a palavra e, assim sendo, é meu direito absoluto dar-lhe qualquer sentido. E ainda não me pronunciei, ao que me consta...”

Cada vez mais, porém, o cérebro se embrulhava. Finalmente, saltei para fora da cama, em direção à torneira. Não estava com sede, mas ardia em febre, e tinha a necessidade imperiosa de água, necessidade instintiva. Bebi e voltei para a cama, disposto a dormir de qualquer maneira. Cerrei os olhos, impondo-me sossego. Estendido longo tempo, sem fazer movimento, e banhado em suor, o sangue corria violentamente nas artérias. De qualquer modo, era impagável; era engraçadíssimo que o guarda houvesse procurado dinheiro naquele cartucho... De fato, ele tossiu apenas uma vez. Estará de serviço ainda a esta hora? Sentado em meu banco? Concha azul... Navios...

Abri os olhos. Para que fechá-los, se não podia dormir? As mesmas trevas reinavam em torno, a mesma insondável e negra eternidade, contra a qual o espírito se revoltava, incapaz de assimilá-la. A que poderia compará-la? Fiz os mais desesperados esforços para achar uma palavra bastante negra a meu gosto, que designasse aquela

escuridão; palavra tão pavorosamente negra que me enegrecesse a boca, ao ser pronunciada. Santo Deus! Que escuridão! Eis-me de novo a pensar no porto, em navios, em monstros negros à espera. Iam aspirar-me, engolir-me, reter-me como prisioneiro, e navegar, levando-me através de mares e terras, através de reinos sombrios, jamais vistos por alguém. Estou a bordo; sou atirado à água; paio entre nuvens; vou descendo, descendo... Solto um grito rouco, de angústia, e agarro-me à cama. Fizera uma perigosa viagem, degringolando pelos ares como um pacote. Que sentimento de salvação, ao apalpar o catre duro! “É assim que a gente morre — pensei comigo — e tu vais morrer.” Fico um instante a refletir: vou morrer. Sento-me na cama e pergunto severamente: “Quem disse que vou morrer? Fui eu que achei a palavra, tenho pleno direito de decidir o que deve significar.” Senti que delirava; senti-o antes que acabasse de falar. Era um delírio feito de fraqueza e de esgotamento, porém não perdera a consciência. De repente, uma ideia varou-me o cérebro, a ideia de que enlouquecera. Tomado de pavor, saltei da cama, fui cambaleando até a porta, e tentei abri-la; arremessei-me duas ou três vezes contra ela, para arrombá-la; mordi os dedos, chorei, praguejei...

Tudo estava tranquilo; só minha voz repercutia nas paredes. Eu desabara no chão, incapaz de mover-me por mais tempo na célula. Então percebi, bem diante dos olhos, um quadrado

cinzento na parede ao alto, um toque de branco, uma suspeita... Era a claridade do dia. Ah, como respirei deliciosamente! Atirei-me ao chão de barriga para baixo, chorei de alegria ante aquele clarão bendito, aquele anúncio da luz; entre soluços de gratidão, joguei beijos para a janela, como doido. Também nesse momento estava consciente do que fazia. De um golpe, todo desânimo havia desaparecido, todo desespero e sofrimento haviam cessado; já não tinha qualquer desejo insatisfeito, por muito que procurasse. Sentado no chão, juntei as mãos e esperei pacientemente a aurora.

Que noite, aquela! Mas o fato de não haverem escutado o barulho me enchia de espanto. É verdade que estava na seção especial, bem por cima de todos os presos. Era um ministro sem teto, se ousou exprimir-me assim. Sempre de excelente humor, com olhos voltados para a parede, para a vidraça cada vez mais clara, divertia-me brincando de ministro, chamava-me de Von Tangen e me dirigia a palavra em estilo protocolar. Não deixara de devanear, porém estava menos nervoso. Ah, se não tivesse cometido a lamentável imprudência de deixar a carteira em casa! Não terei a honra de

levar o Sr. Ministro para o leito? E com suprema seriedade, e cerimônia muita, fui para o catre e deitei-me.

Agora estava tão claro que já quase se distinguiam os contornos da célula; pouco mais tarde, pude ver o enorme ferrolho da porta.

Isso me divertia. A escuridão uniforme, de espessura tão irritante, espessura tal que me impedia de enxergar a mim mesmo, fora rompida. O sangue acalmou-se, e os olhos se fecharam logo.

Despertaram-me pancadas na porta. Pulei da cama a toda pressa, vesti-me rapidamente; as roupas estavam ainda úmidas de chuva.

— Quer apresentar-se ao inspetor do dia? — perguntou o guarda.
“Então há formalidades a preencher?” — pensei horrorizado.

Entrei num salão do andar térreo, onde estavam sentadas trinta a quarenta pessoas, todas sem domicílio. Uma a uma, eram chamadas por ordem de registro, e cada uma recebia um bônus de — víveres. A todo momento o inspetor dizia ao guarda, a seu lado:

— Ele já ganhou o bônus? Não se esqueça de lhe dar o bônus.
Parece muito necessitado de uma refeição.

Eu olhava para os bônus, desejoso de ganhar um.

— André Tangen, jornalista! Adiantei-me e inclinei-me.

— Meu Deus! Como foi que o senhor veio parar aqui?

Expliquei o caso, contando a mesma história da véspera; menti de olhos abertos, sem pestanejar, menti com sinceridade: “Infelizmente, farreei um pouco além da conta num café, e perdi a chave...”

— Bem — disse ele, sorrindo — é isso mesmo. Dormiu bem, pelo menos?

— Como um ministro... Sim. Como um ministro!

— Encantado! — respondeu-me, erguendo-se. — Passe bem!

Fui-me embora. Um bônus, um bônus para mim também! Estava havia três longos dias e três longas noites sem comer. Um pão... Mas ninguém me ofereceu um bônus, e não tive coragem de reclamá-lo. Instantaneamente, isso despertaria desconfiança. Começariam a remexer em minhas coisas, descobririam quem eu era realmente; e me deteriam por falsa alegação. De cabeça erguida, com a atitude de um milionário, de mãos presas ao forro do paletó, retirei-me do Depósito.

O sol brilhava, já quente; eram dez horas, e o movimento chegara ao auge no Mercado Young. Que direção tomaria eu? Botei a mão no bolso e apalpei o manuscrito. Quando fosse onze horas, tentaria avistar-me com o redator-chefe. Apoiei-me um instante à balaustrada, observando o movimento lá embaixo. Uma espécie de vapor úmido começava a desprender-se de minha roupa. A

fome reapareceu, dilacerando-me o peito, sacudindo-me, provocando dores, finas picadinhas que me faziam sofrer. Não existiria realmente nenhum amigo, nenhum conhecido a quem me dirigisse? Procurei lembrar-me de alguém capaz de arranjar-me dez öre, não achei. Entretanto, o dia estava esplêndido: muito sol, muita luz em redor; o céu espraiava-se como um oceano delicado, sobre as montanhas de Lier...

Sem perceber, tomara o caminho de casa. Tinha uma fome terrível. Apanhei no chão um graveto e masquei-o. Foi bom. Como é que não havia pensado nisso antes?

A porta estava aberta; o palafreheiro deu-me bom-dia, como de costume, exclamando:

— Que tempo!

— É mesmo.

Foi tudo que achei para dizer. Iria pedir-lhe que me emprestasse uma coroa? De certo o faria de bom grado, se pudesse.

Aliás, certa vez, eu redigira uma carta para ele.

Ficou ruminando algo que queria dizer.

— Que tempo, hein? Tenho que pagar hoje à proprietária. Será que o senhor podia ter a gentileza de me emprestar cinco coroas? Já me fez um favor, há tempos...

— Não, é de todo impossível, Jens Olai. Agora, não. Talvez mais tarde, talvez esta tarde mesmo.

Subi, cambaleando, a escada do meu quarto. Lá dentro, atirei-me à cama e comecei a rir. Não era divertido que ele houvesse passado à minha frente? Minha honra estava salva; cinco coroas! Deus te ajude, amigo! Bem que poderias ter-me pedido cinco ações do Restaurante Popular ou uma vila em Aker.

O caso das cinco coroas fazia-me rir cada vez mais. Não era mesmo um pobre-diabo impagável? Cinco coroas... Ah, ele acertara em cheio. A alegria, num crescendo, tomava conta de mim. Puxa, mas que cheiro de cozinha, aqui! Cheiro forte da costeleta do almoço, arre! Abro a janela para arejar, expulsar esse cheiro repugnante. Garçom, meio bife! Voltado para a mesa, essa mesa capenga que precisava escorar com os joelhos à hora de

escrever, inclino-me profundamente e digo: “Permita-me uma pergunta: aceita um copo de vinho? Não? Sou Tangen, o ministro Tangen. Infelizmente, tive uma noitada boêmia, um tanto prolongada... A chave do portão...”

O espírito, desenfreado, fugiu de novo por estradas aventureiras. Eu continuava percebendo a incoerência de minhas palavras; não dizia uma só sem entendê-la e compreendê-la. Falei comigo: “Você já começa a divagar!” Entretanto, não podia deixar de fazê-

lo. Era como se estivesse deitado, sem dormir, conversando em imaginação. A cabeça estava leve, sem dor, inteiramente despreocupada; a alma, sem nuvens. Deixei-me ir à deriva, sem a menor resistência.

— Entre! É isso mesmo, pode entrar. Veja, tudo é de rubi. Ilaiáli, Ilaiáli! No divã de seda vermelha, veludosa... Como respira desordenadamente! Um beijo, amada minha, mais outro, outro. Teus braços são de âmbar, teus lábios são de fogo... Garçom, pedi um bife!

O sol entrava pela janela; eu escutava os cavalos mastigando aveia, lá embaixo. E mascava também o meu graveto, com humor jovial, de alma feliz como uma criança. A cada instante apalpava o manuscrito; nem pensava nele, mas o instinto afirmava sua existência, e meu sangue o recordava. Tirei-o do bolso.

Estava úmido; desdobrei-o e expu-lo ao sol. Comecei a andar de um lado para outro. Como era deprimente o aspecto do quarto! Em toda a volta, no soalho, pequenas aparas de folha-de-flandres; nem uma cadeira para sentar, nem sequer um prego nas paredes nuas. Tudo fora parar na casa de prego, tudo fora devorado. Algumas folhas de papel na mesa, cobertas de espessa poeira, constituíam toda a minha fortuna. O velho cobertor verde sobre a cama era de Hans Pauli, de quem o tomara emprestado havia meses... Hans Pauli! Esfreguei os dedos. Hans Pauli Pettersen viria em meu auxílio! Tentei lembrar-me de seu endereço. Como podia

ter-me esquecido de Hans Pauli? Certamente, ele ficaria aborrecidíssimo pelo fato de eu não me ter dirigido imediatamente a ele. Afobado, pus chapéu, apanhei o manuscrito, desci a escada a galope.

— Escute, Jens Olai — gritei para a cocheira — tenho certeza de que poderei fazer alguma coisa por você, hoje à tarde!

Chegando ao Depósito, vi que era mais de onze horas, e resolvi ir imediatamente ao jornal. À porta da redação, detive-me para verificar se os originais estavam bem arrumados na ordem de paginação; alisei-os com cuidado, tornei a botá-los no bolso, e bati. Podia escutar as pancadas do coração, ao entrar.

Encontrei o “Tesoura” em seu posto, como de costume. Perguntei-lhe timidamente se estava o redator-chefe. Nenhuma resposta. Armado de sua grande tesoura, o homenzinho catava pequenas notícias nos jornais de província.

Repeti a pergunta e fui andando pela sala.

— O redator-chefe ainda não chegou — disse afinal o “Tesoura”, sem erguer os olhos.

— Quando virá?

— Não posso informar. Não sei de nada.

— Até que hora a sala dele fica aberta?

Esta pergunta não recebeu resposta, e fui forçado a retirar-me. Durante esse tempo, “Tesoura” não me lançara um olhar. Ouvira minha voz, e por ela me reconhecera. “Como você é malvisto aqui!” — pensei comigo.

— Nem mesmo se dignam responder-lhe. “Será por ordem do redator- chefe?” Devo esclarecer que, logo após o recebimento do meu famoso folhetim de dez coroas, eu o inundara de trabalhos, e quase todos os dias entrara sem cerimônia em seu escritório, levando coisas inaproveitáveis que ele tivera de ler de ponta a ponta, antes de devolvê-las. Queria talvez ficar livre disso, tomando suas precauções... Rumei para o Bairro de Homansbyen.

Hans Pauli Pettersen era um estudante do interior. Morava na mansarda de uma casa de quatro andares; portanto, era pobre, mas se dispusesse de uma coroa não seria capaz de recusá-la. Eu a obteria — tinha tanta certeza disso que era como se a tivesse na mão. E ao longo do caminho já me deliciava com essa coroa, certo de possuí-la. O portão estava fechado; tive de tocar.

— Desejo falar com o Sr. Pettersen, o estudante — disse eu, mostrando desejo de entrar. — Sei qual é o quarto dele.

— Sr. Pettersen, o estudante? — repetiu a empregada. — Um que morava na mansarda? Mudou-se. Não sei para onde, mas ele

pediu que suas cartas fossem remetidas para a Casa Hermansen, na Rua da Alfândega.

E a empregada deu-me o número. Confiante, cheio de esperança, fui à Rua da Alfândega, para indagar o endereço de Hans Pauli. Era o último recurso, tinha de aproveitá-lo. No caminho, passei diante de uma casa recentemente construída; na calçada, dois carpinteiros aplainavam tábuas. Apanhei no monte dois gravetos luzidios, botei um na boca e outro no bolso, para mais tarde. E continuei a andar, gemendo de fome. Vira no mostruário da padaria um pão de dez öre, extraordinariamente grande, o maior que se poderia imaginar por esse preço.

— Vim pedir-lhe o endereço do estudante Pettersen.

— Rua Bernt Anker, 10, mansarda. O senhor vai lá? Nesse caso, tenha a bondade de levar umas cartas que chegaram para ele.

Subo para a cidade, pelo mesmo caminho que tomara na vinda, e torno a passar diante dos carpinteiros. Agora estão sentados, com suas marmitas entre os joelhos, e comem o gostoso almoço quente do Restaurante Popular. Passo outra vez em frente à padaria; o pão lá está no mesmo lugar. Chego enfim à Rua Bernt Anker, semimorto de inanição. A porta está aberta, imponho-me a obrigação de subir toda a rude escadaria; até a mansarda. Tiro as cartas do bolso, para despertar o bom humor de Hans Pauli logo de entrada. Certamente não me recusará essa

ajuda, quando lhe explicar as circunstâncias. Claro: Hans Pauli tem um coração de ouro, eu sempre disse isto.

Na porta, vejo o cartão: “H. P. Pettersen, estudante de teologia. Ausente, em visita à família”.

Sento-me ali mesmo, no soalho, tomado de torpor, num surdo cansaço. Repito maquinalmente, muitas vezes: “Ausente, em visita à família. Ausente, em visita à família.” Depois, fico silencioso. Não tenho lágrima nos olhos; não tenho um pensamento, um sentimento. De olhos dilatados, quedo-me contemplando as cartas, sem compreender nada.

Dez minutos se passaram, talvez vinte, ou mais; continuava sentado no mesmo lugar, sem mover um dedo. Triste torpor, que mais parecia sonho. Afinal, ouvi alguém subir a escada, levantei-me e disse:

— É para o Sr. Pettersen, estudante... Tenho duas cartas para ele.

— Foi visitar a família — respondeu a mulher. — Volta depois das férias. Se quiser, posso ficar com as cartas.

— Sim, obrigado, está bem. Assim ele as recebe quando voltar. Talvez sejam importantes. Até logo.

Parei do lado de fora, e, em plena rua, disse alto, cerrando os punhos: “Vou te dizer uma coisa, meu querido e bom Deus: és um

pândego!” E furioso, com os dentes cerrados, voltei a cabeça para as nuvens. “O diabo me leve, mas és um pêndego!”

Dei alguns passos, estaquei de novo. Mudando subitamente de atitude, juntei as mãos, inclinei a cabeça para o lado e, com voz doce e untuosa, perguntei: “Mas então o invocaste, meu filho?”

A entonação não era justa. “Com O grande — emendei — com um O do tamanho de uma catedral.” É tempo! “Mas então O invocaste, meu filho?” Baixei a cabeça e tomei um ar aflito, para responder: “Não.”

Ainda desta vez, a entonação soara falso. Vamos deixar de hipocrisia, louco. Deves dizer: “Sim, invoquei meu Deus e meu Pai.” Deves dar a tuas palavras a melodia mais comovedora que já tenhas escutado. Vamos, é tempo. Sim, agora saiu melhor. Mas deves suspirar, suspirar como um cavalo que tem cólica. Assim! Dou-me a lição à medida que caminho; bato o pé, impaciente, quando não sai bem, e trato-me de pedaço-de-asno, para grande pasmo dos transeuntes, que se voltam a contemplar-me.

Mascava incessantemente o graveto e caminhava cambaleando pelas ruas, tão depressa quanto podia. Sem me dar conta, chegara à Praça da Estrada de Ferro. O relógio de São Salvador marcava uma hora e meia. Parei um instante, refletindo. Um suor de cansaço perlava meu rosto, escorria pelos olhos. “Vamos dar

uma volta na estação” — disse a mim mesmo. “Se houver tempo, é claro.” Cumprimentei-me e desci à estação ferroviária.

Lá estavam os navios no porto, e o mar ondulava ao sol. Por toda parte, movimento, atividade, mugir de sirenas, carregadores com fardos às costas, cantos alegres de rebocadores de chalupa. Perto de mim está sentada uma doceira, com o nariz escuro inclinado sobre a mercadoria; a mesinha à sua frente é um monte enlouquecedor de gulodices, e afasto-me com repugnância. Toda a plataforma se enche de cheiro de comida. Puxa, abram as janelas! Dirijo-me a um senhor sentado junto a mim e chamo sua atenção, da maneira mais enérgica, para esse abuso: doceiras aqui, doceiras ali... Não? Entretanto, ele há de convir que... Mas o sujeitinho, desconfiado, nem me deixou acabar; levantou-se e foi embora. Levantei-me também e segui-o, disposto a convencê-lo do seu engano.

— Mesmo do ponto de vista da higiene — disse-lhe, pondo a mão em seu ombro.

— Desculpe, sou estrangeiro, não conheço nada dos regulamentos de higiene — respondeu-me, olhando-me assustado.

— Ah, bem, se é estrangeiro, o caso muda de figura. Não posso prestar-lhe algum serviço? Levá-lo a visitar a cidade? Seria um prazer para mim e não lhe custaria nada...

Mas o homem queria a todo custo ver-se livre de mim, e atravessou a rua a largos passos, para tomar a outra calçada.

Voltei para o banco e sentei-me. Estava agitadíssimo, e o grande realejo que começara a tocar um pouco mais longe agravou ainda minha agitação. Música rígida, metálica — um fragmento de Weber, servindo de acompanhamento a uma garota que entoava uma canção melancólica. O

realejo emitia tons de flauta, impregnados de sofrimento, que se infiltravam em meu sangue. Os nervos puseram-se a vibrar em uníssono; um instante depois, eu caía de costas no banco, gemendo e trauteando a ária de Weber. Que é que não inventam as sensações, quando a gente tem fome? Sinto-me absorvido por essa música, dissolvido, tornado música; e fluo, sinto-me distintamente fluir, pairando alto sobre montanhas, dançando em zonas luminosas.

— Um öre — disse a menina, estendendo o prato de alumínio —, um pequeno öre.

— Pois não — respondi, inconscientemente, levantando-me de um salto e remexendo nos bolsos.

Mas a garota pensou que eu estava brincando, e afastou-se logo, sem dizer palavra. Essa resignação muda era demais para mim: preferia que me houvesse injuriado. A dor me punziu; chamei a garotinha:

— Não tenho um öre, mas me lembrarei de você mais tarde, talvez amanhã. Como é que você se chama? Ah, bonito nome, não o esquecerei. Então, até amanhã.

Embora ela não me dissesse uma palavra, compreendi que não acreditava em mim, e chorei de desespero porque essa garota de rua não queria dar-me crédito. Chamei-a mais uma vez, tirei rapidamente o paletó para lhe dar o colete: — Vou indenizar você, espere um momento...

Mas eu não tinha colete. E como poderia tirá-lo, se havia semanas que ele não estava mais em meu poder? Que ideia a minha, afinal? A menina, espantada, não esperou mais tempo, afastou-se apressadamente. Fui obrigado a deixá-la ir-se embora. Pessoas se aglomeravam em torno, rindo alto; um guarda atravessou a multidão e aproximou-se, querendo saber o que se passava.

— Nada, absolutamente — respondi —, nada, absolutamente! Queria apenas dar o meu colete àquela garotinha. Para o pai dela... Os senhores não precisam rir dessa maneira. Voltaria à casa e poria outro.

— Nada de macaquices na rua! — disse o guarda. — Vamos, fora. E empurrou-me pelos ombros, gritando:

— Esses papéis são seus?

— Oh, diabo, são! Meu artigo para o jornal, e um mundo de trabalhos importantíssimos! Como é que fui tão imprudente?

Tomei posse do manuscrito, certifiquei-me de que as laudas estavam em ordem, e fui para o jornal, sem me deter um instante nem olhar em redor. Eram quatro horas, no relógio de São Salvador.

A redação estava fechada. Deslizei sem ruído escada abaixo, como ladrão, e parei, indeciso, depois de atravessar a porta. Que iria fazer? Encostei-me à parede, com os olhos fixos na calçada, e refleti. Um alfinete brilhou no chão, a meus pés; abaixei-me, apanhei-o. Se despregasse os botões do paletó, quanto me dariam por eles? Talvez não valessem nada. Botões, afinal de contas, não passam de botões. Peguei-os, porém, e examinei-os sob todos os ângulos; estavam mais ou menos novos. Afinal de contas, boa ideia; podia arrancá-los com o pedaço de canivete e levá-los à casa de penhores. A esperança de vender aqueles cinco botões logo me deu coragem, e disse comigo: “Está vendo? Tudo se arranja.” Alegrementemente, comecei a descoser os botões, um a um. Enquanto isso, dialogava em silêncio:

“Sim, como o senhor vê, ando um pouco apertado, um embaraço momentâneo... Estão gastos, diz o senhor? Engano seu. Se há alguém que estrague menos os botões do que eu, gostaria de conhecê-lo. Devo dizer-lhe que uso sempre o paletó desabotoado; tornou-se um hábito, uma particularidade minha... Não, não, desde o momento em que o senhor não quer, está muito bem. Mas preciso de dez öre por esses botões, pelo menos. Santo Deus,

quem disse que o senhor deve comprá-los? Feche o bico e deixe-me em paz... Ora, pode chamar a polícia! Fico esperando aqui, enquanto o senhor procura um guarda. E não vou lhe roubar nada... Muito bem, até logo! Meu nome é Tangen. Estive na farra até tarde...”

Alguém desce a escada. Instantaneamente, volto à realidade, reconheço o “Tesoura” e meto depressa os botões na algibeira. Ele procura passar altaneiro, sem sequer responder a meu cumprimento, absorto na contemplação das unhas. Detenho-o e pergunto se o redator-chefe está.

— Não está.

— É mentira! — e com atrevimento que a mim próprio me espanta, continuo. — Preciso falar com ele, negócio urgente. Venho comunicar-lhe um esclarecimento da Presidência do Conselho.

— Não pode comunicá-lo a mim, nesse caso?

— Ao senhor? — e meço-o com o olhar, por um instante.

Deu resultado. Logo subiu comigo e abriu a porta. O coração subiu-me à garganta. Cerrei os dentes com força, para criar coragem, bati e entrei no gabinete pessoal do redator-chefe.

— Bom dia! Ah, é o senhor — disse ele, afável. — Sente-se.

Se me houvesse mostrado a porta, num segundo, teria sido mais agradável. Sentia-me quase a ponto de chorar:

— Peço-lhe que me desculpe...

— Sente-se.

Sentei-me, expliquei que escrevera um novo artigo e fazia muito empenho em publicá-lo em seu jornal. Dera-me muito trabalho, custara-me grandes esforços.

— Vou lê-lo — respondeu-me, pegando nos papéis. — Sem dúvida, todos os seus escritos representam esforço, mas o senhor é demasiado violento. Se pudesse ser um pouco mais moderado... Tem sempre uma febre excessiva. Entretanto, vou ler.

E voltou-se para a mesa.

Fiquei na dúvida. Ousaria pedir-lhe uma coroa? Explicar-lhe por que meus escritos eram sempre febris? Decerto me ajudaria; não era a primeira vez.

Levantei-me. Hum! Da última vez em que o vi, ele se queixou de embaraços de dinheiro, mandou mesmo o cobrador receber algumas faturas a fim de me arranjar uma pequena quantia. Talvez acontecesse o mesmo agora. Não, não acontece. Então eu não percebia que ele estava trabalhando?

— Tinha outra coisa para me dizer?

— Não — respondi com voz firme. — Quando poderei saber a resposta?

— Oh, a qualquer hora, quando passar por aqui. Dentro de dois dias, por exemplo.

Não pude fazer o pedido que tinha engatilhado. A amabilidade daquele homem parecia sem limites; precisava mostrar que a avaliava devidamente. Antes morrer de fome. Fui-me embora.

Mesmo lá fora, ao sentir de novo o agulhão da fome, não me arrependi por haver deixado o escritório sem pedir dinheiro. Tirei do bolso o segundo graveto e botei-o na boca. De novo me senti confortado. Por que não fizera isso mais cedo? “Você devia envergonhar-se! — exclamei em voz alta. — Que ideia foi essa de pedir uma coroa àquele homem, constrangendo-o mais uma vez?” Com extrema dureza, censurei-me pela ideia atrevida que me ocorrera. “É o cúmulo! Não pode haver nada mais ignóbil! Assaltar um homem, quase ameaçá-lo de pancada, simplesmente porque você, cão miserável, precisa de uma coroa. Vamos, ande! Depressa! Mais depressa, vagabundo! Eu ensino a você!”

Larguei a correr, como castigo, percorrendo a galope uma rua após outra, excitando-me com exclamações raivosas, xingando-me furiosamente em silêncio, quando tinha vontade de parar. Nesse meio tempo, alcançara o alto da Rua dos Salgueiros. Parei afinal, prestes a chorar de raiva pela impossibilidade de correr mais; o corpo todo tremia. Deixei-me cair num patamar. “Alto!” — exclamei. E para me torturar bem,

levantei-me e obriguei-me a continuar de pé, zombando de mim mesmo, comprazendo-me com o meu próprio esgotamento. Afinal, depois de bastante tempo, com um sinal de cabeça dei-me licença para ficar sentado, mas escolhi o lugar mais incômodo no patamar.

Santo Deus, que bom repousar! Enxugando o suor do rosto, aspirei o ar fresco a plenos pulmões. Como tinha corrido! Não me queixava, entretanto; bem feito. Por que diabo quisera pedir aquela coroa? Agora, via as consequências. E continuei a falar comigo docemente, fazendo-me advertências maternais, em tom cada vez mais comovedor. Cansado, esgotado, tive vontade de chorar. Mágoa silenciosa e profunda, soluço interior, sem lágrimas.

Permaneci naquele lugar durante um quarto de hora, ou mais. Pessoas iam e vinham, sem que ninguém me importunasse. Crianças pequenas brincavam aqui e ali, em redor; o passarinho cantava na árvore, do outro lado da rua.

Veio um guarda e perguntou-me:

- Por que está sentado aí?
- Por que estou sentado aqui? Porque gosto.
- Há meia hora que o observo. Há meia hora que o senhor está sentado aí.

— Mais ou menos. Tem mais alguma coisa para me dizer?

Levantei-me, furioso, e fui embora.

Chegando ao Mercado, estaquei, olhando o calçamento.

“Porque gosto.” Seria uma resposta? “Porque estou cansado”, era o que devia dizer, com voz lacrimante. “Você é simplesmente uma besta, nunca aprenderá a fingir! Por inanição! Devia ter gemido como um cavalo!”

Diante do posto de Bombeiros, parei pela segunda vez, sob nova inspiração. Estalei os dedos, com uma risada que espantou os transeuntes, e disse: “Agora, você tem de ir à casa do pastor Levison. Que diabo! É, você tem de ir, só para experimentar. Que custa isso? E depois, está um dia tão bonito!”

Entrei na Livraria Pascha, procurei no catálogo o endereço do pastor Levison, e toquei para lá. “Desta vez é sério — disse comigo. — Não vá fazer tolices! O quê: sua consciência? Nada de infantilidades, você é pobre demais para ter consciência. Está com fome, não é? Veio para um negócio importante; primeiro, o que é mais urgente. Deixe pender a cabeça sobre o ombro, dê certo tom a suas palavras, certa melodia. Não quer? Então eu o

abandono, não dou mais um passo, fique sabendo. Bem, seu estado é assustador, você está em luta com as potências da treva; à noite, sustenta uma luta medonha contra enormes monstros silenciosos, um verdadeiro horror. Está sedento de leite e de vinho,

e não os possui. Eis a que ponto você chegou. A bem dizer, não tem onde cair morto. Suas forças chegaram ao fim. Mas você acredita na Graça Divina. Louvado seja Deus, ainda não perdeu a fé. Então, você ergue e junta as mãos, com ar de possesso, de tal modo acredita na Graça Divina. Quanto a Mammon, esse, você o odeia sob todas as formas. Um livro de salmos já é outra coisa: serve como lembrança, pequena lembrança de um par de coroas...” À porta do pastor, estaquei e li: “Secretaria aberta de meio-dia às quatro horas”.

“Ora, pois, chega de infantilidades! — disse comigo. A coisa, agora, é séria. Vamos, incline a cabeça; mais um pouco...” E toquei à porta do domicílio particular de Levison.

— Desejo falar com o pastor — disse à empregada.

Foi impossível, entretanto, insinuar na frase o nome de Deus.

— Ele saiu.

Saiu. Saiu! Isso transtornava completamente o plano, inutilizava tudo que pensava em dizer-lhe. Então, de que me servira a longa caminhada? Continuava no mesmo ponto.

— Era alguma coisa particular?

— Não, absolutamente. O tempo está delicioso, e eu vim cumprimentá-

lo.

Ficamos ali os dois, face a face. De propósito, estufei o peito de modo a

atrair-lhe a atenção para o alfinete que fechava o meu paletó; pedia-lhe com o olhar que visse por que eu tinha vindo, mas a pobre não compreendeu nada.

— Pois é, um tempo delicioso. A senhora dele também não está em casa?

— Está, mas com reumatismo, estendida no canapé, sem poder se mexer. O senhor queria entregar-lhe uma carta, ou qualquer coisa assim?

— Não, nada. De tempos em tempos, como agora, dou um passeio para fazer um pouco de exercício. É ótimo, depois do almoço.

Recomecei a andar. Que adiantaria prolongar a conversa? Além do mais, começava a sentir vertigens. Não havia engano possível, estava a ponto de desabar de verdade. “Secretaria aberta do meio-dia às quatro.” Batera tarde demais. O momento da Graça tinha passado.

Na Praça do Grande Mercado, sentei-me num banco próximo à igreja. Santo Deus! O futuro começava a parecer negro. Nem sequer chorava; a

fadiga era grande demais para isso. No auge da tortura, quedei-me ali sem tentar coisa alguma, inerte, faminto. O peito, especialmente, ardia em fogo, era extremamente penoso o seu ardor. Mascar cavacos já não adiantava; os maxilares estavam exaustos desse trabalho estéril, e deixei-os em repouso. Rendi-me sem condições. Não é que um pedaço de casca de laranja, meio escuro já, encontrado no chão, e que começara imediatamente a roer, me dera náusea? Sentia-me doente, com as veias do pulso inchadas e azuis.

Mas também, para falar verdade, por que havia perdido tanto tempo? Correria a manhã inteira de lá para cá, em busca de uma coroa que pudesse entreter a vida em mim por mais algumas horas. No fundo, era indiferente que o inevitável acontecesse um dia, mais cedo ou mais tarde.

Se fosse um homem sensato, teria voltado para casa já há muito tempo, para deitar-me e entregar-me. No momento o espírito estava lúcido. Eu ia morrer; era outono, e tudo entrava em letargia. Tentara todos os meios, empregara todos os recursos conhecidos. Sentimentalmente, acariciava essa ideia, e toda vez que voltava a esperança de salvação, afastava-a, exclamando: “Você é louco! Já começou a morrer!” Era preciso escrever cartas,

botar tudo em ordem, preparar-me. Tomaria um banho demorado, faria a cama bem feita; colocaria a cabeça sobre algumas folhas de papel branco: era o que me restava de mais limpo. Quanto ao cobertor verde, poderia...

O cobertor verde! De um golpe, fiquei completamente acordado, o sangue subiu-me à cabeça, o coração bateu forte. Levantei-me do banco e comecei a andar; a vida se agitava novamente por todo o meu ser, e eu repetia estas palavras sem sequência: “O cobertor verde. O cobertor verde.” Caminhando cada vez mais rápido, como para apanhar alguma coisa, achei-me, pouco depois, outra vez em casa, na oficina de latoeiro.

Sem me deter um instante, sem vacilar na resolução, vou direto à cama, e começo a enrolar o cobertor de Hans Pauli. Seria espantoso se aquela feliz inspiração não me salvasse! Vinham-me escrúpulos tolos, porém me coloquei infinitamente acima deles. Virava as costas a tudo. Não era um santo, um virtuoso idiota, estava no gozo pleno da razão...

Botei o cobertor debaixo do braço, e desci até a Rua Stener, nº 5.

Bati e entrei, pela primeira vez, no salão desconhecido. A campainha da porta fez ressoar sobre minha cabeça toda uma série de tinidos incoerentes. Saiu um homem da peça contígua, mastigando de boca cheia, e postou-se diante do balcão.

— Ah! O senhor pode me emprestar meia coroa por estes óculos?

—

perguntei-lhe. — Virei resgatá-los dentro de alguns dias, seguramente.

— Hein? São óculos de arco de aço?

— São.

— Então não posso.

— Está bem, sei que o senhor não pode. Aliás, é apenas uma brincadeira. Mas tenho um cobertor de que não vou precisar durante muito tempo, e tive a ideia de que talvez o senhor pudesse desembaraçar-me dele.

— Infelizmente, tenho um estoque imenso de cobertores.

Quando desenrolei o cobertor, o homem lançou-lhe um olhar rápido, exclamando:

— Não, desculpe. Também isso não me serviria de nada.

— Quis lhe mostrar primeiro o lado pior; o outro está bem mais conservado.

— Ah, isso não tem importância. Não quero o seu cobertor. O senhor não arranjará dez öre por ele em parte alguma.

— Sim, é claro que não tem valor; mas quem sabe se não poderia formar um lote com outro cobertor velho, no leilão?

— Não. Não serve para nada.

— Vinte e cinco öre?

— Não. Por coisa alguma do mundo, meu caro, eu quero isso em minha casa.

Tornei a colocar o cobertor debaixo do braço, e voltei para casa. Sozinho comigo mesmo, fiz como se nada houvesse acontecido: estendi

de novo o cobertor sobre a cama, alisei-o bem, como era meu costume fazer, e tentei suprimir qualquer sinal do meu procedimento. Impossível: não devia estar lúcido quando resolvera cometer aquela canalhice; quanto mais pensava nisso, mais me parecia inadmissível. Devia ter sido um acesso de fraqueza, espécie de relaxamento nas molas de meu ser íntimo, que me pegara desprevenido. Aliás, não caíra na armadilha: tivera o pressentimento de que enveredava por mau caminho, e tentara antes, positivamente, empenhar os óculos. Muito me confortava não ter tido ocasião de consumir a falta: ela teria enodado minha vida.

E uma vez mais voltei para a cidade. Uma vez mais, sentei num banco próximo à igreja de São Salvador, com o queixo caído sobre o peito, cansado após tamanha excitação, entorpecido, transido de frio, doente. E o tempo passava.

Podia muito bem permanecer ali uma boa hora. Havia mais claridade do que lá em casa; ao ar livre, os pulmões respiravam menos penosamente; além disso, sempre seria cedo demais para voltar.

Cochilava e refletia, sofrendo cruelmente. Achara uma pedrinha, que limpava e pusera na boca, para ter alguma coisa que mastigar. À parte isso, não fazia o menor movimento; nem sequer movia os olhos. Pessoas iam e vinham; um rumor de carros, de cascos dos cavalos, e de conversas, enchia o ar.

Restava tentar pôr no prego os botões. Naturalmente, não serviria para nada; além do mais, eu estava bastante doente. Mas, refletindo nisso, enquanto pretendia voltar para casa, o pensamento tomava precisamente o rumo da casa de penhores — a “Titia” propriamente dita.

Por fim, levantei-me e arrastei-me lentamente, a pequenos passos, ao longo das ruas. Uma sensação de queimadura começava a importunar-me por cima das sobancelhas; a febre subia, e caminhei a todo vapor. Tornei a passar pela padaria, onde se expunha aquele pão. “Não, não vamos parar aqui — disse, a mim mesmo com fingida resolução. — Mas, se entrasse para pedir um pedaço de pão?” Era uma ideia fugitiva, um relâmpago. Nunca! — exclamei à meia-voz, sacudindo a cabeça. E tornei a andar, cheio de ironia para comigo mesmo. Sabia muito bem que é inútil dirigir súplicas a um comerciante.

Na Passagem dos Cordoeiros, um par de namorados sussurrava sob o portão; pouco mais longe, uma rapariga punha a cabeça fora da janela. Eu caminhava tão discretamente, com tamanha circunspeção, que parecia ter um propósito sigiloso... e a mulher veio para a rua.

— Então, como vai essa bizzarria, meu velho? O quê: está doente? Que cara, Deus me perdoe!

E ela se retirou a toda pressa. Parei incontinenti. Que haveria em meu rosto? Estaria realmente começando a morrer? Apalpei as faces: magro, naturalmente estava; minhas faces eram como duas tigelas, do lado de dentro. Santo Deus! Recomecei a andar, a passos curtos.

De novo uma parada. Devia estar incrivelmente magro. De tão encovados, os olhos pareciam querer entrar pela cabeça adentro. Tinha o ar de quê? É o diabo, a gente ir se deixando desfigurar, vivo, unicamente por obra da fome. Senti a cólera invadir-me uma vez mais; era a última chama, o último espasmo. Valha-me Deus! mas que cara, hein? Era dotado de uma cabeça que não tinha igual no país; de dois punhos que, com seiscentos diabos! podiam esmagar e reduzir a pó de traque um estivador; pois apesar disso, em plena cidade de Cristiânia, jejuava a ponto de perder a figura humana! Então isso tinha sentido, isso se harmonizava com a ordem natural das coisas? Exigira tudo de mim, esfalfara-me dia e

noite, como o burrinho a carregar um pastor, estudara a ponto de fazer os olhos me

saltarem do crânio, jejuara a ponto de fazer a razão saltar-me do cérebro. E que diabo recebia em troca? Até as meretrizes pediam a Deus que lhes poupasse a visão do meu rosto. Mas agora estava acabado. Compreendeu? Acabado. Ainda que levasse o diabo, era preciso acabar com isso! Com fúria cada vez maior, rangendo os dentes por me sentir tão esgotado, entre lágrimas e blasfêmias, continuei a esbravejar, pouco ligando às pessoas que passassem. Voltei a martirizar-me, batendo violentamente a cabeça contra os postes, cravando as unhas na palma das mãos, mordendo a língua como demente, quando ela enrolava as frases, e rindo de raiva toda vez que isso me fazia sofrer.

“Sim, mas que fazer?” — indagava a mim mesmo. E bati com o pé muitas vezes na calçada, repetindo: “Que fazer, que fazer?”

Passou um senhor justamente nesse instante, e disse, sorrindo:

— Procure ser preso.

Olhei-o. Era o “Duque”, um de nossos maiores médicos de senhoras. Nem ele compreendia meu estado, ele a quem conhecia, a quem apertava a mão. Acalmei-me. Prender-me? Sim, estava louco; ele tinha razão. Senti a demência no sangue, senti-a pulsar no cérebro. Era esse, pois, o fim que me estava reservado! Sim,

sim. Retomei a caminhada, lenta e triste. Aquele era o ponto a que eu devia chegar.

De repente, parei outra vez. “Não, na cadeia, não — exclamei. — Isso não!” A voz estava meio rouca, de angústia. Rogava, suplicava no vazio que não me prendessem. Teria, então, de voltar ao Depósito, ficaria encerrado numa célula escura, sem nesga de luz? Não, isso não! Restavam outras saídas, que não experimentara. E haveria de experimentá-las; despenderia maior esforço, aproveitaria o tempo, bateria infatigavelmente de porta em porta. Restava, por exemplo, Cisler, dono da loja de música; eu ainda não o procurara. Tinha de haver um remédio... Assim caminhava eu, discorrendo tanto e tão bem que acabei, uma vez mais, chorando de emoção. Tudo, menos que me prendessem!

Cisler? Talvez fosse o dedo de Deus. Seu nome acudira-me por acaso. Morava nos cafundós do judas; mesmo assim, resolvi procurá-lo. Caminharia devagar, iria descansando nesse meio tempo. Conhecia a casa, tinha ido lá muitas vezes para comprar músicas, no bom tempo. Eu lhe pediria só meia coroa? Talvez o constrangesse; pediria uma inteira.

Entrei na loja e perguntei pelo patrão; levaram-me ao escritório. Cisler estava sentado, bonitão, vestido à última moda, examinando papéis.

Balbuciei desculpas e expus o caso. Era forçado pela necessidade a importuná-lo. Não tardaria a restituir o dinheiro. Quando recebesse o

pagamento do meu artigo no jornal. Ele me prestaria tamanho serviço!

Ainda estava falando, e ele já se voltara para a escrivadinha, continuando a trabalhar. Quando acabei, lançou-me um olhar oblíquo, sacudindo a bela cabeça, e disse:

— Não.

Simplesmente: “Não”. Sem explicação. Sem mais palavra.

Os joelhos tremiam violentamente; encostei-me à pequena grade de metal polido. Era preciso tentar ainda uma vez. Por que me ocorrera esse nome de Cisler, justamente quando eu estava ali em Vaterland? Senti pontadas do lado esquerdo, e o suor banhou-me.

— Estou deveras doente, e muito fraco, pobre de mim — disse-lhe.

— Mas sem dúvida poderei indenizá-lo dentro de quarenta e oito horas, se quiser prestar-me esse favor...

— Meu caro senhor, por que me procurou? Para mim o senhor é um ilustre desconhecido, vindo da rua. Vá ao jornal, onde tem relações.

— Só por esta noite! A redação já está fechada, e tenho muita fome.

Ele sacudia ininterruptamente a cabeça, e continuou a sacudi-la mesmo depois que coloquei a mão na maçaneta da porta.

— Adeus! — exclamei.

Não era um sinal do céu — concluí, sorrindo amargamente; a essa altura, até eu poderia fazer um sinal, se fosse necessário. Arrastei-me durante um quarto de hora, e mais outro, descansando aqui e ali num patamar. Ah, contanto que não me prendessem! O terror da cadeia perseguia-me o tempo todo, não me dava um instante de trégua; ao ver um guarda caminhando na minha direção, metia-me por uma rua transversal, evitando encontrá-lo. “Vamos contar cem passos — disse — e tentaremos de novo a sorte. Afinal, há de haver remédio...”

Aquele era um armazém modesto, onde nunca pusera os pés. Um homem sozinho atrás do balcão, prateleiras forradas de papel, extensa fileira de mesas, e um escritório com placa de porcelana à entrada. Esperei que a última cliente — uma jovem de covinhas no rosto — deixasse a loja. Tinha um ar feliz. Não quis impressioná-la com o meu paletó fechado a alfinete, e desviei-me.

— Deseja alguma coisa? — perguntou-me o empregado.

— O patrão está?

— Está excursionando no Jotunheimen. É assunto particular?

— Trata-se de alguns öre para comer — e tentei sorrir. — Estou faminto, e não tenho níquel.

— Então o senhor está exatamente tão rico quanto eu — e começou a arrumar novelos.

— Ah, não me mande embora... não me mande já — e sentia o corpo subitamente gelado. — É sério, estou quase morto de fome. Há muitos dias que não tomo nada.

Em silêncio, com a maior seriedade, ele se pôs a revirar os bolsos, um após outro.

— Não quer acreditar em minha palavra?

— Apenas cinco öre! Eu lhe pagarei dez, daqui a alguns dias.

— Meu caro senhor, quer que eu roube da caixa? — perguntou-me, impaciente.

— Quero. Tire cinco öre da caixa.

— Eu é que não faço uma coisa dessas. E deixe-me dizer-lhe: chega dessa brincadeira.

Retirei-me, doente de fome, ardendo de vergonha. Não, era preciso acabar com isso! Tinha realmente ido longe demais. Mantivera-me durante tantos anos, conservara-me firme durante tantas horas cruéis, e eis que de repente caía na mendicância brutal. Um único dia degradara meu raciocínio, salpicara de impudor minh'alma. Para tornar-me interessante, não tivera

vergonha de chorar diante de míseros caixeiros. E de que me servira isso? Não ficara como antes, sem um bocado de pão para mastigar? Tudo que conseguira fora me desgostar de mim mesmo. Sim, era preciso acabar com isso! Daí a um instante fechariam a porta lá de casa, e tinha de andar depressa se não quisesse passar mais uma noite no Depósito.

Isso me deu força; dormir no Depósito eu não queria. Com o corpo caído para a frente, a mão sobre as costelas da esquerda para acalmar um pouco as pontadas, arrastei-me com esforço. Tinha os olhos pregados no chão, para evitar que eventualmente um conhecido me cumprimentasse... Caminhava depressa na direção do Posto de Bombeiros. Graças a Deus, eram apenas sete horas na igreja de São Salvador; tinha três horas à minha frente, antes de fechar-se a porta. Que medo havia sentido!

Assim, pois, não restava mais nada a tentar; fizera tudo a meu alcance. “Um dia inteiro sem ter sorte uma única vez! — dizia comigo. — Se contasse isso a qualquer pessoa, ninguém acreditaria; se escrevesse, diriam que tinha inventado. Não tivera sorte em nenhum lugar! Bolas, não havia nada a fazer; principalmente, que não tentasse mais inspirar piedade. Chega! É repugnante, e me faz enjoar de você, fique sabendo. Perdeu-se a última esperança? Muito bem, está perdida. E daí, quem sabe se não

poderia roubar um pouco de aveia na cocheira?” Um raio de luz, um clarão... Sabia que a cocheira estava fechada à chave.

Assim, pois, sem interesse, rastejava no rumo de casa a passo de caracol. Sentia sede — felizmente, pela primeira vez durante o dia inteiro

— e, de passagem, procurava um lugar onde pudesse beber. Já estava longe do Mercado de Carne, e não queria bater a uma casa particular. Talvez pudesse esperar até chegar em casa; levaria um quarto de hora. De resto, não tinha certeza se seria capaz de reter sequer um gole d’água. O estômago não tolerava mais nada. Até a saliva que engolia me dava náusea.

Mas, e os botões? Não havia tentado ainda coisa alguma com os botões. Detive-me bruscamente, e sorri. Afinal de contas, talvez houvesse realmente um remédio. Não estava condenado sem remissão. Com toda a certeza obteria dez öre pelos botões; conseguiria outros dez em alguma parte; quinta-feira me pagariam o artigo no jornal. Iria ver como as coisas se arranjam. Realmente, como fora esquecer os botões? Tirei-os do bolso e contemplei-os, retomando a caminhada. A alegria obscureceu-me o olhar; já não enxergava mais nada na rua.

Como conhecia bem aquele grande subsolo, meu refúgio nas noites sombrias, meu vampiresco amigo! Minhas roupas, uma por uma, tinham desaparecido naquele antro; objetos miúdos de

família, até o último livro. Nos dias de leilão, descia lá de bom grado, como espectador, satisfeito toda vez que meus livros pareciam cair em boas mãos. O ator Magelsen ficara com o meu relógio; sentia-me quase orgulhoso por isso. Certo conhecido arrematara o almanaque onde se achava meu primeiro ensaio poético; o sobretudo fora parar num ateliê de fotógrafo, como acessório. Assim, pois, não havia motivo para queixar-me.

Entrei, com os botões preparados na mão.

“Titio” estava sentado à escrivaninha, trabalhando.

— Não tenho pressa — disse-lhe, receoso de importuná-lo e irritá-lo com a proposta.

Minha voz tinha um som estranhamente oco, eu mesmo quase não a reconheci; o coração era um martelo batendo. Sorrindo como de costume, ele se aproximou, espalmando as mãos sobre o balcão, e encarou-me em silêncio.

— Trago-lhe uma coisa, e queria saber se o senhor vê utilidade nela... uma coisa que só faz atrapalhar-me em casa, posso garantir-lhe; uma verdadeira calamidade, esses botões.

— Mas que é isso? Que significam esses botões? Chegou os olhos bem para perto de minha mão.

— Será que o senhor não podia dar-me alguns öre... O que lhe parecer justo. Fica inteiramente a seu critério.

— Por esses botões?

“Titio” olhou-me, estupefato.

— Por esses botões?!

— Qualquer coisa que dê para comprar um charuto... Enfim, o que o senhor quiser. Eu passava diante de sua porta, e entrei para perguntar.

Aí o velho usurário começou a rir, e voltou para a escrivaninha, sem acrescentar palavra. Fiquei plantado no lugar.

Para dizer verdade, eu não tinha grande esperança, mas julgara possível resolver meu caso. Aquele riso era minha condenação à morte. Sem dúvida, de nada serviria também a tentativa de empenhar os óculos...

— Naturalmente, é claro, eu botaria no lote os meus óculos — disse, atirando-os. — Apenas dez öre. Ou cinco, se o senhor quiser...

— O senhor sabe perfeitamente que não posso emprestar-lhe nada pelos óculos. Já lhe disse isso.

— Mas estou precisando de um selo — e minha voz era surda. — Nem mesmo posso botar uma carta no correio. Um selo de dez, de cinco öre, exatamente o que o senhor quiser.

— Deus o ajude, e vá-se embora! — e fez um gesto em minha direção. “Bem, bem, não se fala mais nisso” — disse comigo.

Maquinalmente,

tornei a pôr os óculos, peguei os botões e saí. Dei boa-tarde e fechei a porta como de costume. Aí está, não há mais nada a fazer. Parei no vão da escada, olhando ainda uma vez para os botões. “Dizer que ele não os quer a nenhum preço — exclamei. — Entretanto, estão quase novos. Não posso compreender isso.”

Enquanto me abismava nessas reflexões, um homem passou por mim, descendo ao subsolo. Ia apressado, e esbarrou ligeiramente em mim; trocamos desculpas, e voltei-me para olhá-lo:

— Não! É você? — disse-me, bruscamente, ao pé da escada; voltou atrás, e reconheci-o. — Deus me perdoe, que cara a sua! Que estava fazendo aí?

— Oh... Negócios. Você vai para lá?

— Vou. Que foi que você trouxe?

Meus joelhos tremiam; encostei-me à parede e estendi a mão aberta, com os botões.

— Oh, diabo! Não, isso é o cúmulo!

— Boa-noite — e, a ponto de soluçar, fiz menção de ir embora.

— Não, espere um momento.

Esperar o quê? Ele próprio estava a caminho da “Titia”; levava talvez o anel de noivado; jejuara muitos dias, estava em débito com a proprietária.

— Bem. Se você não demorar...

— Naturalmente — e tomou-me pelo braço. — Mas vou lhe dizer uma coisa: não acredito em você, seu idiota. É melhor descermos juntos.

Compreendi sua intenção e, súbito, veio-me um pequeno sentimento de honra:

— Não posso! Prometi estar na Rua Bernt Anker às sete horas e meia,

e...

— Sete horas e meia? Ótimo! São oito horas. Estou com o relógio na

mão, é ele que vou empenhar. Vamos, entre, pecador faminto! Arranjo pelo menos cinco coroas para você.

E empurrou-me para o subsolo.

TERCEIRA PARTE

PASSOU-SE UMA SEMANA, em alegre magnificência.

O pior fora transposto, ainda uma vez; tinha com que alimentar-me diariamente; de ânimo cada vez mais forte, dedicava-me com ardor ao trabalho. Três ou quatro artigos em preparo saqueavam meu pobre cérebro, confiscando cada pensamento, cada faísca que nele brotava; e tudo parecia andar melhor do que antes. O último artigo, que me custara tantas idas e vindas, e no qual depositara tamanha esperança, fora-me devolvido pelo redator-chefe, e eu o destruíra incontinenti, furioso, envergonhado, sem tornar a lê-lo. Desejoso de novas oportunidades, pensava em bater à porta de outro jornal. Na pior hipótese, se também aí não lograsse êxito, restava o recurso dos navios. O “Freira” estava no cais, prestes a zarpar, e eu talvez arranjasse passagem para Arkhangelsk ou outro porto qualquer, pagando-a com trabalho. Assim, pois, não me faltavam perspectivas.

A última crise me afetara muito; começava a perder grandes mechas de cabelo; afligiam-me dores de cabeça, principalmente pela manhã, e o nervosismo não queria ceder.

Escrevia agora com as mãos envoltas em faixas, pois a sensação de meu hálito sobre a pele era intolerável. Quando Jens Olai batia com a porta da cocheira, embaixo, ou quando um cachorro, no

pátio do fundo, se punha a latir, eram como pontas de gelo que me penetravam a medula, picando-me de todos os lados. Não me sentia nada bem.

Dia a dia, puxava pelo trabalho, só me concedendo folga para comer alguma coisa antes de voltar a escrever. Por essa ocasião, minha cama, assim como a pequena escrivaninha trôpega, submergiam sob o monte de notas e laudas escritas, nas quais eu trabalhava alternadamente. Acrescentava-lhes novas coisas que me ocorressem no decurso do dia; riscava aqui, avivava ali, com uma palavra colorida, os trechos mortiços; o avanço de uma frase para outra fazia-se penosamente, à custa dos maiores esforços. Uma tarde, concluí afinal um dos artigos; feliz da vida, botei-o no bolso e fui procurar o “Comendador”. Já era tempo de empreender nova expedição em busca de um pouco de dinheiro; restavam-me poucos öre.

O “Comendador” pediu que me sentasse um instante, logo me atenderia. E continuou a escrever.

Lancei um olhar circundante pelo pequeno escritório: bustos, litografias, recortes de jornal, a cesta imensa de papéis, capaz de engolir um homem e tudo que é seu. A alma turvou-se de melancolia à vista daquela boca enorme, goela escancarada de dragão, sempre disposta a receber novos trabalhos recusados, novas esperanças destruídas.

— Que dia é hoje? — perguntou de repente o “Comendador”, lá de sua mesa.

— 28 — respondi, feliz por poder prestar-lhe um serviço.

— 28 — e continuou a escrever.

Afinal, botou no envelope algumas cartas, lançou papéis à cesta e descansou a caneta. Girou sobre a cadeira e olhou-me.

Percebendo que eu ficara perto da porta, fez-me com a mão um sinal meio-cômico, meio-sério, mostrando uma cadeira.

Receando que ele notasse a falta de meu colete, virei-me para abrir o paletó e tirar o manuscrito do bolso.

— É apenas um pequeno estudo sobre Correggio — esclareci. — Infelizmente, não está escrito de maneira a...

Tomou-me os papéis e começou a folheá-los. Voltou o rosto para o meu lado.

Assim, pois, estava ali, bem visível, aquele homem de quem eu já ouvia falar em minha juventude, e cujo jornal, durante anos, exercera sobre mim a maior influência. Os cabelos eram anelados; os belos olhos castanhos, um pouco inquietos; de vez em quando, fungava. Um pastor escocês não seria mais untuoso do que esse terrível plumitivo, cujas palavras deixavam sempre vergastadas sangrentas por toda parte onde caíssem. Um misto singular de temor e admiração apoderou-se de mim. Lágrimas estavam

prestes a vir-me aos olhos; involuntariamente, dei um passo para dizer-lhe a afeição profunda que lhe dedicava, por tudo aquilo que me ensinara, e pedir-lhe que não me fizesse mal. Era apenas um pobre-diabo, e já bastante infeliz assim mesmo...

Ergueu os olhos, e dobrou lentamente o manuscrito, enquanto refletia. Para facilitar-lhe a recusa, estendi um pouco a mão, dizendo:

— Naturalmente não serve, pois não? — E sorri, para dar-lhe a impressão de que não levava a coisa ao trágico.

— Tudo que publicamos precisa ter caráter bem popular — respondeu-me. — O senhor sabe o público a que nos dirigimos... Não poderia simplificar um pouco? Ou arranjar outra coisa que os leitores compreendam mais facilmente?

Seu olhar me espantava. Compreendi que o artigo fora recusado; entretanto, não poderia desejar recusa mais elegante. Para não atrasá-lo por mais tempo, respondi:

— Ah, sim, posso perfeitamente.

Caminhei em direção à porta. Oh, ele que me desculpasse por ter roubado seu tempo com aquele artigo. Inclinei-me, com a mão na maçaneta.

— Se precisar — disse ele — poderá receber um pequeno adiantamento. Escreverá qualquer coisa por essa quantia.

Ele vira muito bem que eu não era capaz de escrever. Seu oferecimento me humilhava um pouco.

— Não, obrigado. Posso me arranjar ainda por algum tempo. De qualquer modo agradeço-lhe muito. Adeus!

— Adeus — respondeu o “Comendador”, voltando-se para a escrivania.

Afinal de contas, tratara-me com benevolência imerecida, e eu lhe era grato; aliás, saberia retribuir-lhe. Resolvi não voltar a vê-lo antes de ter escrito um trabalho que me deixasse plenamente satisfeito, trabalho que haveria de surpreender um bocado o “Comendador” e levá-lo a pagar-me dez coroas, sem um minuto de hesitação. Voltei para casa e recomecei a escrever.

Nas noites seguintes, por volta de oito horas, com o gás já aceso, acontecia-me regularmente este episódio:

Ao atravessar o portão, a fim de dar uma volta pela cidade, após a luta e os contratemplos do dia, eu divisava sempre certa moça vestida de preto, encostada ao poste de luz, bem na direção da entrada. Voltava o rosto para mim e seguia-me com o olhar, quando eu passava em frente. Usava sempre o mesmo vestido, o mesmo veuzinho espesso que lhe escondia o rosto e caía sobre o

busto, e segurava um pequeno guarda-chuva, com aro de marfim no cabo.

Era a terceira noite que a encontrava ali, sempre no mesmo ponto; vendo-me passar, dava lentamente meia-volta e começava a descer a rua, afastando-se de mim.

O cérebro, enervado, pôs-se a trabalhar; tive o pressentimento absurdo, imediato, de que aquela mulher estava ali por minha causa. Já ia dirigir-lhe a palavra, perguntando se procurava alguém, se precisava de auxílio para qualquer coisa, se podia acompanhá-la até a casa, embora estivesse tão mal vestido, pobre de mim, para protegê-la nas ruas escuras. Tinha, porém, o vago temor de que isso acabasse acarretando despesa: um copo de vinho, uma corrida de carro — e não dispunha mais de dinheiro algum. Os bolsos desesperadamente vazios agravavam minha depressão; nem sequer tinha coragem de observar mais atentamente a desconhecida, ao passar junto dela. A fome voltara a atormentar-me; não comia desde a noite passada. Não era, realmente, período muito longo, e conseguira, mesmo, de outras vezes, aguentar muitos dias. Começara, porém, a

enfraquecer sensivelmente, e já não podia, de modo algum, jejuar como antes; agora, bastava um dia para me dar vertigens, e se bebesse água desandava logo a vomitar. À noite, além disso, tiritava de frio; deitava-me com a roupa do corpo, e sentia-me

gelar a ponto de ficar azul; eram calafrios a noite inteira, e uma rigidez de pedra no corpo, ao dormir. O velho cobertor já não protegia contra a corrente de ar, e eu só acordava pela manhã porque o acerbo vento de inverno, penetrando no quarto, me entupira o nariz.

Vou pela rua e penso em como poderei ir aguentando até concluir o próximo artigo. Se pelo menos tivesse uma vela, trabalharia pela noite adentro, e, chegando a inspiração, não gastaria mais de duas horas; assim, no dia seguinte poderia novamente procurar o “Comendador”.

Sem refletir mais, entrei no Oplandsk, à procura do meu jovem amigo do banco; ia pedir-lhe dez öre para comprar uma vela. Deixaram-me atravessar livremente os salões; passei diante de uma dúzia de mesas onde clientes comiam, bebiam e tagarelavam; fui até o fundo do café, até o salão vermelho, sem encontrar meu camarada. Aborrecido e desapontado, saí para a rua e comecei a andar em direção ao Castelo.

Não era mesmo o diabo? O diabo ardente, lépido, eterno, que não deixava minhas atribulações acabarem nunca? A passos largos e raivosos, com a gola do paletó rudemente levantada sobre a nuca, mãos metidas nos bolsos da calça, lá ia eu, amaldiçoando minha estrela funesta, durante a caminhada. Não conhecera uma hora realmente despreocupada, durante sete, oito meses; não ingerira sequer o alimento estritamente necessário durante uma curta

semana, antes que a miséria me dobrasse de novo os joelhos. E para coroar tudo, continuava honesto nas profundezas de minha miséria, honesto até a raiz dos cabelos. Deus me perdoe, mas como eu fora ridículo! Comecei a contar a mim mesmo como sentira remorso apenas por ter levado ao Monte-de-Socorro o cobertor de Hans Pauli. Tive um riso sarcástico para minha delicada proibidade, cuspi no chão, de desprezo; faltavam-me palavras para zombar de minha tolice. Ah, se fosse agora! Se nesse momento achasse na rua o cofrinho de uma colegial, o único öre de uma pobre viúva, havia de apanhá-los e os meteria no bolso, de caso pensado, e dormiria tranquilo a noite inteira, como pedra. Não fora em vão que experimentara sofrimentos indizíveis; a paciência chegava ao fim, sentia-me disposto a tudo. Passei três ou quatro vezes pela torre do Castelo, e resolvi voltar para casa, mas dei ainda uma voltinha pelo Parque, e, finalmente, tornei a descer a Rua Karl Johan.

Era cerca de onze horas. A rua estava relativamente escura; pessoas caminhavam por todos os lados, aos pares, em silêncio, ou em grupos ruidosos. Começara o grande momento, a hora da junção macho-fêmea, em que o tráfico secreto alcança o apogeu, e se esboçam aventuras alegres. Saias roçagantes, aqui e ali um riso breve e sensual, seios buliçosos, hálitos violentos, arquejantes; em frente ao Grande Hotel, uma voz chamando: “Ema!” Toda a rua era um brejo de que emergiam vapores cálidos.

Involuntariamente, exploro os bolsos, à procura de duas coroas. A paixão que vibra em cada movimento dos transeuntes, a luz mortiça dos bicos de gás, a noite calma, grávida... tudo começa a atacar-me o sistema nervoso: o ar cheio de murmúrios, apertos, confissões trêmulas, palavras inexprimidas, gritinhos. Os gatos amam-se entre miados furiosos, sob a porta de Blomqvist. E eu não tenho duas coroas. Que desolação, que miséria inigualável, ser indigente a esse ponto! Que humilhação, que desonra! Penso de novo no último níquel da pobre viúva, que eu roubaria; no boné, no lenço do colegial, na sacola do mendigo que, sem mais cerimônia, eu levaria ao trapeiro, para fazer farra com o dinheiro da venda. Para consolar-me e inocentar-me, começo a atribuir todos os defeitos possíveis a essas pessoas alegres que me roçam; alço ferozmente os ombros e lanço olhares de desprezo a todos que desfilam diante de mim, aos pares. Ah, esses estudantes sóbrios, comedores de bombons, que acreditam fazer uma orgia “europeia” quando conseguem acariciar os seios de uma costureirinha! Esses senhores jovens, banqueiros, comerciantes, leões de bulevar, que não desdenham sequer as mulheres de marinheiro, tão brutas e feiarronas, do Mercado de Vacas, a rolarem sob o primeiro portão que aparecer, por um copo de cerveja! Que sereias! A cama no quarto delas ainda está quente do bombeiro ou do palafreineiro da noite passada; o trono está sempre vago, sempre escancarado; subam, por obséquio! Lanço uma cusparada longe, na calçada, sem me

preocupar se atingirá alguém; estou furioso, cheio de desprezo por esses seres que se esfregam uns nos outros e que se acasalam cinicamente à minha vista. Levanto a cabeça e gozo, solitário, a felicidade de poder conservar puro meu próprio caminho.

Na Praça do Parlamento, uma mulher encarou-me fixamente quando cheguei perto. Cumprimentei-a:

— Boa noite.

— Boa noite — e parou.

— Por que está na rua tão tarde, hein? Não é um pouco arriscado para uma jovem passear a essa hora pela Rua Karl Johan? Não? Ninguém lhe

dirigiu a palavra, não a importunaram, quero dizer, falando claro: não a convidaram para dormir junto?

Olhou-me estupefata, considerou-me a fisionomia, para desvendar o pensamento oculto. Depois, passou bruscamente a mão pelo meu braço, dizendo:

— Muito bem, vamos!

Fomos. Tínhamos dado alguns passos ao longo do ponto de carros, quando parei e soltei o braço, dizendo:

— Escute, meu bem. Estou sem um níquel.

E fiz menção de ir embora. De começo, ela não me deu crédito; mas, depois de vasculhar-me os bolsos sem encontrar nada,

aborreceu-se, voltou altivamente a cabeça para trás, e chamou-me de frouxo.

— Boa noite — disse eu.

— Espere um pouco! — gritou-me. — Seus óculos são de ouro?

— Não.

— Então, vá para o diabo. Fui andando.

Passado um minuto, ela começou a correr atrás de mim, chamando-

me:

— Você pode vir comigo, de qualquer maneira.

Humilhado por esse oferecimento de uma decaída, recusei-o.

— Já é tarde e estou sendo esperado em certo lugar. Além disso, você

não está em condições de fazer esse sacrifício.

— Mas agora sou eu que quero ficar com você.

— Nessas condições eu não vou.

— Com certeza vai procurar outra.

— Não.

Ah, todo o meu mecanismo se desarranjara; as mulheres, para mim, tinham passado a ser pouco menos do que homens; a miséria ressecara-me totalmente. Senti que me achava em situação lamentável perante aquela mulher curiosa, e resolvi salvar as aparências.

— Como é o seu nome? Maria? Bem. Escute aqui, Maria. Comecei a explicar-lhe meu procedimento. Estava cada vez mais estupefata.

— Então você achou que eu era desses sujeitos que saem à noite pelas ruas, pescando mulher? Fez realmente um juízo tão ruim a meu respeito? Por acaso eu lhe disse alguma palavra indecorosa no começo? Será que alguém se comporta como eu, quando tem más intenções? Afinal de contas, eu lhe dirigi a palavra e a acompanhei por um instante só para ver até onde iria o seu jogo. Aliás, meu nome é este: pastor Fulano de Tal. Boa noite. Vá, e não peque mais!

E com isso, fui-me embora.

Esfregava as mãos, encantado com a excelência de minha invenção, e falava alto, sozinho. Que alegria, perambular assim, fazendo boas ações! Dera talvez àquela criatura degradada o pequeno empurrão que a soergueria pelo resto da vida. Ela me seria grata quando refletisse nisto, e até no leito de morte se

lembraria de mim, com o coração cheio de reconhecimento. Oh, nenhum caso é perdido, pode-se ser honesto de qualquer modo; honesto e decente. Sentia-me com ânimo absolutamente radioso, bem disposto, cheio de coragem — acontecesse o que acontecesse. Só me faltava uma vela; se conseguisse, poderia terminar o artigo... Caminhava, balançando na ponta do dedo minha chave nova; cantarolava e assobiava, cogitando em um expediente para obter luz. Não havia outro meio: teria de levar para a rua, junto ao bico de gás, o meu material de escrita. Abri o portão e subi para apanhar os papéis.

Tornando a descer, fechei a porta à chave, e fui instalar-me lá fora, sob o foco do candeeiro. Era tudo calmo, em redor; só se ouviam os passos fortes, estalados, de um guarda, na parte baixa da Rua Transversal, e bem lá adiante, na direção da Rua Monte São João, um cachorro latindo. Nada me importunava; levantei a gola do paletó e concentrei-me profundamente. Seria tão bom se tivesse sorte de terminar o meu pequeno estudo! Chegara justamente a um ponto difícil; precisava estabelecer a transição imperceptível para uma nova ideia; depois, seria o final deslizante, longo murmúrio coroado por um clímax abrupto, que assustasse como tiro de canhão, fragor de montanha explodindo.

Um ponto... As palavras, porém, recusavam-se a vir. Reli todo o texto, desde o princípio. Lia cada frase em voz alta; era absolutamente impossível articular as ideias para esse clímax de

estrondo. Por mal dos pecados, enquanto trabalhava, o guarda veio postar-se bem no meio da rua, a pequena distância, liquidando com a minha inspiração. Que lhe importava que eu estivesse compondo o final admirável de um artigo para o jornal do “Comendador”? Meu Deus do céu, não conseguiria sobreviver, por mais que fizesse! Fiquei ali uma hora; o guarda retirou-se; o frio começava a tornar-se tão rigoroso, que me era impossível permanecer imóvel. Desencorajado, deprimido por mais essa tentativa malograda, abri a porta e subi para o quarto.

Estava frio, lá dentro; mal se podia distinguir a janela, na treva espessa. Tateei até a cama, descalcei os sapatos, sentei-me para aquecer os

pés entre as mãos. Finalmente, deitei-me — como vinha fazendo desde muito tempo — vestido assim como estava.

No dia seguinte pela manhã, sentei-me na cama logo que o dia clareou, e recomecei a escrever. Mantive-me nessa posição até meio-dia. Parturejei exatamente de dez a vinte linhas — e não chegara ainda ao final...

Levantei-me, calcei os sapatos e comecei a andar de um lado para outro no quarto, procurando aquecer-me. Havia gelo na vidraça; olhei para fora: nevava, lá embaixo, no pátio do fundo, espessa camada de neve se estendia sobre o calçamento e sobre o chafariz.

Vaguei pelo quarto, dando voltas ao acaso, arranhei a parede, com as unhas, coloquei cautelosamente a testa contra a porta, bati no soalho com o indicador e prestei ouvidos, tudo isso sem qualquer propósito, mas com calma e circunspeção, como se tivesse em mira um negócio importante. De repente, porém, disse bastante alto para eu mesmo escutar: “Mas, Santo Deus, isto é loucura!” E continuei, com intensidade maior. Após longo tempo, talvez duas horas, reuni forças, mordi os lábios e me inteiricei o mais possível. Era preciso acabar com aquilo. Procurei um cavaco para mascar, e, resolutamente, mergulhei no trabalho.

Com grande dificuldade consegui alinhar algumas frases curtas, duas dezenas de pobres palavras, arrancadas sabe Deus como, para avançar de qualquer jeito. E parei; a cabeça era um vazio, não podia mais. Absolutamente incapaz de ir mais longe, pus-me a fixar de olhos arregalados as últimas palavras dessa página inacabada; contemplava estupidamente os caracteres estranhos e trêmulos, que me espreitavam como

figurinhas hirtas, saídas do papel; acabei não compreendendo mais nada, não pensando em nada.

O tempo passava. Ouvia o rumor do tráfego na rua, barulho de carros e animais, a voz de Jens Olai falando aos cavalos, na cocheira. Completamente embrutecido, fazia estalar a língua, de leve, e não saía disso. Mísero estado, o meu.

Começava a escurecer; apaguei-me cada vez mais, acabrunhado, exausto, e voltei a deitar-me na cama. Para aquecer as mãos, passei os dedos pelos cabelos, para trás, para os lados, de través. Ajeitava pequenas mechas, tufos destacados que ficavam entre os dedos e inundavam o travesseiro. Nem reparava nisso; era como se não me dissesse respeito; aliás, tinha cabelos de sobra. Tentei outra vez sacudir esse estranho torpor

que se infiltrava por todo o corpo, como bruma; sentei-me bati com a palma da mão nos joelhos, tossi tão alto quanto os pulmões o permitiam... e tornei a cair em prostração. De nada valia; ia-me acabando irremediavelmente, de olhos arregalados, fixos no teto. Finalmente, meti o indicador entre os lábios e comecei a chupá-lo. Alguma coisa entrou a mover-se no cérebro, uma ideia abria caminho, invenção inteiramente louca: Se eu mordesse, hein? Sem refletir, fechei os olhos, ferrei os dentes.

Dei um pulo. Afinal, despertara! Um filete de sangue escorria ao longo

do dedo, e eu o lambia. Não me fazia mal, a ferida não tinha importância, mas de um golpe eu voltara a mim. Sacudi a cabeça, fui à janela e procurei um trapo para envolver a ferida. Enquanto me ocupava nisso, os olhos se encheram de água; chorei silenciosamente, para mim sozinho. Esse magro dedo lanhado tinha um ar tão dolorido... Deus do céu, a que ponto chegara!

A escuridão tornou-se mais espessa. Talvez fosse possível concluir o artigo durante a noite, se ao menos me dessem uma vela. A cabeça de novo se mostrava lúcida, as ideias circulavam como de costume, e eu não tinha nenhum sofrimento especial; nem mesmo sentia fome como algumas horas antes; podia suportar até o dia seguinte. Quem sabe se conseguiria obter uma vela a crédito, provisoriamente, indo à loja de artigos domésticos e explicando a situação? Lá me conheciam perfeitamente; nos bons tempos, quando tinha recursos, quantos pães não comprei ali? Sem dúvida alguma, arranjaría uma vela, graças à minha boa reputação. E pela primeira vez desde muito tempo, comecei a escovar um pouco a roupa e a tirar os cabelos caídos sobre o paletó, tanto quanto isso era possível na escuridão. Depois, descí a escada, tateando.

Chegando à rua, ocorreu-me que talvez fosse melhor pedir um pão. Indeciso, estaquei, refletindo “De maneira alguma” — respondi, afinal, a mim mesmo. Desgraçadamente, já não estava em condições de tolerar o menor alimento; as mesmas histórias se

repetiriam: visões, pressentimentos, ideias insensatas. O artigo jamais seria terminado, e eu precisava procurar o “Comendador” antes que ele me esquecesse de novo. “Absolutamente, de maneira alguma!” Decidi-me pela vela.

Entrei na loja. Uma mulher, perto do balcão, fazia compras; a meu lado, viam-se muitos pacotinhos com envoltórios diferentes. O caixeiro, meu conhecido, sabendo o que eu costumava comprar, deixou a freguesa e, sem mais formalidade, embrulhou um pão no jornal e trouxe-o para mim.

— Não... Hoje, o que desejo é uma vela.

Disse isso com muita doçura, muita humildade, para não aborrecê-lo, pois queria obter a vela fiado.

A resposta apanhou-o de surpresa; era a primeira vez que, em lugar de pão, eu pedia outra coisa.

— Ah, bem, então espere um pouco — e voltou a servir a freguesa.

Ela apanhou as compras, pagou com uma nota de cinco coroas, recebeu o troco e saiu. Agora estamos sós, o caixeiro e eu. Diz ele:

— Ah, sim, então é uma vela.

Abre um pacote de velas e tira uma para mim.

Olha-me, olho para ele, com o pedido na ponta da língua, mas sem coragem.

— Ah, é verdade — diz ele, de repente — o senhor já pagou.

Disse simplesmente que eu já havia pago; ouvi palavra por palavra. E começou a tirar da caixa moedas de prata e a contá-las, coroa a coroa, peças reluzentes, gordas... Deu-me o troco de cinco coroas, as cinco coroas da freguesa.

— Por obséquio — disse ele.

Fico um segundo olhando para o dinheiro; sinto que alguma coisa está errada; não reflito, não penso absolutamente em nada; caio simplesmente em êxtase diante de toda essa riqueza que se ostenta e brilha a meus olhos. Maquinalmente, apanho o dinheiro.

Fico diante do balcão, bestificado de espanto, esmagado, aniquilado; dou um passo em direção à porta e estaco. Dirijo o olhar para certo ponto do tabique, onde há uma pequena campainha presa a uma alça de couro, e, embaixo, um monte de fitas. Permaneço de olhos colados nesses objetos.

Imaginando que desejo puxar conversa, pois não me apresso, diz o caixeiro, enquanto arruma as folhas de papel de embrulho, espalhadas no balcão:

— Parece que o inverno vem chegando.

— Como? Ah, sim. Parece que o inverno vem chegando. Tudo indica que sim.

E pouco depois, acrescento:

— Ora, já não era sem tempo. Mas parece que agora ele vem mesmo. Sabia que estava falando essas insanidades, mas era como se cada

palavra que dizia viesse de outra pessoa.

— Ah! O senhor acha? — perguntou o caixeiro.

Pus o dinheiro no bolso, girei a maçaneta e saí. Escutei o meu boa- noite, e a resposta dele.

Já estava a alguns passos do patamar, quando a porta da loja se abriu bruscamente, e o caixeiro me chamou. Voltei-me sem espanto nem sombra

de inquietação; limitei-me a juntar as moedas na mão, pronto para restituí-las.

— Por obséquio, o senhor esqueceu a vela.

— Ah, obrigado! — respondi, tranquilamente. — Muito obrigado! E eis-me de novo a descer a rua, com a vela na mão.

Meu primeiro pensamento razoável foi para o dinheiro. Cheguei perto de um candeeiro e tornei a contá-lo, sopesei-o e sorri. Assim, de qualquer maneira, eu me saíra magnificamente do aperto. Saíra-me grandiosa, maravilhosamente do aperto, e por muito, muito tempo! Guardei o cobre no bolso, fui andando.

Diante de um frege na Rua Grande, estaquei, refletindo fria e tranquilamente sobre se me arriscaria a fazer uma pequena

refeição. Ouvia lá dentro o tinir de pratos e facas, o rumor de carne batida; era uma tentação forte demais, e entrei.

— Um bife.

— Um bife! — gritou a empregada, no guichê.

Instalei-me numa mesinha vaga, bem perto da porta, e esperei. Estava um pouco escuro, naquele canto; sentia-me bem escondido. Comecei a pensar. De tempos em tempos, a empregada me lançava um olhar meio curioso.

A primeira desonestidade verdadeira fora cometida; o primeiro furto, diante do qual todos os anteriores nada significavam; a primeira pequena... grande queda. Basta! Não havia meio de voltar atrás. Aliás, tinha toda liberdade de arranjar a coisa mais tarde com o merceiro — mais tarde, em ocasião propícia. Não era obrigado a continuar naquele caminho; por outro lado, não fizera voto de viver mais honestamente do que os outros homens; não assinara contrato...

— Escute aqui: o bife não vai demorar?

— Vem já.

A empregada abriu o guichê e explorou a cozinha. E se o caso fosse descoberto? Se o caixeiro viesse a suspeitar; se começasse a refletir no incidente do pão, nas cinco coroas cujo troco ele dera à freguesa? Não era impossível que isso lhe voltasse à memória,

quem sabe se da próxima vez em que eu fosse à loja. Ora, com os diabos! Sacudi os ombros, furtivamente.

— Tenha a bondade — disse, amável a empregada, colocando o bife sobre a mesa. — Mas o senhor não prefere passar para outra sala? É tão escuro, aqui.

— Não, obrigado, prefiro aqui mesmo.

Subitamente, comoveu-me essa amabilidade; paguei logo o bife, entregando à empregada, sem contar, o que encontrei no fundo do bolso, e pondo a mão por cima da sua. Ela sorriu, e eu lhe disse, brincando, com lágrimas nos olhos:

— Guarde o resto para comprar uma granja... Felicidades!

À medida que comia, tornava-me mais voraz, engolindo grandes porções sem mastigar. Desfibrava a carne como um canibal.

A empregada voltou para perto, inclinou-se um pouco:

— Não quer beber alguma coisa?

Olhei-a; falava baixinho, quase timidamente, e baixou os olhos.

— Meia garrafa de cerveja, por exemplo, ou o que o senhor quiser. Sou eu quem... sem cobrar nada... se o senhor aceitar...

— Não, muito obrigado. Hoje, não. Voltarei outro dia.

Afastou-se, foi sentar-se atrás do balcão; eu lhe via apenas a cabeça. Criatura engraçada!

Ao terminar, ganhei a porta rapidamente. Já sentia náuseas. A empregada levantou-se. A luz assustava-me; tinha medo de ser visto claramente por aquela moça que não desconfiava de minha miséria. Assim, dei-lhe um boa-noite apressado, inclinei-me e saí.

O alimento começava a produzir efeito; sentia-me tão mal que sem dúvida não poderia guardá-lo por muito tempo. Ia esvaziando o estômago em cada lugar escuro por onde passava; lutando por aplacar o enjoo que mais uma vez me oprimia, apertava os punhos, inteiriçava-me, batia com o pé no calçamento, engolia com raiva o bolo que subia... em vão. Acabei correndo para um portão, e dobrado em dois, cego pelas lágrimas que me brotavam dos olhos, esvaziei-me de novo.

Isso me exasperou; tornei a subir a rua, chorando, amaldiçoando os espíritos cruéis, não importava quais fossem, que assim me perseguiram; condenei-os à danação eterna e infernal, como castigo de tanta baixeza. Eram pouco cavalheirescos — vamos dizer assim — realmente bem pouco cavalheirescos... Fui direto a um homem embasbacado diante de uma vitrina e perguntei-lhe a toda pressa o que, a seu juízo, convém dar a uma pessoa que jejuou por muito tempo. Era um caso de vida ou de morte, e a pessoa não tolerava carne.

— Ouvi dizer que leite é bom, leite quente — respondeu o desconhecido, extremamente surpreso. — Mas por que é que o senhor me pergunta isso?

— Obrigado! Obrigado! É bem possível que não seja mau, leite quente

— e fui-me embora.

Entrei no primeiro café e pedi leite quente. Atendido, bebi-o assim como estava, engolindo com avidez até a última gota. Paguei e saí, rumo de casa.

Então, aconteceu algo estranho. Diante da porta, encostada ao poste de iluminação e bem no foco de luz, estava uma pessoa que distingui de longe... Era a moça de preto, a mesma jovem de preto das noites anteriores. Não havia engano possível, pela quarta vez se achava no mesmo lugar, absolutamente imóvel.

Achei tão esquisito que, involuntariamente, diminuí o passo; naquele momento, as ideias estavam em boa ordem, mas, excitadíssimo, eu tinha os nervos irritados pela última refeição. Como de costume, passei bem perto dela, cheguei quase até a porta e fiz menção de entrar. Sem me dar conta, voltei-me e fui direto à moça, encarando-a e cumprimentando-a:

— Boa noite, senhorita.

— Boa noite.

— Perdão, está esperando alguém? Já a observei antes. Peço-lhe mil perdões, aliás... Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Ah, não sei ao certo...

— Do outro lado deste portão não mora ninguém, com exceção de três ou quatro cavalos e de mim. É, em suma, uma cocheira e uma oficina de latoeiro. Receio que a senhorita não consiga nada, se procurar alguém por aqui.

Então, voltando o rosto, ela me respondeu:

— Não procuro ninguém. Estou aqui por estar, simplesmente.

Ah, muito bem: estava ali por estar, simplesmente — noite após noite, simples capricho. Era um tanto esquisito. Quanto mais eu refletia nisso, mais me desorientava aquela moça. Resolvi ser audacioso. Fiz tilintar o dinheiro no bolso, e, sem cerimônia, convidei-a a tomar um copo de vinho em qualquer parte.

— Em honra do inverno que já chegou, não é mesmo? Não levaremos muito tempo. Ou quem sabe se não quer?

— Oh, não, obrigada, talvez não fique bem. Não, não posso. Mas se o senhor for bastante gentil para me acompanhar um pouco, então... O caminho de minha casa é um tanto escuro, e tenho certo receio de subir sozinha a Rua Karl Johan a essa hora avançada.

Pusemo-nos a caminho; ela, à minha direita. Apoderou-se de mim um sentimento singular, belo sentimento: a consciência de estar em presença de uma moça. Olhava-a ao longo de todo o caminho. O perfume dos cabelos, o calor que lhe emanava do corpo, esse odor feminino que espalhava, a

doçura do hálito toda vez que voltava o rosto para mim, tudo isso me inundava, penetrando-me impetuosamente os sentidos. Mal podia entrever o rosto cheio, um pouco pálido, sob o veuzinho, e o colo alto, que estufava o mantô. O pensamento de todos esses esplendores ocultos, mas pressentidos sob o mantô e o veuzinho, tornava-me burramente feliz, sem motivo plausível; não resisti, toquei-a com a mão, apalpei-lhe o ombro e sorri como idiota. O coração pulava.

— Como você é estranha!

— Por quê?

— Bem, em primeiro lugar, porque tem positivamente o hábito de ficar plantada diante de uma cocheira, noite após noite, sem o menor motivo, só porque lhe deu na veneta...

— Ora, posso ter minhas razões. Aliás, gosto de ficar acordada até tarde, sempre adorei isso. O senhor acha bom deitar-se antes da meia-noite?

— Eu? Se há coisa que detesto, é deitar-me antes de meia-noite. Claro!

— Está vendo? Então, eu me ofereço este passeio à noite, quando não tenho nada de melhor a fazer. Moro lá em cima, na Praça de Santo Olavo...

— Ilaiáli! — gritei.

— O quê?

— Disse apenas: Ilaiáli. Não é nada, continue.

— Moro lá em cima, na Praça de Santo Olavo, e levo uma vida bem solitária, com minha mãe. Ela é tão surda que não podemos conversar. Que há de extraordinário nisso de eu querer sair um pouco?

— Nada de mais! — respondi.

— Pois então?

Pelo tom da voz, era fácil perceber que ela sorria.

— Não tem irmã?

— Tenho: uma irmã mais velha. Mas como é que o senhor sabe?... Ela viajou para Hamburgo.

— Há pouco tempo?

— Oh, há cerca de cinco semanas. Mas como foi que soube que eu tenho uma irmã?

— Não sabia absolutamente. Foi uma simples pergunta.

Calamo-nos. Um homem passou à nossa frente, levando um par de sapatos debaixo do braço; a não ser isso, a rua estava deserta a perder de vista. Na direção do Tivoli, brilhava uma fileira de lâmpadas de cor. Não nevava mais, no céu claro.

— Santo Deus! O senhor não sente frio, sem sobretudo? —
perguntou bruscamente a moça, olhando-me.

Seria preciso contar porque não tinha sobretudo? Revelar desde logo minha situação, assustá-la, pô-la em fuga, logo de começo? Entretanto, era delicioso caminhar a seu lado, mantê-la na ignorância ainda por breves instantes. Menti:

— Não, de modo algum.

E, para mudar de assunto:

— Já viu a coleção de animais do Tivoli?

— Não. Vale a pena?

Se lhe passasse pela cabeça ir lá? Penetrar em toda aquela luz, aquele mundo todo? Ficaria muito constrangida: as roupas estragadas, a cara macilenta, que eu nem sequer lavara nos últimos dois dias, a fariam fugir; talvez mesmo descobrisse que eu não tinha colete. Por isso, respondi:

— Oh, não. Não deve valer a pena.

E vieram-me ao espírito ideias felizes, de que logo fiz uso — algumas frases modestas, borra de um cérebro esgotado:

— Que haverá de mais numa pequena coleção de animais como aquela? Daí, não me interessa ver animais na jaula. Sabem que a gente está lá para olhá-los; sentem as centenas de olhares curiosos, perdem a naturalidade. Não, prefiro animais que não

sabem que estão sendo observados, bichos ferozes que vagueiam em seus covis, ou permanecem deitados, com olhos verdes, indolentes, lambendo as patas, pensando. Não é?

— Ah, sem dúvida. O senhor tem razão.

— O animal em toda a sua selvageria original e terrificante, isso é que tem sabor. Os passos calados, furtivos, na treva espessa da noite, o murmúrio e o terror da floresta, os gritos de um pássaro que esvoaça; em suma: a alma do reino animal, pairando sobre o animal selvagem...

Mas tive medo de fatigá-la, e o sentimento de minha imensa miséria me retomou, esmagando-me. Se ao menos estivesse um pouco bem vestido, poderia oferecer-lhe a alegria de um giro pelo Tivoli. Não compreendia aquela criatura, que sentia um prazer qualquer em se fazer acompanhar ao longo de toda a Rua Karl Johan por um miserável andrajoso. Em que pensaria ela, Senhor? E eu — por que caminhava ali, tentando brilhar, sorrindo idiotamente, sem propósito? Teria motivo plausível para me deixar arrastar a esse longo passeio, para me deixar torturar por esse passarinho delicado e sedoso? Não me custava grande esforço? Não sentia o frio da morte penetrar-me o coração ao mais leve golpe de vento no

rosto? Não era já a loucura a estalar no cérebro, loucura causada unicamente pelas provações incessantes de tantos meses? Essa

mulher me impedia até de voltar para casa, de molhar a garganta com um pouco de leite, uma simples colherada de leite que talvez conseguisse reter. Por que não me virava as costas, não me mandava para o inferno?...

Desesperado, disposto a ir ao extremo, disse-lhe:

— No fundo, você não deveria passear comigo. Comprometo-a aos olhos, de toda gente, só pela minha roupa. Sim, é pura verdade; estou dizendo o que penso.

Perturbada, lançou-me um olhar rápido, exclamando: — Oh, Senhor!

— e não disse mais nada. — Que quer dizer com isso?

— Nada, não falemos nesse assunto... Estamos quase chegando.

E começou a andar um pouco mais depressa. Viramos pela Rua da Universidade e já avistávamos os candeeiros da Praça de Santo Olavo. Aí, ela diminuiu novamente o passo.

— Não quero ser indiscreto — falei-lhe — mas não pode dizer-me o seu nome antes de nos separarmos? E não quer suspender o véu só um momentinho, para que possa vê-la? Eu lhe ficaria tão agradecido!

Pausa. Eu esperava.

— O senhor já me viu.

— Ilaiáli! — exclamei, pela segunda vez.

— O senhor já me perseguiu horas a fio, até em casa. Estava bêbedo, daquela vez?

De novo, percebi que ela sorria.

— Sim. Infelizmente, daquela vez estava bêbedo.

— Que feio isso, de sua parte!

Reconheci, plenamente contrito, que tinha sido feio de minha parte. Havíamos chegado ao chafariz. Paramos, olhando as numerosas

janelas iluminadas do número 2.

— Não pode acompanhar-me mais longe — disse ela. — Obrigada por esta noite.

Baixei a cabeça, sem coragem de dizer nada. Tirei o chapéu e fiquei assim, de cabeça descoberta. Iria estender-me a mão?

— Por que não me pede para acompanhá-lo durante uma parte do caminho? — perguntou-me, travessamente, olhando para o bico de seus sapatos.

— Ah, se a senhorita quisesse!

— Quero, mas só um pouquinho.

Voltamos. Extremamente perturbado, não sabia a que santo recorrer; aquela criatura transtornava completamente minhas ideias. Era um encantamento, uma alegria mágica; abismava-me

num poço de felicidade. Fizera questão de acompanhar-me, a ideia não partira de mim, fora seu o desejo. Caminhando a contemplá-la, sentia-me cada vez mais corajoso; ela me estimulava, me atraía para si, a cada palavra de sua boca. Por um momento esqueci minha miséria, minha baixeza, toda a existência lamentável; o sangue corria-me, ardente, pelo corpo, como antes da decadência. Resolvi sondar o terreno com um pequeno estratagema.

— Aliás, não era você que eu acompanhava daquela vez; era sua irmã.

— Minha irmã? — exclamou, espantadíssima.

Deteve-se, olhou-me, como quem aguarda realmente resposta. Perguntara a sério.

— Pois é. Bem... Quer dizer, a mais moça das duas que caminhavam à minha frente.

— A mais moça? Ah!

E, sem mais nem menos, caiu na gargalhada, como criança.

— Ah, como você é astucioso! Disse isto simplesmente para que eu suspenda o véu. Compreendi. Mas, de castigo, você não verá nada.

Começamos a rir e a brincar; falávamos como papagaios, o tempo todo, e eu não sabia o que estava dizendo, de tão alegre.

Ela contou que me vira uma vez antes, havia muito tempo, no teatro. Eu estava com três camaradas e parecia louco. Certamente, estava bêbedo também daquela vez — é o que ela receava.

— Por que achou isso?

— Você ria tanto!

— É mesmo. De fato, ria muito naquele tempo.

— E agora, não?

— Oh, sim, agora também. É magnífico existir! Chegávamos à Rua Karl Johan. Ela disse:

— Não vamos muito longe.

Voltamos, tornamos a subir a Rua da Universidade. Chegando pela segunda vez ao chafariz, diminuí um pouco o ritmo; sabia que não me era permitido acompanhá-la mais longe.

Agora, você precisa voltar — disse ela, estacando.

— Sim, talvez.

Um momento depois, entretanto, achou que eu poderia acompanhá-la ainda até a porta.

— Afinal, meu Deus, não há nada de mal nisso, não é?

— Claro que não.

Mas, ao chegar à porta, minha miséria toda desabou novamente sobre mim. Também, como não perder coragem quando alguém se vê assim esmagado pela vida? Ali estava eu diante daquela moça, roto, vestido pela metade, desfigurado pela fome, sem tomar banho: era de afundar pela terra adentro. Encolhi-me, fiz uma curvatura involuntária, e disse:

— Posso tornar a vê-la?

Não tinha a menor esperança de que ela concordasse; quase que desejava mesmo uma recusa seca; isso me conduziria ao retraimento e à indiferença.

— Pode.

— Quando?

— Não sei. Pausa.

— Não quer ter a gentileza de levantar o véu por um instante? Só um instante, para que eu possa ver com quem falei: um instantinho só! É natural que deseje ver a pessoa com quem falei...

Pausa.

— Você pode encontrar-se de novo comigo, aqui, em frente à porta, na terça-feira à noite. Quer?

— Às oito horas?

— Está bem.

Passei-lhe a mão no mantô, tirando a neve, como pretexto para tocá-la;

era uma volúpia, estar assim tão perto de seu corpo.

— Não vá pensar muito mal de mim... — disse-me, sorrindo novamente.

— Oh, não.

Bruscamente, num gesto resolutivo, suspendeu o veuzinho sobre a testa; ficamos um segundo a olhar-nos. “Iaiáli!” — exclamei.

Alteou-se na ponta dos pés, enlaçou-me o pescoço e beijou-me na boca. Senti palpitar-lhe o seio em tumulto.

De repente, despreendeu-se de meus braços, disse boa noite, arquejante, à meia-voz, virou-se e subiu a escada correndo, sem uma palavra. A porta voltou a fechar-se.

Nevava ainda mais no dia seguinte — neve pesada, com intervalos de chuva; grandes flocos azulados, ao caírem, salpicavam lama. O tempo era úmido, gelado.

Acordei um pouco tarde, com a cabeça estranhamente perturbada pelas emoções da noite, e o coração extasiado por aquele belo encontro. Nesse encantamento, permaneci na cama um instante, acordado, imaginando Ilaiáli junto a mim; eu abria os braços, estreitava-me, dava beijos no vazio. Finalmente, levantei-me, engoli uma xícara de leite e logo por cima um bife. Já não tinha fome, porém voltara a extrema tensão de nervos.

Desci ao Mercado de Roupas. Talvez achasse lá um colete de segunda-mão a preço acessível, qualquer coisa que pudesse usar debaixo do paletó, não importava o que fosse. Galguei o patamar do mercado e descobri um colete, que comecei a examinar. Nisso passou um amigo e fez sinal com a cabeça, chamando-me; deixei o colete e desci para vê-lo. Era engenheiro técnico, e ia para o escritório.

— Venha tomar um copo de cerveja comigo — disse ele. — Mas venha depressa, não disponho de muito tempo. Quem era aquela moça com quem você passeava ontem à noite?

— Escute — respondi-lhe, com ciúme de seu simples pensamento — e se fosse minha noiva?

— Ô diabo!

— Pois é, resolvemos isso ontem.

Esmaguei-o; acreditou na minha palavra, e eu o enchi de mentiras para livrar-me dele. Serviram-nos cerveja, bebemos e saímos.

— Adeus, até breve. Ah, escute uma coisa — disse ele, bruscamente — há muito tempo que estou devendo a você umas coroas, e é uma vergonha não ter pago ainda. Mas daqui a pouco você receberá o seu dinheiro.

— Obrigado.

Tinha certeza, porém, de que jamais ele me pagaria aquelas coroas.

Por desgraça, a cerveja subiu-me à cabeça, que começou a arder. A aventura da véspera obcecava-me, estava quase louco. E se ela faltasse ao encontro de terça-feira? Se começasse a refletir, a suspeitar?... Suspeitar de quê? Num segundo, as ideias tornaram-se luminosamente claras, e começaram a girar em torno daquele dinheiro. Uma ânsia, um susto mortal invadiram-me. O roubo, com todos os pormenores, desabou sobre mim; vi a lojinha, o balcão, meus dedos magros pegando o dinheiro; imaginei as medidas policiais quando viessem deter-me. Algemas nas mãos e nos pés; não, apenas nas mãos, talvez numa única; a barra, o interrogatório do comissário, o ranger de pena arranhando o papel, seu olhar, seu terrível olhar: Bem, é o senhor Tangen? E a célula, a escuridão infindável...

Ah! Apertei violentamente os punhos, para dar-me coragem, estuguei o passo e cheguei à Praça do Grande Mercado. Lá, sentei-me.

Deixemos de infantilidades. Como diabo se poderia provar que eu tinha roubado? Além do mais, o caixeiro não ousaria fazer escândalo, mesmo que um belo dia se lembrasse de como o caso se passara; tinha apego ao lugar. Nada de barulho, nada de cenas, por favor.

De qualquer modo, porém, aquele dinheiro me pesava um pouco no bolso, não me deixava em paz. Investigando bem no fundo de mim, descobri, claro como água, que antes era mais feliz, quando sofria com toda a honestidade. Oh, meu Deus, meu Deus! Ilaiáli...

Sentia-me bêbedo como uma cabra; ergui-me num salto, e fui direto à vendedora de doces, próximo à Farmácia do Elefante. Podia ainda limpar-me da desonra, não era tarde demais, pelo contrário; mostraria ao mundo o que era capaz de fazer. Em caminho, preparei o dinheiro, tinha até o último öre na mão. Inclinei-me sobre o cesto da pobre mulher, como se quisesse comprar alguma coisa e, sem mais nem menos, botei-lhe o dinheiro na mão. Não pronunciei uma palavra, e fui andando logo.

Que gosto admirável, o de sentir-me novamente homem de bem! Os bolsos vazios já não me pesavam, era uma delícia encontrar-me outra vez a nenhum. Refletindo bem, esse dinheiro, no fundo, me enchera de preocupações secretas, eu realmente me arrepiava ao pensar nele; não era uma alma endurecida, pois minha natureza honesta se indignara profundamente com aquela ação

vil. Graças a Deus, reabilitara-me perante a consciência. “Imitem-me, simplesmente!” — exclamei, olhando para a praça que formigava de gente —, “imitem-me, simplesmente!” Dera alegria a uma pobre velha vendedora de doces; fora como uma bênção, e ela não sabia como render graças pelo benefício. Essa noite, seus filhos não iriam para a cama com fome... Excitava-me com esses pensamentos, e achava que me conduzira de maneira admirável. Graças a Deus, o dinheiro já não estava em minhas mãos.

Enervado, bêbedo, inflado de orgulho, atravessei a rua. Poder apresentar-me puro, honesto, diante de Ilaiáli, poder encará-la! Imerso em êxtase, não cabia em mim de contente. As dores tinham passado, a cabeça estava lúcida e leve; era, devia ser, uma cabeça de luz eterna, a resplandecer sobre os ombros. Veio-me o desejo de fazer molecagens, coisas espantosas, barulho grosso, pôr a cidade de pernas para o ar. Tornando a subir toda a Rua Graensen, comportei-me como um louco; os ouvidos zumbiam suavemente; no cérebro, a embriaguez chegava ao máximo. Num entusiasmo temerário, ocorreu-me chegar perto de um comissário, que aliás não havia pronunciado uma palavra, dizer-lhe minha idade, pegar-lhe da mão, encará-lo com olhar penetrante e em seguida deixá-lo sem qualquer explicação. Distinguia tonalidades na voz e no riso dos transeuntes. Observei

alguns passarinhos que saltitavam diante de mim na calçada; entrei a estudar a expressão das pedras do calçamento, e achei toda espécie de sinais e de figuras estranhas. Nisso, cheguei à Praça do Parlamento.

Estacando bruscamente, olhei com atenção os fiacres. Cocheiros flanavam e conversavam; os cavalos baixavam o focinho, ante o mau tempo. Vamos — disse a mim mesmo, dando-me uma cotovelada. Caminhei rápido até o primeiro carro, e tomei-o. “Estrada de Ullevaal, nº 37!” — gritei. E saímos.

Em caminho, o cocheiro começou a olhar para trás, curvou-se, espiou com o rabo do olho o lugar onde eu me sentara, protegido pela manta de couro. Suspeitaria de alguma coisa? Sem nenhuma dúvida, minha roupa miserável atraíra-lhe a atenção.

— É um camarada que preciso ver — falei-lhe, insistindo muito em que tinha absoluta necessidade de encontrar esse tal sujeito.

Paramos diante do nº 37; saltei, subi a escada correndo, até o segundo andar, e puxei o cordão da campainha; ouviram-se lá dentro sete ou oito toques alarmados.

A criada veio abrir; tinha brincos de ouro, e vestia blusa cinzenta, com botões de lasting preto. Olhou-me assustada.

— Procuro o Sr. Kierulf. Joaquim Kierulf, se me dá licença. É comerciante de lãs. Creio que não há possibilidade de engano...

Ela sacudiu a cabeça:

— Aqui não mora nenhum Kierulf.

Olhou-me fixamente, e pôs a mão na maçaneta, para retirar-se. Não fazia o menor esforço para achar a pessoa que eu procurava; parecia conhecer realmente essa pessoa, mas não se dava ao trabalho de pensar nisso, a preguiçosa. Cheio de furor, voltei-lhe as costas e desci a escada correndo.

— Não está! — gritei ao cocheiro.

— Não está?

— Não. Toque para a Rua dos Diabinhos, nº 11.

Estava possuído da mais violenta agitação, e o cocheiro se deixou contagiar por ela: achou mesmo que era para mim uma questão vital, e tocou sem hesitação, em velocidade louca.

— Como é o nome dele? — perguntou-me, voltando-se no banco.

— Kierulf. Kierulf, comerciante de lãs.

Também lhe parecia não haver motivo para engano. Não era um que usava paletó claro?

— Que negócio é esse de paletó claro? Está louco? Pensa que estou procurando uma xícara de chá?

Aquele paletó claro viera atrapalhar-me, deformando a imagem que eu me fizera do tipo.

— Que nome o senhor disse? Kjaerulf?

— Claro. Há alguma coisa de extraordinário nisso? O nome não desonra ninguém.

— Não é um ruivo?

Era bem possível, Santo Deus, que fosse ruivo.

Desde o momento em que o cocheiro falou assim, fiquei absolutamente convencido de que ele tinha razão. Senti-me grato a esse pobre condutor de carro, e disse que ele acertara em cheio; era exatamente como dizia: seria um fenômeno ver um tal homem sem cabelos ruivos.

— Então, deve ter sido ele que eu conduzi algumas vezes. Até me lembro que usava uma bengala nodosa. O pormenor fez-me ver o homem em carne e osso:

— Isso! Nunca ninguém o viu sem bengala. Pode estar certo, pode ter absoluta certeza disso. — Claro que é ele mesmo. Me lembro perfeitamente.

E rodamos tão depressa que o cavalo tirava faíscas com as ferraduras. Em meio a tanta excitação, eu não perdera um só momento a presença

de espírito. Passamos diante de um guarda e observei que o seu número era 69. O número impressionou-me cruelmente, cravando-

se na memória como um espinho: 69, precisamente 69; jamais o esquecerei.

Encostei-me ao fundo do carro, presa das mais loucas fantasias, encolhi-me sob a manta para que ninguém me visse mexer com a boca, e comecei a conversar idiotamente comigo mesmo. A loucura lavrava em meu espírito; deixei que lavrasse, com plena consciência de estar submetido a forças que não poderia dominar. Comecei a rir, um riso silencioso e apaixonado, sem sombra de motivo; os poucos copos de cerveja que bebera ainda me traziam alegre e tonto. Pouco a pouco, a excitação diminuiu, a calma foi voltando gradativamente. Sentia frio no dedo cortado; envolvi-o no colarinho, para aquecê-lo um pouco. Chegamos assim à Rua dos Diabinhos. O cocheiro parou.

Desci sem pressa, sem ideias, esgotado, com a cabeça pesada. Transpondo o portão, cheguei ao pátio do fundo, atravessei-o, esbarrei com uma porta, abri-a, entrei e vi-me num corredor, espécie de antecâmara com

duas janelas. A um canto, havia duas malas, uma em cima da outra, e de comprido, junto à parede, um velho canapé de pinho, com um cobertor. À direita, no quarto vizinho, escutei vozes e gritos infantis; em cima, no primeiro andar, um martelo castigava uma placa de ferro. Observei tudo isso logo à entrada.

Atravessei tranquilamente a peça, fui à porta em frente, sem pressa. Não pensava em fugir. Abri-a e saí pela Rua dos Carreiros.

Ergui os olhos para a casa que acabava de atravessar, e li por cima da porta: Hospedaria e Quartos para Viajantes.

Não me veio à ideia esconder-me, escapando ao cocheiro que me esperava; com todo o sangue-frio, fui andando pelo meio da rua, sem medo e sem consciência de agir mal. Kierulf, o comerciante de lãs que habitara tão demoradamente meu espírito, ser que eu julgava existir e que me era absolutamente necessário encontrar, saíra do pensamento, desaparecera, apagado como tantas loucas imaginações que vinham e voltavam, cada uma por sua vez; não era mais que um pressentimento, uma recordação.

Dissipava-se a embriaguez, à medida que ia caminhando; sentia-me pesado, exausto; arrastava os pés. Finalmente, cheguei a Grönland, fui para perto da igreja e sentei-me num banco para descansar. Os transeuntes olhavam-me com espanto. E mergulhei em minhas cismas.

Santo Deus, em que triste estado me achava! Sentia-me tão profundamente desgostoso e fatigado por toda essa vida miserável, que já não me parecia valer a pena lutar em sua defesa. A má-sorte vencera, e fora demasiado rude: eu era apenas uma extraordinária ruína. Os ombros, pendidos, achatavam-se

inteiramente para os lados; adquirira o costume de andar o mais curvado possível, a fim de proteger o peito. Uma dessas tardes, no quarto, passara o corpo em revista, e chorara com pena dele, durante todo o tempo. Havia semanas que usava a mesma camisa, dura de tanto suor ressecado, a ponto de me ferir o umbigo. Escorria da chaga um líquido sangrento; não era doloroso, mas afligia ver aquela ferida bem no meio do ventre. Não tinha remédio para ela, e não se fecharia por si só; lavei-a, enxuguei-a cuidadosamente e tornei a pôr a mesma camisa. Não havia nada a fazer.

Estou sentado no banco, durante esse tempo, bastante triste. Tenho asco de mim. Até as mãos me repugnam. Angustia-me, causa-me enjoo a expressão vil, impudica, das costas das mãos, impressionam-me brutalmente esses dedos magros, odeio todo o meu corpo flácido, tenho horror de carregá-lo, de senti-lo em volta de mim. Oh, meu Deus, se tudo acabasse agora! Gostaria tanto de morrer.

Extremamente abatido, sujo, aviltado a meus próprios olhos, levantei-me maquinalmente e recomecei a andar na direção de casa. De passagem, avistei um portão em que se lia: “Mortalhas — na loja da Senhorita Andersen, à direita, junto à porta principal.” “Velhas lembranças” — exclamei, lembrando-me do antigo quarto, no Bairro de Hammersborg, com a pequena espreguiçadeira, o tapete de jornais junto à porta, o aviso do

Diretor do Serviço dos Faróis, pão fresco de Fabian Olsen... Ah, era bem mais feliz naquele tempo! Certa noite, escrevera um folhetim de dez coroas, ao passo que agora não podia absolutamente escrever mais nada, o cérebro se esvaziava à primeira tentativa. Sim, era preciso acabar com isso. E caminhava, caminhava.

À medida que me aproximava da loja de artigos domésticos, tinha semiconsciência de que me aproximava do perigo, mas insistia na ideia: queria denunciar-me. Subi calmamente o patamar. À porta, encontro uma garota com uma xícara na mão; deixo-a passar e fecho a porta. Eu e o caixeiro estamos um em face do outro, a sós, pela segunda vez.

— Que tempo horroroso, hein? — diz ele.

Por que esse rodeio? Por que não me agarra logo de saída?

Respondo, com raiva:

— Não vim aqui para falar do tempo.

Surpreende-o esta violência; seu cerebrozinho de merceeiro estaca;

não lhe vem à ideia que eu lhe empalmara cinco coroas.

— Então não sabe que eu lhe passei a perna? — digo-lhe, trêmulo, impaciente, e respiro, com violência, disposto a empregar a força se ele não entrar imediatamente no assunto.

Mas o pobrezinho não desconfia de nada. Santo Deus, em meio a que estúpidos indivíduos a gente é obrigado a viver! Cubro-o de injúrias, explico-lhe ponto por ponto como a coisa se passou, mostro-lhe onde eu estava e onde estava ele quando o ato foi praticado, onde estavam as moedas, como as juntei e fechei na mão. Compreende tudo, e entretanto não faz nada. Volta-se para um lado e outro, presta ouvidos aos passos no cômodo vizinho, sussurrando: “Psiu”, para que eu fale mais baixo, e afinal exclama:

— Que coisa ignóbil o senhor fez!

— Ah, isso não — gritei, sentindo necessidade de contradizê-lo e de provocá-lo. — Não foi assim tão vil, tão abjeto como pensa esta sua cabecinha de artigos domésticos. Naturalmente, não fiquei com o dinheiro, jamais me passaria pela cabeça; não tirei dele proveito algum para mim mesmo; isso repugnaria à minha consciência fundamentalmente honesta.

— Então, que foi que o senhor fez com ele?

— Dei de presente a uma pobre velha. Até o último öre, fique sabendo. Aí está o homem que eu sou: nunca esqueço completamente os pobres.

Ele refletiu um momento. Visivelmente, estava indeciso quanto a decidir se eu era ou não um homem honrado. Afinal, disse:

— Não deveria antes ter restituído o dinheiro?

— Escute — respondi-lhe com descaramento. — Não queria metê-lo no embrulho; queria poupá-lo. Mas essa é a paga que recebemos quando somos magnânicos. Estou aqui a lhe explicar todo o negócio, e o senhor não se envergonha de proceder assim, não se dispõe a passar uma esponja neste caso! Se é assim, lavo as mãos. No mais, vá para o diabo. Passe bem!

E saí, batendo rudemente com a porta.

Ao chegar, porém, ao aflitivo covil de meu quarto, ensopado de neve derretida, com os joelhos trêmulos devido às peregrinações do dia, perdi instantaneamente a arrogância e me deixei sucumbir de novo. Lamentei a agressão ao pobre caixeiro, chorei, torturei-me, fiz o diabo. Naturalmente ele sentira um medo mortal de perder o emprego, e não ousara fazer barulho pelas cinco coroas que a casa tinha perdido. Quanto a mim, aproveitara-me de seu medo, atormentara-o com o meu discurso em voz alta, e cada palavra que lhe gritava era um murro. Talvez o próprio dono da mercearia estivesse no cômodo ao lado, e pouco faltara para que ele viesse ver o que acontecia. Já não havia limites para a minha capacidade de ousar, em matéria de infâmia.

Bem, mas por que não me prenderam? Pelo menos seria uma conclusão. Estendera, por assim dizer, o pulso à algema. Não faria a menor resistência; muito pelo contrário, ajudaria até. Senhor do céu e da terra: um dia de minha vida para ter ainda um

segundo de felicidade! Toda a minha vida por um prato de lentilhas... Escutai-me, só esta vez!...

Deitei-me com a roupa molhada, e o pressentimento obscuro de que talvez morresse naquela noite; empreguei as últimas forças em pôr um pouco de ordem na cama, para que tudo tivesse aspecto mais ou menos apresentável, no dia seguinte pela manhã. Juntei as mãos e escolhi a posição.

Mas, de repente, lembrei-me de Ilaiáli. Tê-la esquecido assim completamente, durante toda a noite! E de novo a luz penetrou, fraquinha, em meu espírito — pequeno raio de sol, a proporcionar-me abençoado calor. Depois, o sol cresceu, tinha uma luz suave, fina e sedosa; sua carícia entorpecia-me deliciosamente. E o sol se tornou cada vez mais forte, queimando-me as têmporas; fervia, pesado, incandescente, sobre o cérebro

alquebrado. Por último, flamejou diante de meus olhos uma enlouquecedora fogueira de raios, céu e terra inflamados, homens e animais de fogo, abismo, deserto, universo em chamas, fumegante juízo final...

Depois, não vi, não escutei mais nada.

No dia seguinte, acordei banhado em suor, com o corpo todo úmido; a febre me arrasara. Para começar, não tinha consciência nítida do que acontecera, olhava espantado em volta; transformara-se completamente minha maneira de ser; já não me reconhecia a mim mesmo. Apalpei os braços de baixo para cima, as pernas de cima para baixo; estupefato, ao ver a janela nessa parede, e não na outra diretamente oposta, ouvia o escavar das patas de cavalo no pátio, como se viesse do alto. E por último, sentia o coração oprimido.

Os cabelos, úmidos e frios, colavam-se à testa; levantei-me apoiado num cotovelo e olhei para o travesseiro; nele havia pequenas mechas de cabelos molhados. No decurso da noite, os pés se tinham inchado dentro dos sapatos, mas isso não incomodava; apenas, mal podia mover os artelhos.

Como a tarde avançasse, começando a escurecer, levantei-me da cama e comecei a vagar pelo quarto. Tentei caminhar com passinhos circunspectos, cuidando de manter o equilíbrio e poupar os pés o mais possível. Não sofria muito nem chorava; afinal de contas, não estava triste; pelo contrário: admiravelmente satisfeito; não vinha à ideia, naquele momento preciso, que qualquer coisa pudesse ser diferente do que era.

Saí. A única coisa que me incomodava um pouco, não obstante a repugnância à comida, era afinal de contas a fome. Voltava a sentir um apetite escandaloso, profunda e feroz vontade de comer, e ela crescia, crescia sempre. Roía-me, impiedosa, o peito; um trabalho silencioso, estranho, processava-se lá dentro. Como se uns vinte insetozinhos frágeis inclinassem a cabeça para um lado e roessem um pouco, depois ficassem tranquilos por um momento, e recomeçassem, abrissem caminho sem ruído, sem pressa, deixando espaços vazios por toda parte onde passassem...

Eu não estava doente, mas esgotado, e começava a transpirar. Pensei em ir ao Grande Mercado para descansar um pouco; o caminho, porém, era longo e difícil; por fim, estava quase chegando lá: via-me na esquina da

praça com a Rua do Mercado. O suor escorria pelos olhos, embaçava os óculos, cegando-me; estaquei para limpar-me um pouco. Não prestei atenção ao lugar nem refleti nisso: o ruído em torno era aterrorizador.

Bruscamente, ouve-se um chamado, uma advertência fria, cortante.

Ouçou-a muito bem, e volto-me nervosamente para o lado, num passo tão rápido quanto o permite a fraqueza das pernas. O carro-gigante do padeiro passa diante de mim, roçando com a

roda o meu paletó; se eu tivesse sido mais ágil, escaparia ileso. E poderia ter sido mais ágil, bastaria um pouquinho de nada, se quisesse tomar esse trabalho; já não havia remédio, porém: senti a dor em um dos pés, dor de dedos esmagados; eles se encolhiam dentro do sapato.

O padeiro freou os cavalos com toda a energia; virou-se no banco e perguntou, aterrorizado, o que tinha acontecido.

— Ah, podia ter sido muito pior! — respondi. — Talvez não seja tão grave assim... Não creio que tenha quebrado nenhum osso... Oh, por favor!

Rumei para um banco, tão depressa quanto podia; encabulavam-me aquelas pessoas paradas, com os olhos fixos em mim. Em verdade, não era um golpe mortal; estava mesmo relativamente com sorte, pois era inevitável que a desgraça chegasse. O pior era que o sapato fora esmagado, reduzido a pedaços, com a sola arrancada na ponta. Levantei o pé e vi o sangue pela abertura escancarada. Ora! Não fora de propósito, nem de minha parte nem da parte dele; o sujeito não tivera intenção de agravar minha triste situação: estava assustadíssimo. Talvez até me desse um de seus pãezinhos, se eu pedisse. Daria, na certa, com prazer. Que Deus lhe dê alegria, por onde quer que vá!

A fome era medonha, e não sabia como satisfazer meu apetite escandaloso. Virava-me para um e outro lado, no banco, e apoiava o peito sobre os joelhos. Quando anoiteceu, arrastei-me até o Depósito.

Sabe Deus como cheguei lá, e me sentei a um canto da balaustrada. Arranquei um bolso do paletó e comecei a mastigá-lo — de resto, sem nenhuma ideia precisa — com a cara sombria, olhos cravados em frente, sem ver. Percebi que criancinhas brincavam em redor e, instintivamente, que um transeunte passava diante de mim; a parte isso, não observava nada.

De repente, veio-me uma ideia: ir a uma das barracas do Mercado de Carne, lá embaixo, e oferecer-me uma posta de carne crua. Levantei-me, pulei a balaustrada, fui até a outra beira do teto do mercado e descí. Quase chegando ao nível do açougue, dei um grito no vão da escada, e fiz um gesto

de ameaça, como a um cão que estivesse lá em cima, atrás de mim. Atrevidamente, dirigi-me ao primeiro açougueiro que encontrei:

— Êh! Quer ter a gentileza de dar um osso ao meu cachorro? Só um osso; não é necessário mais do que isso. É para ele ir se distraíndo.

Deram-me um osso, um ossinho magnífico, onde restava ainda um pouco de carne, e eu meti-o por baixo do paletó.

Agradei tão calorosamente ao homem que ele me olhou, espantado:

— Não tem de quê.

— Não diga isso, foi muito gentil de sua parte.

E subi. Meu coração batia com força. Meti-me pelo Beco dos Ferreiros, o mais longe possível, e estaquei diante do portão arruinado de um pátio. Não se via luz em parte alguma; uma bendita sombra pairava em redor; comecei a roer os restos do osso.

Aquilo não tinha gosto; o cheiro nauseante de sangue velho subia do osso, dando vontade de vomitar. Fiz nova tentativa. Ah, se pudesse guardar um pedacinho de carne, certamente faria efeito; a questão era conseguir que ele ficasse lá dentro. Mas outra vez a náusea me invadia. Furioso, dei uma dentada violenta na carne, arrancando-lhe umas poucas fibras, e engoli-as à força. Não adiantou nada: logo que se aqueciam no estômago, os restos começavam a subir. Apertei os punhos, comecei a chorar de desespero e a roer como um possesso; chorei tanto que o osso ficou ensopado de lágrimas; vomitei, praguejei, roí cada vez mais... Chorei como se o coração fosse arrebentar, e vomitei como antes. Em voz alta, condenei todos os poderes do mundo às penas do inferno.

Silêncio. Nem um ser humano em redor, nem uma luz, um ruído. Cheguei ao máximo da excitação. Respirava pesada e ruidosamente, chorava, rangia dentes toda vez que tinha de restituir aqueles restos de carne, que poderiam bem matar-me um pouco a fome. Sem nada conseguir, malgrado as tentativas, atirei o osso contra a porta. Cheio de raiva impotente, tomado de fúria, lancei violentamente ao céu apelos e ameaças, gritei o nome de Deus com voz rouca, de ira concentrada, recurvando os dedos como garras. “Digo-te, ó sagrado Baal do céu, que não existes. Mas, se existisses, eu te amaldiçoaria de tal modo que esse teu céu palpitaria com o fogo do inferno. Em verdade te digo: ofereci-te meus serviços e tu os recusaste; repeliste-me, e hoje eu te viro as costas para sempre, pois nunca soubeste reconhecer a hora da Visitação. Em verdade te digo: sei que vou morrer, e, não obstante, com a morte diante dos olhos, eu te desprezo, ó celeste Ápis. Empregaste contra mim a força, e não sabes que jamais me dobrei perante a adversidade. Pois deverias sabê-lo. Por acaso dormias

quando plasmaste meu coração? Em verdade te digo: durante toda a vida, cada gota de sangue em minhas veias sentirá alegria em desprezar-te e escarnecer de tua Graça. A partir deste momento, renuncio a ti, a tuas pompas e a tuas obras; lançarei o anátema sobre meu pensamento, se jamais ele te pensar; arrancarei os lábios se jamais eles pronunciarem teu nome. Se

existires, digo-te a última palavra da vida e da morte: digo-te adeus. Depois, calo-me, viro-te as costas e sigo meu caminho.”

Silêncio.

Trêmulo de excitação e fraqueza, fico sem mexer, murmurando ainda blasfêmias e injúrias, soluçando após a violenta crise de lágrimas, alquebrado, átono, finda a louca explosão de furor. Ah! tudo fora apenas verbiagem livresca, literatura, que eu tentava burilar lá do fundo de minha miséria: era conversa fiada! Fico assim talvez meia hora, a soluçar e resmungar, agarrado à porta. Depois, ouço vozes; dois homens entram, conversando, no Beco dos Ferreiros. Lanço-me para fora da porta, caminho ao longo das casas, e de novo desemboco em ruas iluminadas. Ao descer a passos arrastados a Ladeira Young, meu cérebro entra súbito em atividade, numa direção absolutamente extraordinária. Veio-me a ideia de que os miseráveis casebres a um canto do Mercado, os barracões e as velhas tendas de ferro-velho são uma vergonha para a cidade. Enfeiam a fisionomia do Mercado, poluem a cidade — horríveis! Abaixo toda essa porcaria!

No caminho, ia imaginando quanto custaria remover para ali o Serviço Cartográfico, essa bela edificação que sempre me agradara tanto à vista. Não seria talvez praticável esse deslocamento, a menos que se gastassem setenta a setenta e duas mil coroas — bela soma, não há dúvida, dinheirinho muito fácil de trazer no bolso, para começo de conversa... Êh, êh! E

abanava a cabeça vazia, concordava que era um dinheiro bem bonito para começar. Todo o corpo continuava a tremer; vinham-me soluços profundos, de tempos em tempos, após a crise de lágrimas.

Parecia que quase nada de vida restava em mim; no fundo, entoava meu canto de cisne. Aliás, pouco estava ligando para isso, ou melhor, não me preocupava absolutamente nada; pelo contrário, seguia para a cidade baixa, rumo ao cais do porto e à estação ferroviária, cada vez mais distante de casa; e de bom grado me deitaria na rua, de barriga para o ar, esperando a morte. De tanto sofrer, tornara-me cada vez mais insensível; picadas fortes no pé machucado, impressão de que a dor se espalhava e subia pela barriga da perna, que me importava tudo isso? Já suportara coisas piores.

Cheguei assim, lá embaixo, à zona portuária. Nenhum movimento, nenhum ruído; no máximo, aqui e ali, um ser humano, estivador ou marinheiro, a flandar de mão no bolso. Um coxo de olhos vingos tinha a vista fixa para o meu lado, ao cruzarmos. Retive-o instintivamente, tirei o chapéu e perguntei-lhe se sabia alguma coisa sobre a partida da “Freira”. Depois (não sei o que me deu), estalei os dedos bem diante do nariz do homem, exclamando: “Ô, diabo!”

A “Freira”, sim; a “Freira”, que eu havia esquecido completamente! Entretanto, sua lembrança dormitava no fundo de mim, à revelia, e eu a levava sem saber.

— Caramba! A esta hora a “Freira” já deve ter içado a vela.

— Pode me dizer qual o fim da viagem?

O homenzinho refletiu, apoiado na perna mais comprida, com a outra suspensa, balançando de leve.

— Não. Sabe qual o carregamento que ela pegou aqui?

— Eu não — respondi-lhe.

Mas já me havia esquecido a “Freira”. Perguntei-lhe que distância haveria daqui até Holmestrand, calculada em boas e velhas milhas geográficas.

— Até Holmestrand? Acho que...

— E até Veblungsnaes?

— Que é que eu posso lhe dizer? Até Holmestrand, acho que...

— Me diga uma coisa, antes que me esqueça — interrompi-o de novo.

— Poderia ter a grande bondade de me dar um bocadinho de fumo, um pedacinho de nada?

Deu-me o fumo. Agradei calorosamente e fui-me embora. Não usei o fumo, botei-o imediatamente no bolso. O sujeito continuava

de olho fixo em mim. Eu lhe despertara talvez desconfiança, por um motivo qualquer. Andando ou parado, sentia atrás de mim aquele olhar suspeito. Não me agradava ser perseguido por aquele tipo. Voltei-me, caminhei para ele e disse:

— Pespontador de sapato!

Só isto: Pespontador de sapato. Nada mais. Ao dizê-lo, encarava-o com firmeza, encarava-o terrivelmente; era como se eu olhasse de um outro mundo. Fiquei por ali um momento, depois de dizer essas palavras. Afinal, arrastei-me em direção à Praça da Estrada de Ferro. Ele não emitiu um som; contentou-se em seguir-me com os olhos.

Pespontador de sapato? Estaquei bruscamente. Bem que eu tivera a sensação desde o começo: já conhecia aquele aleijado. Vira-o no alto da Rua

Graensen, quando levei o colete ao Monte-de-Socorro, em certa manhã clara e bonita. Era como se houvesse transcorrido uma eternidade a partir daquele dia.

Imóvel, encostado a uma casa na esquina da praça com a Rua do Porto, refletia nisso, quando de repente estremeci e procurei esconder-me. Não o conseguindo, olhei firme e empertigado para a frente, mas envergonhadíssimo, no íntimo. Não havia meio de escapar: estava face a face com o “Comendador”.

Veio-me um atrevimento cheio de despreocupação; dei um passo para me descolar da parede e atrair a atenção do “Comendador”. Não foi para despertar-lhe compaixão que agi dessa maneira, mas para zombar de mim mesmo, para expor-me ao desprezo público. Seria capaz de rolar no meio da rua, pedindo ao “Comendador” que passasse por cima, que calcasse bem o meu rosto com os pés. Nem sequer lhe dei boa noite.

O “Comendador” suspeitou talvez que as coisas não iam bem para mim, e diminuiu o passo; disse, para retê-lo:

— Eu devia ter ido levar um artigo para o senhor, mas por enquanto não saiu nada.

— Ah — respondeu, em tom interrogativo. — Então, o senhor ainda não o terminou?

— Não, não consegui terminar.

Inesperadamente, meus olhos se enchem de lágrimas, diante da benevolência do “Comendador”; começo a tossir desesperadamente e a limpar a garganta, para disfarçar. O “Comendador” funga e, já parado, me encara:

— Enquanto isso, tem com que viver?

— Não. Não tenho nada.

— Louvado seja Deus. Não é possível deixá-lo morrer de fome, rapaz!

— E botou a mão no bolso.

Então, o sentimento de vergonha despertou em mim; retrocedi, cambaleante, em direção à parede, e agarrei-me a ela; via o “Comendador” procurando na carteira, porém não lhe disse nada. Estendeu-me uma nota de dez coroas. Sem cerimônia, dava-me simplesmente o dinheiro. Ao mesmo tempo, repetia que não era possível deixar-me morrer de fome.

Balbuciei uma recusa, não peguei imediatamente a nota. Era uma vergonha para mim. Além disso, era excessivo...

— Vamos, aceite! — disse ele, olhando o relógio. — Vou tomar o trem que está chegando. Já se ouve o apito.

Peguei o dinheiro. A alegria imobilizava-me. Não pude dizer palavra, nem sequer agradeci.

— Não se preocupe com isso — acrescentou o “Comendador”. — O senhor pode muito bem escrever qualquer coisa por conta dessa quantia.

E afastou-se. Já se distanciara alguns passos, quando me lembrei de que não lhe havia agradecido o favor. Tentei alcançá-lo, porém não podia andar depressa; as pernas fraquejavam, e a todo instante parecia que iria bater com o nariz no chão. Ele estava cada vez mais distanciado, e desisti. Pensei em chamá-lo, mas

faltou coragem, e quando, num esforço, chamei uma, duas vezes, já estava longe, e a voz era demasiado fraca.

Fiquei na calçada, a segui-lo com os olhos, e a chorar em silêncio. “Nunca vi coisa igual” — dizia a mim mesmo. “Ele me deu dez coroas!” Voltei a instalar-me no lugar onde ele tinha parado e repeti seus gestos. Pus a cédula diante dos olhos, examinando-a pelos dois lados, e comecei a berrar, com toda a força, que era mesmo verdadeira; aquela coisa que tinha nas mãos era uma nota de dez coroas.

Um momento depois — ou muito tempo, uma vez que já o silêncio se estendera por toda parte — eu me achava, absurdamente, na Rua dos Diabinhos, diante do nº 11. Ali enganara, certa vez, o cocheiro que me servira; ali estava a casa que eu atravessara sem ser visto por ninguém.

Depois de permanecer um instante, entre meditativo e espantado, atravessei pela segunda vez o portão, entrando na Hospedaria e Quartos para Viajantes. Pedi pousada, e deram-me uma cama.

Terça-feira.

Sol e calma; dia claro, admirável. Derreteu-se a neve; por toda parte, rostos alegres, sorrisos e risadas, vida. Repuxos sobem das fontes e tornam a cair, em arcos dourados pelo sol, azulados pelo céu de safira.

Cerca de meio-dia, saí do quarto mobiliado da Rua dos Diabinhos, onde continuava a viver bem com as dez coroas do “Comendador”, e dirigi-me à cidade. Com disposição jovial, flanei a tarde inteira pelas ruas mais frequentadas, olhando os transeuntes. Antes mesmo das sete horas, dei uma voltinha pela Praça de Santo Olavo, e espreitei, disfarçadamente, as janelas do prédio nº 2. Dali a uma hora iria vê-la. Acompanhava-me leve, deliciosa angústia. Que iria acontecer? Que acharia para dizer-lhe, quando ela descesse o patamar! Boa noite, amiga? Sorrirei, apenas? Resolvi limitar-me ao sorriso. Naturalmente, eu a cumprimentaria bem baixinho.

Afastei-me, encabulado por chegar tão cedo, e vaguei um momento pela Rua Karl Johan, sem perder de vista o relógio da Universidade. Às oito horas, tornei a subir a Rua da Universidade. No caminho, receei chegar atrasado alguns minutos, e estiquei o passo quanto pude. O pé continuava muito sensível; o mais ia bem.

Postei-me junto ao chafariz e assobieei por longo tempo, fiquei espiando as janelas do nº 2; ela não aparecia. Ora! Podia esperar, não havia pressa; talvez ocorresse um contratempo.

Esperei. Bolas! Não teria sonhado toda essa história? Nosso primeiro encontro não teria ocorrido naquela noite em que eu tivera febre? Perplexo, comecei a refletir, e não me sentia absolutamente senhor da situação.

Alguém tossiu, atrás de mim. Com a tosse, ouvi passos ligeiros ali perto; não me volvei, porém, continuando de olhos fixos no grande patamar em frente.

— Boa noite — disseram-me então.

Esqueci-me de sorrir, nem sequer tirei o chapéu imediatamente, de tal modo me espantou vê-la chegar por aquele lado.

— Esperou muito tempo? — disse ela, com a respiração um pouco ofegante pela caminhada.

— Não, absolutamente. Cheguei há um momentinho. Aliás, que mal faria se esperasse muito tempo? Mas eu pensava que você viesse do outro lado.

— Fui levar mamãe à casa de uns amigos; ela vai passar a noite fora.

— Ah, bem.

Começamos a andar. Um guarda parou no canto da rua, olhando-nos.

— Onde vamos, ao certo? — disse ela, estacando.

— Onde você quiser. A qualquer parte.

— Ih, é tão aborrecido resolver sozinha... Pausa.

Digo-lhe, simplesmente, para dizer alguma coisa:

— Pelo que vejo, suas janelas não estão iluminadas.

— Não! — responde-me, vivamente. — A empregada também saiu. Estou sozinha em casa.

Paramos, olhando as janelas do nº 2 como se nenhum de nós as tivesse visto antes.

— Então podemos ir até lá? Ficarei o tempo todo sentado perto da porta, se você quiser...

Mas aí fiquei trêmulo de emoção, e arrependi-me sinceramente de ter sido tão audacioso. Se ela se sentisse chocada e fosse embora? Se nunca

mais pudesse vê-la? E depois, minha encadernação era tão miserável... Aguardava resposta, desesperado.

— Absolutamente. Você não vai ficar perto da porta.

Subimos. No corredor (estava escuro) ela pegou-me da mão e guiou-me. Não precisava ficar assim tão silencioso — disse-me —, podia muito bem falar. Entramos. Enquanto acendia a luz — não foi um lampião, mas uma vela —, enquanto acendia a vela, com um risinho desapontado, falou-me assim:

— Não fique me olhando desse jeito, puxa! Até me sinto envergonhada... Não vou fazer nunca mais!

— Que é que você não vai fazer nunca mais?

— Nunca mais eu... Oh, não, Deus me perdoe! Nunca mais beijarei você. Estendi-lhe os braços; esquivou-se, fugindo para o outro lado da mesa.

Ficamos a olhar-nos um momento, com a vela no meio.

Começou a tirar o véu e o chapéu; enquanto isto, seus olhos marotos estavam presos em mim, vigiando-me os movimentos para que não a agarrasse. Tentei novo ataque, tropecei no tapete, sem firmeza no pé machucado, e caí. Levantei-me, extremamente envergonhado.

— Meu Deus, como você ficou vermelho! É tão desajeitado assim?

— Sou muito desajeitado. A perseguição continuou.

— Você está mancando?

— É, um pouco. Muito pouco.

— Da última vez, estava com o dedo machucado, agora é o pé. Que coisa horrível, nunca está bem!

— Sofri um pequeno atropelamento há dias. Atropelamento? Bêbedo outra vez, não é? Deus me perdoe, mas que vida você leva, rapaz!

Advertiu-me com o dedo indicador, séria.

— Vamos, sente-se. Não, perto da porta, não; você é retraído demais; aqui. Você ali e eu aqui, assim... Puxa, como são cacetes, as pessoas retraídas! A gente tem de dizer e de fazer tudo por si, não ajudam em nada. Agora, por exemplo, você poderia ter pousado a mão nas costas de minha cadeira; bem que poderia tomar essa iniciativa, não é? E quando digo uma coisa como essa, você arregala os olhos, com ar de quem não acredita. Pois olhe, é perfeitamente exato, já notei isso muitas vezes. É, mas você está recomeçando! Não vá me fazer acreditar que é tímido, quando se atira desse jeito... Não estava nada tímido no dia em que se embriagou e me seguiu até à casa, me importunando com os seus truques: “A senhorita

perdeu o seu livro, tenho certeza que a senhorita perdeu o livro!”
Ah, ah, ah! Foi muito feio da sua parte!

Fiquei olhando perdidamente para ela. Meu coração batia descompassado, o sangue fluía, quente, quente, nas artérias. Que maravilha estar numa habitação humana, ouvir o tique-taque do relógio, conversar com aquela moça cheia de vida, e não comigo mesmo!

— Por que você não diz nada?

— Ah, você é tão gentil. Estou apaixonado por você neste momento, profundamente apaixonado. Não posso fazer nada. Você é uma criatura tão estranha, não sei... Há momentos em que

seus olhos têm uma tal irradiação, nunca vi coisa semelhante. Parecem flores. Hein? Não, não; flores, talvez não, mas... Estou loucamente apaixonado por você e isso não me vale de nada. Como você se chama? Seriadamente, é preciso dizer como você se chama.

— E você, como se chama? Quase ia me esquecendo outra vez, meu Deus! Pensei ontem o dia inteiro que precisava perguntar a você. Isto é, o dia inteiro, não; não pensei em você o dia inteiro.

— Sabe que nome escolhi para você? Ilaiáli. Gostou? Tem um som tão fluido.

— Ilaiáli?

— É.

— Nome estrangeiro?

— Ora! Por que havia de ser estrangeiro?

— Pois não é nada feio, sabe?

Depois de longas negociações, revelamos os nomes. Ela sentou-se no canapé, bem junto de mim, e com o pé empurrou a cadeira. Voltamos a tagarelar.

— Você fez a barba hoje, hein? Afinal de contas, está com melhor aspecto do que da última vez. Um pouquinho só, não fique vaidoso. Não, da última vez, você estava realmente ignóbil. E além do mais, tinha um trapo horroroso em volta do dedo. Era nesse

estado que você queria porque queria me levar não sei onde para beber vinho. Muito obrigada!

— Ah, então foi por causa de meu aspecto miserável que você não quis sair comigo?

— Não — e baixou os olhos. — Não, juro por Deus que não foi. Nem pensei nisso.

— Escute uma coisa. Sem dúvida você acha que eu posso me vestir e viver como quiser. Pois não posso, não. Sou pobre, paupérrimo.

Fitou-me.

— Você é pobre?

— Muito. Pausa.

— Ah, meu Deus! Eu também sou — disse ela, com um movimento de cabeça, cheio de coragem.

Cada palavra sua me inebriava, penetrando-me no coração como se fosse vinho, e no entanto se tratava apenas, sem dúvida, de uma garota banal de Cristiânia, com a gíria habitual, as pequenas ousadias, a parolagem. Encantava-me seu gesto de virar a cabeça um pouco para o lado, escutando o que eu lhe dizia. Seu hálito vinha roçar-me o rosto.

— Sabe? — continuei. — Não vá se aborrecer. Ontem à noite, quando me deitei, fiz assim com os braços, para você... assim... como se você estivesse deitada. Depois, dormi.

— Deveras? Que lindo! Pausa.

— Mas só a distância você poderia fazer isso. Porque, de outro modo...

— Então você não acredita que posso fazer também... de outro modo?

— Não. Não acredito.

— Verá. De mim você pode esperar tudo — e, com ar decidido, passei-lhe o braço em redor da cintura.

— É mesmo? — respondeu-me, simplesmente.

Isso me irritou e humilhou: por que me julgava assim tão bobo? Empertiguei-me lançando mão de toda a coragem, e peguei-lhe a mão. Ela retirou-a docemente e recuou um pouco. Era outra vez o golpe de misericórdia em minha bravura; envergonhado, olhei para a janela. Afinal, meu aspecto era deplorável, ali naquele canto; não valia a pena alçar-me a grandes voos. Teria sido bem diferente se a houvesse encontrado no tempo em que desfrutava ainda de aparência humana, dias áureos, em que eu provia minha subsistência. Senti-me deprimido.

— Está vendo? — disse ela. — Está vendo? A gente pode desarmar você com um simples franzir de sobrancelhas. Basta fugir um pouquinho...

Teve um riso maroto, de olhos fechados, como se também não quisesse ser encarada.

— Ah, é demais, você vai ver! — explodi.

E, violentamente, passei o braço pelo seu ombro. Ela ficara idiota? Pensava que eu fosse um noviço? Oh! Iria para a frente! Ninguém haveria de dizer que eu não estava à altura, nesse particular. Aquela mulher seria talvez um demônio? Se a questão era ir até o fim, então... Como se eu prestasse para alguma coisa! Continuava sentada, muito tranquila, sempre de olhos fechados; nenhum dos dois falava. Apertei-a rudemente, peito contra peito, e ela não disse palavra. Eu ouvia o pulsar de nossos corações, como um galope de cavalos.

Beijei-a.

Não me reconhecia mais. Disse qualquer tolice, ela riu; murmurei palavras ternas, juntinho de seus lábios; acariciei-lhe a face e beijei-a muitas, muitas vezes. Soltei um ou dois botões de sua blusa e entrevi-lhe os seios, brancos e redondos, sob a camisa, como dois sonhos.

— Posso olhar?

Tento soltar outros botões, dilatando a abertura; a emoção, porém, é demasiado forte, e não consigo abrir os de baixo, onde a blusa é mais apertada.

— Dá licença de olhar um pouco... só um pouquinho?...

Ela me envolve o pescoço com o braço, vagarosa e ternamente; as narinas, róseas e palpitantes, lançam-me seu hálito em pleno rosto; com a outra mão, começa a soltar os botões, um a um. Ri contrafeita um riso breve, e observa-me repetidamente, para ver se reparei no seu medo. Desata as fitas, desaperta o colete, encantada e ansiosa. E minhas mãos rudes se emaranham nesses botões, nessas fitas...

Para desviar a atenção do que está fazendo, acaricia-me o ombro com a mão esquerda, e exclama:

— Que monte de cabelos caídos você tem aí!

— É mesmo — respondo-lhe, beijando-a como se quisesse penetrá-la corpo adentro.

Neste momento, estendida, está com as roupas completamente desabotoadas. De súbito, como se mudasse de opinião, como se achasse ter ido longe demais, compõe-se e apruma-se um pouco. E para dissimular o embaraço diante das roupas desfeitas, volta a falar no monte de cabelos caídos em meus ombros:

— Que será que faz cair assim o cabelo?

— Não sei.

— Naturalmente, porque você bebe demais, ou senão... Ora! Não vou dizer... Você devia envergonhar-se! Não, nem acredito isso de você. Tão moço, perdendo já sua cabeleira. Mas agora, por favor, me conte direito a vida que você leva. Tenho certeza de que é medonha. Fale só a verdade, ouviu? Nada de rodeios. Aliás, verei perfeitamente em sua fisionomia se você está me escondendo alguma coisa. Agora, conte.

Ah, o cansaço que me invadiu! Como teria preferido ficar ali, tranquilamente, a olhar, em vez de assumir ares de conquistador; e de esfalfar-me nessas tentativas! Eu não servia para nada, tornara-me um trapo.

— Vamos, comece.

Aproveitei a ocasião e contei tudo; a pura verdade. Não carreguei nas cores negras do quadro, não era meu propósito despertar-lhe compaixão; contei também que, certa noite, furtara cinco coroas.

Ela me escutava com a maior atenção, de boca aberta, pálida, assustada, com terror nos olhos brilhantes. Quis reparar o erro, dissipando a triste impressão que lhe causara, e concluí, rígido:

— Tudo isso está acabado. Não se fala mais em semelhante coisa. Agora estou salvo...

Ela, porém, ficara abatidíssima. “Louvado seja Deus!” — exclamou, apenas, e calou-se. A curtos intervalos repetia a frase, e voltava ao silêncio: “Louvado seja Deus!”

Comecei a brincar; tomei-a pela cintura, para fazer-lhe cócegas, e suspendi-a até o meu peito. Abotoou o vestido, e isso me irritou. Por que abotoara o vestido? Era eu agora menos digno a seus olhos, porque não fora a vida desregrada que me fizera perder o cabelo? Acaso me julgaria melhor se eu me descrevesse como um farrista? Bastava de brincadeiras. O problema era ir até o fim! E se o problema era ir até o fim, eu era o seu homem.

Forçoso me foi renovar as tentativas. Deitei-a; deitei-a muito simplesmente no canapé. Resistiu pouco, aliás, e tinha um ar espantado.

— Não, não... Que é que você quer?

— O que eu quero?

— Não, isso não... Espere um pouco...

— Ora essa, vamos!

— Não, está ouvindo? — gritou, afinal, acrescentando claramente.

— Por Deus do céu, você está doido!

Involuntariamente, parei um instante e disse:

— Você não está pensando isso!

— Estou. Seu ar é esquisitíssimo. Naquela manhã em que me seguiu... você não estava bêbedo?

— Não. Mas também não tinha fome, acabara justamente de comer.

— Pois então foi pior.

— Você preferia que eu estivesse bêbedo?

— Sim... Uí, estou com medo de você! Mas, Santo Deus, será que não pode me largar?!

Refleti. Não, não podia largá-la, perderia muito com isso. O que se impunha era acabar com aquela maldita conversa boba, a uma hora tardia, no canapé. Ah, mas, que subterfúgios ela inventava para mim, em tal momento? Como se eu não soubesse que tudo aquilo não passava de timidez. Era preciso que eu fosse bem criança... Vamos, já se tagarelou bastante, chega de conversa fiada!

Ela resistia com obstinação singular, excessiva, mesmo, em se tratando de um caso de pura timidez. Como por inadvertência, derrubei a vela, que se apagou. Havia desespero em sua resistência; a certa altura, soltou um gemido abafado:

— Ah, isso não, isso não! Se você quiser, deixo beijar meus seios... Vamos, não seja mau!

Parei instantaneamente. Suas palavras tinham tal acento de terror e de mágoa, que me impressionaram ao extremo. Imaginara proporcionar-me uma compensação, deixando que lhe beijasse os seios! Como era belo, belo e cândido... Quase caí de joelhos diante dela.

— Oh, querida! — respondi-lhe, inteiramente desconcertado. — Não compreendo... Não sei realmente que espécie de jogo você está fazendo...

Ergueu-se e, com dedos trêmulos, acendeu a vela; fiquei sentado no canapé, sem tentar mais coisa alguma. Que iria acontecer? No fundo, estava abatidíssimo.

Ela olhou para o relógio, assustou-se:

— Ah, a criada vai chegar daqui a pouco!

Foram as primeiras palavras que pronunciou. Compreendi a alusão e levantei-me. Ela fez um gesto como para vestir o mantô, mas refletiu, deixou-o onde estava e dirigiu-se à lareira. Estava pálida e cada vez mais agitada. Para não parecer que, afinal de contas, ela me mandava embora, disse-lhe:

— Seu pai era militar?

E, ao mesmo tempo, preparei-me para sair.

— Era, sim. Como é que você sabe?

— Não sabia. Foi uma ideia que tive.

— É estranho.

— É, sim. Oh, costumo ter pressentimentos em certos lugares...
Isso deve estar ligado à minha loucura.

Ergueu vivamente os olhos, sem responder. Eu sentia que minha presença era para ela uma tortura, e quis acabar com isso. Fui até a porta.

Quem sabe se não queria beijar-me, agora? Nem mesmo estender a mão? Parei, esperando.

— Já vai embora? — e permaneceu imóvel, perto da lareira.

Não respondi. Humilhado, perturbado, olhava-a em silêncio. Ah, eu havia estragado tudo. Era como se ela nada tivesse a ver com o fato de eu estar prestes a ir embora: em um segundo, perdera-a completamente. Procurava alguma coisa para dizer-lhe, como despedida; uma frase profunda, pesada, que pudesse atingi-la e, talvez, impressioná-la um pouco. Inteiramente ao inverso da resolução de ser frio e altivo, eis que me via simplesmente inquieto, humilhado, ofendido, a dizer futilidades; a tirada impressionante não veio; então, comportei-me de maneira maluca. Ainda uma vez, fiz literatura, e tão verborrágica...

— Afinal de contas, por que você não me diz clara e distintamente que devo ir-me embora? Sim, por que não diz? Não tenha constrangimento. Em vez de me lembrar que a criada voltará daqui a pouco, podia dizer, simplesmente: “Agora convém você ir

saindo, pois tenho de procurar mamãe e não quero que me acompanhe na rua.” Hein, não foi o que você pensou? Ah, sim, com certeza foi isso, sim, que pensou, compreendi logo. Basta tão pouco para me convencer: o simples gesto de apanhar o mantô, para depois botá-lo no mesmo lugar, me esclareceu de um só golpe. Como lhe disse, sou dado a pressentimentos. E talvez, no fundo, não seja tão doido assim...

— Ah, Jesus; me perdoe essa palavra! Eu disse sem querer!
— exclamou ela, mas continuava imóvel, sem esboçar qualquer movimento em minha direção.

Continuei, implacável, a tagarelar, com o penoso sentimento de que a aborrecia; de que nenhuma de minhas palavras atingia o alvo, e apesar de tudo não parava. No fundo, posso perfeitamente ter a alma um tanto delicada, sem por isso ser um louco; há naturezas que se alimentam de bagatelas, e que são destruídas simplesmente por uma palavra dura. Insinuei que eu era uma dessas naturezas. O fato é que a pobreza aguçara em mim certas faculdades, a ponto de causar-me profundos dissabores, sim, posso lhe garantir, profundos dissabores — ai de mim! Por outro lado, isso tem suas vantagens: até me ajuda, em certas situações. O pobre inteligente é um observador bem mais fino que o rico inteligente. O pobre olha em redor, a cada passo; examina, desconfiado, cada palavra das pessoas que vai encontrando; cada passo que ele próprio dá impõe a seu espírito e a seu

coração uma tarefa, um dever. Tem ouvido fino, é impressionável, experiente, leva queimaduras na alma...

Falei muito nessas queimaduras de minha alma. Quanto mais falava, porém, tanto mais ela se mostrava inquieta; e torcendo as mãos, repetia, desesperada: “Meu Deus! Meu Deus!” Bem via que a torturava, e não queria torturá-la, mas insistia assim mesmo. Afinal, julguei ter dito, a largos traços, o essencial do que tinha a dizer; comovi-me com o seu olhar desesperado, e gritei:

— Agora, adeus, vou-me embora! Não vê que estou com a mão na chave? Adeus, estou lhe dizendo adeus! Por que não responde, quando lhe digo adeus duas vezes, e estou indo embora? Nem sequer lhe peço um novo encontro, sei que isso acabrunharia você. Mas, me diga uma coisa: Por que não me deixa em paz? Que foi que eu lhe fiz? Não atrapalhava o seu caminho, não é verdade? E por que se afasta subitamente de mim, como se nem me conhecesse? Você me arrancou as últimas ilusões, me arruinou de verdade, me fez mais miserável do que antes. Mas, louvado seja Deus, não estou doido! Por pouco que reflita nisso, você sabe que estou perfeitamente são de espírito. Vamos, venha me dar a mão. Ou senão, deixe que me aproxime de você. Deixa? Não lhe farei mal, quero me ajoelhar diante de você um instante, só um instante. Posso? Não, não vou fazer isso, juro que não vou fazer, vejo que você tem medo; não farei, ouviu? Ah, meu Deus! Por que ficou assustada assim? Eu continuo aqui bem sossegado, nem me

mexi. Gostaria de me ajoelhar no tapete durante um minuto, bem aí, sobre a trama vermelha, a seus pés. Mas você ficou com medo, vi em seus olhos que ficou com medo; por isso, fiquei quieto. Não dei um passo ao lhe fazer este pedido, não foi? Fiquei tão imóvel quanto estou agora, ao lhe mostrar o ponto onde desejaria me ajoelhar diante de você, ali, sobre a rosa vermelha do tapete. Nem sequer mostrei a rosa com o dedo, não mostrei de modo algum, não quero assustá-la: faço apenas um movimento com a cabeça, olhando para ali, assim... e você compreende muito bem de que rosa estou falando, mas não deixa que me ajoelhe lá. Tem medo de mim, não ousa aproximar-se. Não compreendo como pode ter coragem de me chamar de doido. Você também não acredita nisso, não é mesmo? Uma vez, no verão

— foi há muito tempo —, realmente estive meio doido. Trabalhava demais, esquecia-me de almoçar à hora certa, quando tinha muito que pensar. Isso me acontecia diariamente. Devia me lembrar, mas esquecia sempre. Por Deus que está no céu, é pura verdade! Que Deus não me deixe sair desta sala, se estou mentindo. Viu? Você foi injusta comigo. Não era por necessidade que eu fazia aquilo; tenho crédito, tenho muito crédito, na Casa Ingebret e na Casa Gravesen; muitas vezes, até, estava com o bolso cheio de dinheiro, e não comprava alimentos, porque esquecia. Compreende? Você

não diz nada, não responde, não sai de perto da lareira; fica aí, esperando que eu vá embora...

Ela aproximou-se bruscamente e estendeu-me a mão. Olhei-a, cheio de desconfiança. Partiria mesmo do coração, aquele gesto? Ou era somente para livrar-se de mim? Com lágrimas nos olhos, pôs-me um braço em redor do pescoço. Fiquei a olhá-la.

Estendeu-me os lábios; eu não podia acreditar; sem dúvida era um sacrifício que ela fazia, um meio para acabar com aquilo.

Murmurou alguma coisa que julguei ouvir, como: “De qualquer modo, eu gosto de você.” Baixinho, indistintamente; talvez não ouvisse bem, e ela não usasse precisamente essas palavras; mas atirou-se com violência a meu pescoço. Enlaçou-o com os dois braços, por um instante; alçou-se, mesmo, na ponta dos pés, para chegar à altura, e assim permaneceu.

Toda essa ternura poderia ser um esforço de sua parte. Disse-lhe, simplesmente:

— Ah, como você agora está encantadora...

E sem mais palavra, dei alguns passos para trás, alcancei a porta e saí de costas. Ela ficou no quarto.

QUARTA PARTE

CHEGARA O INVERNO — inverno úmido e doentio, quase sem neve, noite perpétua, escura e brumosa, sem a menor rajada de vento fresco durante toda uma semana. O gás flambava quase o dia inteiro nas ruas, e apesar disso as pessoas se chocavam na cerração. Todos os ruídos — badaladas de sino, guizos de cavalos de fiacre, vozes humanas, bater de ferro no calçamento — ressoavam surdamente, como sepultados no ar espesso. Passaram-se semanas, e o tempo na mesma.

Eu continuava a morar no Bairro de Vaterland.

Sentia-me ligado cada vez mais àquele albergue, àquele hotel mobiliado para viajantes, onde me haviam deixado ficar, não obstante minha pobreza. O dinheiro se esgotara havia muito tempo, entretanto, eu continuava a ir e vir por lá, como se me assistisse esse direito, como se fosse da casa. A proprietária ainda não me dissera nada, mas atormentava-me não poder pagá-la. Três semanas transcorreram dessa maneira.

Havia muitos dias que retomara o trabalho, sem conseguir escrever nada que me satisfizesse; não tinha sombra de inspiração, sem embargo de aplicar-me e de tentar a todo instante. Em vão atacava um assunto qualquer: nada saía certo, a sorte voara.

Era num quarto do primeiro andar, o melhor quarto de viajantes, que me entregava a esse esforço. Ficara ali, sem ser incomodado, desde a noite em que obtivera dinheiro para pagar a nota. Durante esse tempo, alimentara a esperança de escrever um artigo sobre esse ou aquele tema, para pagar o quarto e outras dívidas; por isso trabalhava com tanto afinco. Compunha especialmente um texto alegórico, no qual depositava grandes esperanças. Descrevia o incêndio numa livraria, e encerrava um pensamento profundo, que queria exprimir com todo o cuidado; iria levá-lo ao “Comendador”, por conta de minha dívida. O “Comendador” veria que, daquela vez, auxiliara um verdadeiro talento; não tinha a menor dúvida de que ele veria isso; tratava-se apenas de esperar que eu fosse visitado pela inspiração. E por que não me visitaria ela, hoje, amanhã mesmo? Nada me barrava o caminho; a proprietária dava-me, diariamente, algumas fatias de pão com manteiga pela manhã e à noite, e o nervosismo desaparecera quase. Já não envolvia as mãos em trapos, para escrever; podia olhar para a rua, de minhas janelas no primeiro andar, sem ter vertigem. Sentia-me muito melhor sob todos os aspectos, e começava até a surpreender-me por não ter acabado de escrever a alegoria. Não atinava com a razão disso.

Afinal, acabaria percebendo o estado de fraqueza a que chegara, e a que ponto o cérebro embotado era incapaz de qualquer

esforço. Naquele dia, a proprietária subiu ao quarto com uma fatura e pediu-me que a

verificasse; devia haver um erro de cálculo: a soma não concordava com os assentamentos, porém ela não pudera descobrir o erro.

Comecei a fazer a conta; a mulher estava sentada em frente, e olhava para mim. Somei as vinte parcelas; primeiro, de alto a baixo, e achei o total exato; depois, de baixo para cima, com o mesmo resultado. Olhei para ela: sentada bem em frente de mim, esperava minha sentença. Observei logo que estava grávida; isso não me escapou, embora não a houvesse examinado com olhar inquisidor.

— O total está certo — informei-lhe.

— Mas examine cada parcela. Não pode dar tanto, tenho certeza.

Comecei a verificar os lançamentos: 2 pães a 25; 1 vidro de lampião,

18; sabão, 20; manteiga, 32... Não carecia inteligência extraordinária para percorrer as colunas de algarismos daquela pequena fatura de merceiro, que não continha qualquer dificuldade; esforcei-me honestamente por achar o erro de que falava a mulher, e não o encontrei. Depois de virar e revirar os algarismos por alguns minutos, senti, ai de mim, que tudo aquilo começava a girar-me na cabeça. Já não fazia diferença entre

deve e haver; misturava tudo. Afinal, parei bruscamente no artigo seguinte: três 5/16 marcos de queijo a 16. O cérebro sofreu um hiato, literalmente; fixei um olhar estúpido na palavra queijo, e não conseguia descolar-me dela.

— Essa maldita maneira de escrever, tão afetada! — exclamei, desesperado. — O diabo me leve, mas está escrito aqui cinco dezesseis avos de um queijo. Ah, ah! Onde se viu coisa igual? Tome, veja a senhora mesma!

— É, sim. Eles têm costume de escrever desse modo. É queijo holandês adubado. Sim, está certo. Cinco dezesseis avos, quer dizer cinco onças...

— Claro, compreendo muito bem — interrompi-a, quando na realidade já não compreendia absolutamente nada.

De novo tentei fazer o pequeno cálculo, que meses atrás seria questão de um minuto; suava frio, refletindo com toda a intensidade naqueles algarismos enigmáticos, e, meditativamente, piscava os olhos, como se estudasse o caso com a máxima atenção. Tive de desistir. Aquelas cinco onças de queijo tinham-me derrotado completamente; era como se alguma coisa se tivesse quebrado em meu cérebro.

Entretanto, para dar impressão de que continuava a calcular, movia os lábios e, de tempos em tempos, dizia um número em voz alta, fazendo a vista deslizar cada vez mais para baixo na folha de

papel, como se avançassem na verificação, aproximando-me do resultado. Afinal, disse:

— Aí está: percorri a fatura de ponta a ponta, e não há realmente erro, tanto quanto posso avaliar.

— Não há? Então não há erro?

Vi perfeitamente que ela não acreditava em mim. E, de repente, pareceu-me que havia uma pontinha de desprezo por mim em suas palavras, um tom indiferente, que eu nunca percebera antes. Disse-me que talvez eu não estivesse acostumado a fazer conta de frações; assim, teria de recorrer a alguém que entendesse, para examinar convenientemente a fatura. Tudo isso foi dito, não de maneira mortificante, que me humilhasse, mas em tom sério, preocupado. Chegando à porta, ao sair, falou sem olhar para mim:

— Desculpe tê-lo incomodado.

E saiu. Pouco depois, a porta abriu-se, e ela entrou de novo; não teria ido além do corredor, para voltar assim.

— É verdade. Não leve a mal, mas o senhor está devendo umas coisinhas, não é? Ontem fez três semanas que o senhor chegou, pois não? Sim, tenho ideia de que é isso mesmo. Se já não é lá muito fácil manter uma família tão grande, imagine conservar aqui alguém que não paga. Infelizmente...

Interrompi-a:

— Estou escrevendo um artigo de que já lhe falei, e logo que estiver pronto a senhora receberá seu dinheiro. Pode ficar inteiramente tranquila.

— Eu sei, mas nunca mais o senhor acaba esse artigo...

— A senhora acha? É possível que a inspiração me venha amanhã, talvez mesmo esta noite; não é de todo impossível que me visite de repente, hoje à noite, e então o artigo ficará pronto em um quarto de hora, no máximo. Veja bem, meu serviço não é como o de outras pessoas; não posso instalar-me e produzir certa quantidade por dia, tenho que esperar o momento. Não há ninguém que possa dizer o dia e a hora em que a inspiração vai chegar; é preciso que as coisas sigam seu curso.

A proprietária retirou-se. Sua confiança em mim, porém, estava certamente abalada.

Logo que fiquei sozinho, levantei-me de sopetão e arranquei os cabelos, desesperado. Não, por mais que fizesse, não haveria salvação. O cérebro falhara. Tornara-me, assim um tão completo idiota, a ponto de ser incapaz de calcular o valor de um pedacinho de queijo adubado? Por outro lado, seria possível que houvesse perdido a inteligência, quando podia fazer a mim mesmo tais perguntas? Além do mais, não tinha feito, em meio aos esforços aritméticos, a luminosa observação de que a mulher estava

grávida? Não havia razão para que o soubesse, ninguém me havia contado, também não me viera espontaneamente ao espírito; vira com os próprios

olhos e logo compreendera; e, por cima de tudo, em momento de desespero, mergulhado no cálculo de frações. Como explicar?

Fui à janela que dava para a Rua dos Carreiros, e olhei para fora. Crianças brincavam sobre o calçamento, crianças pobremente vestidas no meio daquela pobre rua; lançavam umas para outras uma garrafa vazia, e gritavam ensurdecidamente. Um carro de mudança passou, devagar; devia ser uma família despejada, mudando de casa fora do prazo do contrato. Foi o que pensei logo. No carro, além de roupa de cama, havia trastes, camas carunchadas, cômodas, cadeiras vermelhas com três pés, capachos, bateria de cozinha, ferro velho. Uma rapariguinha, quase criança, garota muito feia e de nariz catarrento, empoleirava-se no alto da carga, e suas mãozinhas azuladas se agarravam para evitar a queda. Sentada sobre um monte de horrorosos colchões úmidos, onde tinham dormido crianças, olhava lá de cima os moleques que brincavam com a garrafa vazia.

Espiando tudo isso, não me era difícil compreender o que se passava. Enquanto me entregava a essas observações na janela, ouvia também a criada cantando na cozinha ao lado de meu

quarto; conhecia a ária, e prestei ouvidos para ver se desafinava. Pensei comigo que um idiota não seria capaz de fazer tudo isso; graças a Deus, sentia-me tão equilibrado como qualquer um.

Súbito, vi que duas das crianças, lá embaixo na rua, se irritavam e brigavam; dois meninos; conhecia um deles, filho da proprietária. Abri mais a janela para escutar o que diziam um ao outro, e eis que se juntou um grupo de crianças, olhando para cima com expressão de desejo. Que esperavam? Que eu lhes atirasse alguma coisa? Flores secas, ossos, pontas de cigarro, qualquer coisa boa para roer, ou para brincar? Olhavam para minha janela, com rostos azulados de frio, e olhos infinitamente grandes. Enquanto isso os dois inimigos continuavam a injuriar-se. Palavrões semelhantes a grandes monstros viscosos fervilhavam naquelas bocas infantis, terríveis apelidos, xingamentos de meretrizes, pragas de marinheiros, talvez aprendidas no cais. Tão absorvidos estavam os dois que nem repararam na dona da hospedaria, correndo para eles a fim de saber o que se passava. Seu filho conta-lhe:

— Ele me agarrou pela garganta, e eu perdi o fôlego uma porção de tempo!

E, virando-se para o pequeno celerado, que ria perversamente, gritou, possesso:

— Vai para o inferno, bezerro caldeu! Um piolhento desses, sujigando a gente pela garganta! Espera aí, desgraçado!

A mãe, grávida, enchendo completamente com a barriga a rua estreita, segurou pelo braço o filho de dez anos, para tirá-lo dali:

— Cale essa boca! Bico fechado! Então você também pragueja, hein? Tão desbocado como se tivesse passado a vida no bordel! Chega, vamos voltar para casa!

— Não, eu não volto!

— Volta, sim!

— Não volto!

Da janela, vejo que a cólera materna vai crescendo. A cena horrível excita-me violentamente; não me contenho e, num grito, digo ao menino que suba ao meu quarto por um instante. Grito duas vezes, para desnortear os garotos e pôr fim à cena; da segunda vez, ainda mais alto. A mãe volta-se, estupefata, erguendo os olhos para mim. Logo recupera o sangue-frio, olha-me com desenvoltura e arrogância, e retira-se, passando pito no filho. Fala alto, para que eu possa escutar:

— Vamos embora! Você devia ter vergonha de mostrar aos outros sua maldade!

Do que observava, eu nada perdia, nem mesmo um aspecto insignificante. Minha atenção era vigilante ao extremo. Respirava

delicadamente cada pequenina coisa, e me representava intelectualmente cada circunstância, à medida que ela transcorria. Assim, era impossível que minha razão estivesse perturbada. De resto, como poderia ficar perturbada, agora?

“Quer saber de uma coisa?” — disse comigo, de repente. — “Há bastante tempo que você vive pensando em seu juízo e se preocupando por causa dele. Vamos acabar com essas bobagens. Será sinal de loucura, observar e captar todas as coisas tão exatamente como você faz? Estou quase rindo de você, palavra; não deixa de ter sua graça, pelo que vejo. Em suma: qualquer pessoa pode sentir-se atrapalhada, de uma hora para outra, até diante da questão mais simples deste mundo. Não quer dizer nada, é puro acaso. Repito que, por mais um pouco, acabarei rindo de você. Essa fatura de merceeiro, por exemplo, esses míseros cinco dezesseis avos de queijo de pobre, vamos dizer assim — ah; ah! —, queijo com cravo-da-índia e pimenta dentro... até o melhor calculista do mundo poderia ficar atrapalhado, basta o cheiro desse queijo para perturbar um homem... E tive que engolir todo esse queijo adubado! Não, por favor, me dê alguma coisa que se possa comer, me traga cinco dezesseis avos de boa manteiga de leiteria! Isto, sim, é outra coisa...”

Ri nervosamente de minhas próprias brincadeiras, achando-as engraçadíssimas. Não tinha mesmo nada de maluco, estava perfeitamente são de espírito.

A alegria aumentava à medida que ia andando pelo quarto, em conversa comigo mesmo; ria alto, numa explosão de jovialidade. E era como se só precisasse realmente desse instante passageiro de alegria, de verdadeira e luminosa beatitude, sem preocupações de qualquer natureza, para pôr a cabeça em condições de trabalhar. Sentei-me à mesa e tracei-me como tarefa escrever a alegoria. A coisa marchava bem, incomparavelmente melhor do que nos últimos tempos; não ia depressa, mas o pouco que fazia era de primeira qualidade. Trabalhei assim uma hora inteira, sem cansaço.

Chegara precisamente a um ponto importante: o incêndio na livraria. Tão importante, que tudo que havia escrito antes não significava nada, em face dele. Queria precisamente exprimir em toda a sua profundidade a ideia de que não eram os livros que ardiam, eram os cérebros, cérebros humanos; minha intenção era fazer uma verdadeira noite de São Bartolomeu com os cérebros em chamas... Súbito, a porta abriu-se, e a proprietária entrou como um golpe de vento. Sem se deter na entrada, foi para o meio do quarto. Soltei uma espécie de grito rouco; foi como se tivesse levado um tiro.

— O quê? — disse ela. — O senhor disse alguma coisa? Chegou um viajante, e precisamos deste quarto para ele. Esta noite, o senhor dormirá lá embaixo, conosco. Ah, terá sua cama própria, também.

E antes de ter resposta, começou a juntar meus papéis sobre a mesa, em desordem.

Meu humor jovial foi arrebatado como por um golpe de vento; levantei-me furioso, desesperado. Deixei a mulher limpar a mesa, sem dizer palavra. E ela me botou a papelada na mão.

Não havia outro caminho: precisava deixar o quarto. Perdera-se aquele instante precioso. O novo hóspede já subia a escada; era um rapaz com grandes âncoras azuis tatuadas na costa das mãos; vinha atrás um estivador, com um baú de marinheiro às costas. O recém-chegado devia ser marinheiro, simples hóspede de acaso, por uma noite; sem dúvida não ocuparia o quarto por muito tempo. Indo embora, no dia seguinte, talvez eu tivesse sorte, e recuperasse um de meus bons momentos; bastavam cinco minutos de inspiração, e a página sobre o incêndio estaria terminada. Assim, tinha que resignar-me à sorte...

Ainda não havia entrado no apartamento da família, peça única onde todos ficavam dia e noite: marido, mulher, quatro filhos e o avô materno. A empregada permanecia na cozinha, onde também dormia. Aproximei-me da porta bem a contragosto e bati; ninguém respondeu, mas ouvi conversarem lá dentro.

Quando entrei, o homem não disse palavra; nem sequer respondeu ao cumprimento; contentou-se em olhar-me com indiferença, como se eu não significasse nada para ele. Estava

jogando cartas com um sujeito que eu conhecia da zona do cais, um comissário apelidado “Copo de Vidro”. Um bebê resmungava no berço, sozinho, e o velho, pai da proprietária, sentado, todo encolhido, num sofá-cama, inclinava a cabeça entre as mãos, como se o peito ou a barriga lhe doessem. Seus cabelos branqueavam; assim encarquilhado, parecia um réptil que se enroscasse, à escuta.

— Lamento ter de lhe pedir um lugar aqui por esta noite — disse ao marido.

— Minha mulher já lhe falou?

— Já. Há um hóspede novo no meu quarto. Como resposta, o homem voltou às cartas.

Ficava assim, dia após dia, jogando cartas com qualquer pessoa que aparecesse; jogava sem dinheiro, para matar o tempo com alguma coisa nas mãos. Afora isso, não fazia nada; movia-se apenas na medida em que se dignavam fazê-lo os membros preguiçosos, enquanto sua mulher subia e descia apressadamente a escada, vigiava tudo por todos os lados e procurava atrair clientes para a hospedaria, mediante combinação com estivadores e carregadores do cais, a quem pagava pequena comissão por hóspede que trouxessem; muitas vezes mesmo, dava abrigo a esses estivadores, à noite. Naquele momento, “Copo de Vidro” acabava de trazer- lhe um viajante.

Duas das crianças entraram — duas meninas sardentas, com o rostinho magro de garotas de rua. Vestiam-se miseravelmente. Pouco depois, chegou a dona da casa. Perguntei-lhe onde iria instalar-me durante a noite. Respondeu-me secamente que podia dormir ali com os outros, ou no corredor, sobre o canapé, como fosse do meu agrado. Enquanto isso andava pelo quarto, mexia em diferentes coisas, pondo-as em ordem, e nem sequer olhou para mim.

A resposta me desarmou; fiquei junto à porta, em atitude discreta; aparentei mesmo estar satisfeito por ceder o quarto a outro durante uma noite. Intencionalmente, tomei um ar amável, para não irritá-la, e evitar que me expulsassem mesmo da casa:

— Oh! a gente acha um meio de se arranjar.

E calei-me. Ela continuava a ir e vir pelo quarto.

— Aliás, devo lhe dizer que não estou absolutamente em condições de dar aos hóspedes cama e comida fiado — disse ela.

— Já lhe falei isso.

— Eu sei, mas a senhora compreende: é só durante esses poucos dias, até meu artigo ficar pronto. Então lhe pagarei tudo de bom grado, e lhe darei mais uma nota de cinco coroas. De muito bom grado.

Visivelmente, ela não alimentava a mínima fé nesse artigo, e eu bem o percebia. Por outro lado, não convinha fazer-me de

orgulhoso e deixar a casa só por uma pequenina humilhação; sabia o que me esperava se fosse embora.

Passaram-se dias. Eu continuava a me aguentar lá dentro, com a família, pois não havia lareira no corredor; também dormia lá à noite, no chão. O marinheiro estrangeiro continuava no meu quarto, em cima, e não parecia querer retirar-se tão cedo. Ao meio-dia, chegou a dona da casa e contou que ele pagara um mês adiantado. Devia prestar exame para capitão de longo curso, antes de embarcar; por isso instalara-se na cidade. Ante essa notícia, compreendi que o quarto estava perdido para sempre.

Saí para o corredor e sentei-me. Se tivesse sorte de escrever alguma coisa, de qualquer maneira havia de ser ali, em calma. Já não era a alegoria que me interessava; acudira-me outra ideia, de primeiríssima ordem: “O sinal da cruz”, drama em um ato sobre tema da Idade Média. Estudara especialmente tudo que dizia respeito à personagem principal, uma cortesã fanática, extraordinária, que pecara no Templo, não por sensualidade ou fraqueza, mas porque antipatizava com Deus; pecara plenamente,

ao pé do altar, com a toalha sagrada sobre a cabeça, movida apenas por esse delicioso desprezo ao Céu.

Cada vez me interessava mais essa figura, à medida que as horas passavam. Afinal, ela se erguia em carne e osso diante de mim, precisamente como queria mostrá-la. Seu corpo devia ser defeituoso e repelente, grande, magérrimo, um tanto escuro. Ao andar, suas pernas compridas se entremostravam através da saia, a cada passo. Tinha também umas orelhonas muito afastadas. Em suma: sem o menor atrativo, seria apenas suportável ao olhar. O que me interessava era seu maravilhoso impudor, esse paroxismo insensato de pecado cometido com premeditação. Absorvia-me realmente demais; o cérebro estava como que inflado dessa

estranha, misteriosa criatura. Durante duas longas horas trabalhei no drama, escrevendo sem parar.

Depois de compor dez ou doze páginas, não raro com muito esforço, às

vezes a longos intervalos, enchendo inutilmente laudas que era obrigado a rasgar, fiquei exausto, endurecido de frio e cansaço; levantei-me e saí para a rua. Durante meia hora, fora também importunado por gritos de crianças no quarto da família, de sorte que não poderia, de qualquer modo, escrever mais. Por isso, dei um longo passeio pelo outro lado da Estrada de Drammen, e

fiquei fora até a noite, andando e meditando sobre a maneira como iria desenvolver o drama. E então, antes de voltar, aconteceu-me o seguinte:

Estava parado diante de uma sapataria, na parte baixa da Rua Karl Johan, quase junto à Praça da Estrada de Ferro. Sabe Deus por que me detivera justamente diante daquela sapataria. Fiquei espiando a vitrina, sem pensar, aliás, que estava precisamente necessitando de sapatos; o pensamento circulava longe, em outras regiões do mundo. Muitas pessoas passavam por trás de mim, conversando, e eu nada escutava do que diziam. Então, uma voz fez-se ouvir, bem alto:

— Boa noite!

Era a “Senhorita”, que me cumprimentava.

— Boa noite — respondi, alheado.

Precisei mesmo encarar o homem, para reconhecê-lo.

— Então, como vai isso? — perguntou-me.

— Oh, tudo bem... como de costume.

— Escute, diga-me uma coisa: Você continua na Casa Christie?

— Casa Christie?

— Se não me engano, você me disse uma vez que era guarda-livros na

Casa Christie.

— Ah, sim! Isso já acabou. Era impossível trabalhar com aquele homem. Acabou por si mesmo, bem depressa.

— Mas por quê?

— Ah! Um dia, fiz um lançamento errado, e aí...

— Uma fraude?

— Fraude?

“Senhorita” me perguntava, sem cerimônia, se eu cometera uma fraude. Inquiria, mesmo, com interesse, com açodamento. Encarei-o, fundamente ofendido, sem responder.

— Ora essa, meu Deus! Isso pode acontecer com as melhores pessoas

— disse, para consolar-me.

E continuava achando que eu cometera uma fraude.

— Que negócio é esse de: “Ora essa, meu Deus, isso pode acontecer com as melhores pessoas?” Cometer uma fraude? Escute, meu caro, acha realmente, você aí, que eu seria capaz de cometer semelhante infâmia? Acha?

— Mas, meu caro, parece que ouvi muito claramente você dizer que... Virei a cabeça para trás, afastei-me do “Senhorita” e olhei a rua. Os

olhos pousaram num vestido vermelho que se aproximava — e a mulher vinha ao lado de um homem. Se naquele momento exato eu não estivesse conversando com o “Senhorita”, se não me houvesse formalizado com sua suspeita grosseira, e não fizesse aquele movimento de cabeça, voltando-me com ar ofendido, o vestido vermelho teria certamente passado sem que o notasse. E, no fundo, que me importava? Em que me interessava, mesmo que fosse o vestido da Senhorita Nagel, dama de honra da rainha?

“Senhorita” continuava falando, para remediar o seu erro, mas eu absolutamente não o escutava; afundara-me na contemplação daquele vestido vermelho que vinha subindo a rua. A emoção varou-me o peito, numa furtiva e fina picada; murmurei em pensamento, sem mover os lábios:

— Ilaiáli!

“Senhorita” voltou-se também, viu o casal, e cumprimentou-o com os olhos. Eu não cumprimentei — ou talvez tenha cumprimentado. O vestido vermelho, deslizando, subiu a Rua Karl Johan e desapareceu.

— Quem estava com ela? — perguntou “Senhorita”.

— O “Duque”, você não viu? O tal “Duque”. Você conhece a moça?

— Mais ou menos. E você?

— Eu, não.

— Pois me pareceu que você a cumprimentou baixinho.

— Eu fiz isso?

— Ah, não cumprimentou, mesmo? É curioso! Aliás, ela olhou para você o tempo todo.

— De onde você a conhece?

Para falar verdade, ele não a conhecia. O caso remontava a uma dessas noites de outono. Era tarde, ele estava num grupo alegre. Logo ao saírem do Grande Hotel, encontraram aquela moça, passeando sozinha perto da Livraria Cammermeyer, e abordaram-na. A princípio, ela os mandou embora; um dos rapazes, porém, um pândego capaz de tudo, calmamente lhe pediu licença para acompanhá-la até em casa. Jurou por todos os santos que não lhe tocaria num fio de cabelo, como é de praxe, e que simplesmente

a acompanharia até a porta, para ter certeza de que chegara sem novidade; do contrário, não dormiria tranquilo. Ia caminhando e falando sem parar; inventava uma coisa após outra, dizia chamar-se Valdemar Atterdag, fotógrafo. De tanto insistir, ela acabou achando graça naquele gaiato que não se perturbava com sua frieza. Acabou assim: ele acompanhando a pequena até em casa.

— Muito bem, e daí? — perguntei, com a respiração suspensa.

— Daí? Ah, não imagine coisas. Ela é uma pessoa distinta.
Ficamos calados por um instante, “Senhorita” e eu.

— Ô diabo, era o “Duque”! Bem me pareceu — continuou ele, pensativamente. — Pois desde o momento em que anda com esse homem, não ponho a mão no fogo por ela.

Eu continuava calado. Sim, naturalmente, era o “Duque”, e o “Duque” iria tomá-la para si. Mas, afinal, que me importava isso? Eu lhe tirara o chapéu — a ela e a todos os seus encantos, numa bonita reverência. Tentava consolar-me, imaginando as piores coisas a seu respeito; causava-me verdadeira alegria arrastá-la na lama. Só uma coisa me irritava: era haver tirado o chapéu para o casal, se realmente o havia tirado. Por que cumprimentar criaturas assim? Já não me preocupava absolutamente com ela; não tinha mais nenhum traço de beleza; estava fanada, palavra de honra; parecia uma flor murcha. Talvez até fosse eu a única pessoa para quem ela tivesse olhado. Isso não me espantava; era, quem sabe? o remorso que começava a roê-la. Mas por isso eu não precisava cair a seus pés nem cumprimentá-la como um idiota, justamente quando se mostrava tão terrivelmente fanada como agora. O “Duque” podia ficar com ela; bom proveito para ele. Poderia chegar um dia em que me desse na veneta passar orgulhosamente diante dela, sem olhar. Podia acontecer que eu me permitisse agir assim, mesmo se ela me olhasse fixamente e, além do mais, estivesse com um vestido

vermelho-sangue. É, podia muito bem acontecer. Ah, e seria um triunfo! Eu me conhecia bastante para saber que era capaz de concluir a peça durante a noite, e assim, antes de oito dias, faria a moça curvar-se... Com todos os seus encantos, ah, com todos os seus encantos!

— Adeus! — disse, secamente. “Senhorita”, porém, me reteve:

— Mas afinal, que é que você anda fazendo?

— Que ando fazendo? Escrevo, naturalmente. Que mais poderia fazer? É disso que vivo. No momento, trabalho num grande drama, “O sinal da cruz”. Tema da Idade Média.

— Caramba! — exclamou, entusiasmado. — E quando você terminar, então...

— Não tenho grandes preocupações a esse respeito. Daqui a uns oito dias, penso que você ouvirá falar de mim um pouquinho.

E com isso, fui-me embora.

Voltando para casa, procurei logo a proprietária e pedi emprestado um lampião. Era para mim de grande importância esse lampião; queria passar a noite acordado, o drama bulia-me na cabeça, e tinha firme esperança de escrever um bom pedaço até amanhecer. Pedi com toda a humildade, pois notara que ela fizera uma careta de aborrecimento ao ver-me entrar no quarto. Expliquei-lhe que estava com um drama admirável quase pronto;

só me faltavam algumas cenas. Dei a entender que ele poderia muito bem ser representado em qualquer teatro, por aí, de uma hora para outra. Portanto, se quisesse prestar-me esse grande serviço...

A mulher não tinha lampião. Refletiu, porém não se lembrava absolutamente de ter um lampião guardado em parte alguma. Se eu quisesse esperar até meia-noite, poderia talvez arranjar-me o lampião da cozinha. Por que não comprava uma vela?

Calei-me. Não tinha dez öre para comprar uma vela, e ela sabia muito bem disso. Naturalmente, iria fracassar, mais uma vez. A criada estava calmamente sentada no quarto de baixo, e não na cozinha; portanto, o lampião lá em cima nem sequer estava aceso. Pensei nisso, mas não disse nada.

De repente, a criada perguntou-me:

— Parece que vi o senhor sair do Castelo, ainda há pouco... Esteve jantando lá? — e riu alto, da brincadeira.

Sentei-me, tirei os papéis. Tentaria fazer alguma coisa ali mesmo, enquanto esperava. Tinha os papéis sobre os joelhos, e os olhos pregados no chão, para não me distrair com coisa alguma. Mas isso não produzia efeito, não me valia de nada: não escrevi uma linha. Entraram as filhas da dona da casa e puseram-se a brincar ruidosamente com um gato, estranho gato doente, quase pelado.

Quando lhe sopravam nos olhos, saía deles uma água, a escorrer pelo focinho. O dono da casa e outros sujeitos, sentados à mesa, jogavam o 101. A mulher, trabalhadora como sempre, costurava.

Ela sabia perfeitamente que eu não poderia escrever no meio daquela confusão, mas já não se preocupava comigo; até achou graça quando a criada perguntou se eu havia jantado no Castelo. Toda a casa se tornara hostil; dir-se-ia que a vergonha de ter de passar o quarto a outro hóspede bastava para que me considerassem plenamente um intruso. Até a criada,

aquela mocinha de olhos pretos, cabelos cacheados e peito chato, zombava de mim, ao dar-me fatias de pão com manteiga, à noite. Perguntava sempre onde costumava eu jantar, pois nunca me vira sair do Grande Hotel palitando os dentes. Claro que estava a par de minha situação miserável, e sentia prazer em mostrá-lo.

Logo me deixei absorver por essas reflexões, e nem sequer me ocorreu mais uma réplica para o drama. Fiz tentativas inúteis e repetidas; comecei a sentir uma zoeira estranha no cérebro, e acabei capitulando. Botei os papéis no bolso, ergui os olhos. A criada estava sentada bem diante de mim; eu olhava para ela, contemplava aquelas costas estreitas, aquele par de ombros caídos, que nem sequer haviam chegado a desenvolver-se completamente. Afinal, por que motivo me provocava? Admitindo que eu houvesse saído do Castelo — e daí? Em que poderia isso prejudicá-la?

Nos últimos dias, rira de mim sem cerimônia, quando tive a pouca sorte de tropeçar na escada ou de esbarrar num prego e rasgar o paletó. Ainda na véspera, apanhara os rascunhos que eu jogara fora, no corredor; furtara esses fragmentos modificados do meu drama e lera-os em voz alta no quarto, zombando deles à vista de toda gente, para divertir-se à minha custa. Eu jamais a importunara, nem me lembrava de haver-lhe pedido qualquer obséquio. Pelo contrário: à noite, eu próprio fazia minha cama no soalho do quarto, para não causar-lhe incômodo. Também zombava de mim porque eu perdia cabelo. Achava cabelos flutuando na água da bacia, pela manhã, e divertia-se com isso. Meus sapatos estragados, sobretudo o pé que fora esmagado pela carroça do padeiro, constituíam para ela motivo de troça. “Deus proteja o senhor e seus sapatos...” — dizia ela. — Repare: parecem casas de cachorro. Tinha razão: estavam acalcanhados, deformados, mas eu não podia comprar outros, no momento.

Enquanto matutava nisso e me surpreendia com a evidente maldade da criada, as garotas se tinham posto a aborrecer o velho na cama. Saltitavam em seu redor, inteiramente absorvidas nessa ocupação. Cada uma delas introduzia-lhe no ouvido um pedacinho de palha. Eu olhava sem intervir. O velho não movia um dedo para defender-se; apenas fitava com fúria as perseguidoras, toda vez que lhe faziam cócegas, e sacudia a cabeça para livrar-se das palhas metidas dentro das orelhas.

O espetáculo irritava-me cada vez mais, e eu não conseguia deixar de contemplá-lo. O pai levantou os olhos das cartas, e riu da molecagem das pequenas; chamou mesmo para ela a atenção dos parceiros. Por que o velho não se mexia? Por que não empurrava as crianças com o braço? Aproximei-me da cama.

— Deixe as meninas sossegadas! Ele é paralítico — gritou-me o dono da casa.

Receoso de ser posto no olho da rua quando a noite já ia caindo, só de medo de irritar aquele homem com a minha intervenção na cena, recuei em silêncio até o meu lugar e fiquei quieto. Por que arriscaria o abrigo e as fatias de pão com manteiga, metendo o bedelho em negócios de família? Nada de besteiras em defesa de um velho semimorto! E me senti deliciosamente duro, como pedra.

As diabinhas não paravam com suas maldades. Irritadas porque o velho não queria manter imóvel a cabeça, mexiam-lhe também nos olhos e nas narinas. Ele encarava-as com ar insensível, calado, incapaz de mover os braços. De repente, soergueu o tronco e cuspiu no rosto de uma das garotas; levantou-se uma segunda vez e cuspiu na outra, sem atingi-la. Vi o dono da casa atirar as cartas sobre a mesa e pular em direção à cama, com o rosto congestionado, berrando:

— Não cuspa nos olhos das pequenas, seu velho javali!

— Ora bolas, elas é que não o deixam em paz! — gritei, fora de mim. Mas tamanho era o medo que tinha de ser expulso, que não gritei lá

muito alto, pelo contrário; mesmo assim, todo o meu corpo tremia, de nervosismo.

O homem voltou-se contra mim.

— Essa é boa! Estão ouvindo?! Que diabo você tem a ver com isso? Bote um cadeado nessa boca, é tudo o que peço a você, e é o melhor que tem a fazer.

Então, fez-se ouvir a voz da proprietária, e toda a casa se encheu de briga:

— O diabo me leve, mas vocês todos são doidos varridos! Se querem continuar aqui, é preciso que fiquem tranquilos todos dois, ouviram? Não basta dar casa e comida a essa cambada, é preciso ainda aguentar uma barulheira de Dia do Juízo, uma zoeira infernal nesta casa? Não quero mais saber disso, estão ouvindo? Calem a boca! Vocês, meninas, fechem o bico e limpem o nariz, senão lhes dou uma lição! Onde já se viu uma gente assim?! Tipos que vêm diretamente da sarjeta, piolhentos sem um níquel para comprar pomada contra piolho, começam a fazer banzé pela noite adentro, implicando com os moradores da casa! Não quero mais isso aqui, entenderam? E vocês podem dar o fora,

vocês todos que não moram aqui. Quero ter paz na minha casa, estão ouvindo?

Sem abrir a boca, voltei a sentar-me junto à porta e fiquei apreciando o barulho. Todos berravam ao mesmo tempo, inclusive as meninas e a

empregada, que queria explicar como havia começado a discussão. Desde que me conservasse quieto, a tempestade acabaria por amainar; não chegariam a extremos, se eu não desse um pio. E que poderia dizer? Pois não havia inverno lá fora, e por mal dos pecados não vinha caindo a noite? Era o momento de dar socos na mesa e chegar às últimas? Sobretudo, nada de besteiras. Ficaria tranquilo e não deixaria a casa, se bem que quase me tivessem posto pela porta fora. Com indiferença contemplava a cromolitografia de Cristo pendurada na parede, e calava-me, obstinadamente, apesar de todos os xingamentos da dona da casa.

— Se é de mim que deseja ficar livre, dona — disse um dos jogadores

—, não há problema.

Levantou-se. O outro parceiro fez o mesmo.

— Não, não era de você que eu estava falando. Nem de você aí — respondeu-lhe a dona da casa. — Se for necessário, saberei muito

bem mostrar a quem estou me referindo. Se for necessário, compreenderam? Eu mostrarei quem é...

Com frases entrecortadas, lançava-me indiretas a pequenos intervalos, e ia encompridando a coisa para dar-me a entender melhor que era a mim que tinha em mira. “Silêncio” — recomendei-me. — “Sobretudo, nada de orgulho de minha parte, nada de altivez sem propósito. Não nos perturbemos...” Este Cristo em cromolitografia, afinal de contas, tem uma cabeleira verde muito esquisita. Até parece grama ou, para me exprimir com precisão e requinte, grama densa da campina... Ah, é uma observação muito justa, essa que fiz: grama da campina, densa e bela. Uma série de fugazes associações de ideias atravessou-me o espírito nesse momento: da grama verde a uma passagem da Escritura, onde se diz que toda a vida é semelhante à erva que se inflama; daí ao Juízo Final, em que tudo deve incendiar-se; depois; breve descida até o terremoto de Lisboa, a propósito do qual me acudiu a vaga recordação de uma escarradeira de cobre espanhol e de uma caneta de ébano vistas em casa de Ilaiáli... Ah, sim, como tudo é efêmero! Tudo como a erva que se inflama... E tudo vai acabar em quatro tábuas e um sudário. “Loja da Senhorita Andersen, à direita, junto à porta principal.”

Todas essas coisas me turbilhonavam na cabeça, no instante desesperado em que a dona da casa se dispunha a lançar-me pela porta afora.

— E ele não escuta! — gritou. — Estou dizendo que o senhor deve sair desta casa, sabe? Meu Deus, acho que esse homem está doido! Pois o senhor vai sair imediatamente, chega de conversa!

Olhei para a porta, não com propósito de ir embora, de modo algum. Veio-me uma ideia audaciosa. Se a porta estivesse com chave, eu a trancaria e ficaríamos todos presos lá dentro; assim, não seria obrigado a sair. Acometera-me um pavor absolutamente histérico de me ver outra vez no olho da rua. Mas não havia chave na porta, e levantei-me. Sem nenhuma esperança.

De repente, a voz do marido se misturou à da mulher. Parei, estupefato. Coisa estranha: o homem que antes me ameaçara tomava agora meu partido:

— Não se toca uma pessoa de casa, à noite, você sabe disso. É caso de penalidade.

Eu não sabia que fosse caso de penalidade, nem acreditava nisso, mas talvez ele tivesse razão; a mulher mudou logo de atitude, acalmou-se e não me dirigiu mais a palavra. Estendeu-me, mesmo, duas fatias de pão, como jantar, que não aceitei. De pura gratidão ao marido, não aceitei, alegando que comera na cidade.

Eu voltava, afinal, para o corredor, a fim de deitar-me, quando a proprietária me seguiu, parou à porta e disse alto, com o enorme ventre grávido inflado na minha direção:

— Mas esta é a última noite que o senhor dorme aqui. Fique sabendo disso.

— Está bem, está bem.

Sim, talvez conseguisse arranjar abrigo no dia seguinte, se realmente me empenhasse em procurá-lo. Até lá, era uma felicidade não ser obrigado a passar a noite ao relento.

Dormi até cinco, seis horas da manhã. O dia ainda não clareara quando acordei. Levantei-me logo; dormira completamente vestido, por causa do frio, e não tinha nada para cobrir-me. Depois de beber um pouco d'água e abrir a porta, sem ruído, saí rápido, receoso de novo encontro com a dona da casa.

Aqui e ali, guardas que passaram a noite em serviço eram os únicos sinais de vida na rua; pouco depois, dois homens começaram a apagar os candeeiros. Andando sem rumo, fui dar na Rua da Igreja, e tomei o caminho que desce para a fortaleza. Gelado, sonolento e faminto, com os joelhos e as costas exaustos da longa caminhada, sentei-me num banco e cochilei por muito

tempo. Durante três semanas vivera exclusivamente de fatias de pão

que a dona da hospedaria me dava pela manhã e à noite; havia precisamente vinte e quatro horas que fizera a última refeição; a fome voltava a roer-me com ferocidade, e era necessário dar um jeito o mais depressa possível. Com esse pensamento, dormi no banco.

Acordei ouvindo vozes perto de mim; depois de concentrar-me um pouco, vi que era dia claro e todo mundo estava de pé. Levantei-me e saí. O sol estava alto, num céu esmaecido, puro; na beleza da manhã alegre, depois de tantas semanas escuras, esqueci meus cuidados, com o sentimento de que de outras vezes a situação fora pior. Dei palmadinhas no peito, entoando para meu próprio uso um trecho de canção. Mas a voz soava tão mal, era um som tão cavo, gasto, que ao ouvi-lo me comovi até as lágrimas. O dia magnífico, o céu leve e banhado de luz agiam com tanta força sobre mim, que comecei a soluçar alto.

— Que é que o senhor tem? — indagou um transeunte.

Não respondi; afastei-me apressadamente, ocultando o rosto aos passantes.

Cheguei ao cais. Um grande veleiro de três mastros, com o pavilhão russo, descarregava carvão; li o nome no costado: Copegoro. Distraí-me um instante a observar o que se passava a

bordo. Já devia estar quase descarregado: a indicação de IX pés era visível na estiagem, apesar de todo o lastro recolhido. As botas pesadas dos estivadores, ressoando na ponte, davam a impressão de que o navio estava oco.

O sol, a luz, o hálito salgado do mar, toda essa vida efervescente e alegre me revigoravam, ativando o sangue nas artérias. De repente, ocorreu-me que talvez pudesse compor algumas cenas do drama, enquanto estava sentado ali. Tirei o papel do bolso.

Tentei redigir a fala de um monge, cheia de força e de intolerância; não o consegui, porém. Deixei o monge de lado e quis compor uma espécie de discurso, do juiz ao homem sacrílego; não fui além de meia página. Estava longe de criar-se a atmosfera propícia em torno das palavras; a atividade reinante no local, os cantos dos sirgadores, o barulho dos cabrestantes, o choque ininterrupto do engate de vagões ajustavam-se muito mal ao ar espesso e mofado da Idade Média, que, como bruma, deveria envolver a peça. Tornei a guardar a papelada e levantei-me.

Apesar de tudo, sentia-me admiravelmente bem disposto, e via com clareza que poderia agora fazer alguma coisa, se tudo marchasse bem. Ah, se arranjasse um lugar onde esconder-me... Refletia nisso, parado bem no meio da rua; a questão é que não conhecia na cidade um único lugar sossegado onde me instalasse por momentos. Não havia outra saída: era

necessário voltar ao quarto mobiliado, em Vaterland. Como isso me repugnava, disse e repeti a mim mesmo que era impossível; mas, ao mesmo tempo, ia como que deslizando, e cada vez mais me aproximava do lugar proibido. Era lastimável, sem dúvida; concordava que era até ignominioso, realmente ignominioso; mas, que fazer? Homem sem o menor orgulho, ousaria mesmo dizer (a expressão não me parecia demasiado forte) que era uma das criaturas menos arrogantes existentes à face da terra, naquele momento. E caminhava.

Parei diante do portão, para decidir-me, ainda uma vez. Ora! Custasse o que custasse, era preciso arriscar a jogada. Afinal, tudo não passava de bagatela. Em primeiro lugar, era questão apenas de algumas horas; em segundo lugar, Deus não havia de permitir que eu voltasse jamais a precisar de refúgio naquela casa. Entrei no pátio. Ao pisar nas pedras irregulares do calçamento, ainda estava indeciso; ao chegar à porta da casa, senti-me absolutamente disposto a voltar para trás. Cerrei os dentes. Bem, nada de orgulho fora de hora. Na pior hipótese, poderia dar a desculpa de que viera para dizer adeus, para despedir-me conforme a etiqueta e combinar a forma de pagamento de minha pequena dívida na casa.

Abri a porta do corredor. Lá dentro estaquei, inteiramente tranquilo. Bem à minha frente, a dois passos de distância, estava o dono da casa, em mangas de camisa; pelo buraco da

fechadura, espiava o quarto da família. Em silêncio, com um gesto de mão, recomendou-me que ficasse quieto, e de novo espreitou pela fechadura, rindo.

— Venha cá — sussurrou. Aproximei-me, na ponta dos pés.

— Olhe — e seu riso era mudo e nervoso. — Espie... Hi! Hi! Estão deitados! Repare no velho! Está enxergando o velho?

Na cama, bem debaixo da cromolitografia de Cristo, e à minha frente, vi dois perfis: a dona da casa e o marinheiro seu hóspede; as pernas da mulher faziam uma mancha branca no edredão escuro. E na cama, junto à outra parede, seu pai, o velho paralítico, lá estava olhando, apoiado nas mãos, inclinado para a frente, encurvado como de costume, na impossibilidade de mover-se...

Voltei-me para o dono da casa. Ele tapava a boca, fazendo maior esforço para não rir alto.

— Reparou no velho? Que coisa! Reparou no velho? Está sentado, olhando!

E voltou ao buraco da fechadura.

Fui para a janela e sentei-me. A crueza do espetáculo lançara a desordem em meus pensamentos, virando de pernas para o ar toda a minha rica inspiração. Mas afinal, que tinha eu com isso? Desde o momento em que o próprio marido se conformava,

que digo?, se distraía enormemente com o fato, não havia a menor razão para impressionar-me. Quanto ao velho... bem, velho é velho. Talvez não enxergasse, talvez dormisse sentado; Deus sabe mesmo se não estaria morto. Não me espantaria que estivesse sentado e morto. E não fazia disso um caso de consciência.

Uma vez mais retomei os papéis, disposto a repelir toda impressão estranha. Parara no meio de uma frase, na fala do juiz: “Assim me ordenam Deus e a Lei, assim me ordena o conselho de meus peritos, assim me ordena igualmente a própria consciência...” Olhei pela janela, refletindo no que deveria a consciência ordenar-lhe. Um barulhinho chegou até mim, do interior do quarto. Bolas! Eu não tinha nada com isso, absolutamente nada. Com certeza o velho estava morto, talvez tivesse morrido naquela madrugada, por volta de quatro horas; aquele ruído, pois, me era em tudo e por tudo indiferente; por que diabo imaginar coisas a esse respeito? Vamos, calma!

“Assim me ordena igualmente a própria consciência...”

Tudo, porém, se conjurava contra mim. O homem não ficava absolutamente quieto diante do buraco da fechadura; de tempos em tempos, ouvia-lhe o riso sufocado, via-o sacudir-se todo. Fora, na rua, também se passava alguma coisa que me distraía a atenção. Um garotinho sentara-se na calçada do outro lado, e brincava sozinho, ao sol; sem fazer nada de mal, sem

perturbar ninguém, prendia faixas de papel. De repente, deu um grito e um salto, e foi recuando para a rua, de costas; um homem maduro, de barba ruiva, debruçado à janela de um primeiro andar, escarrou-lhe na cabeça. O pequeno chorava de raiva, lançando em direção à janela injúrias impotentes, enquanto o homem lhe ria na cara; isso durante talvez cinco minutos. Voltei-me para não ver o menino chorar.

“Assim me ordena igualmente a própria consciência que...”

Era impossível continuar. Por fim, tudo começou a girar na cabeça; parecia-me que tudo que havia escrito não prestava para nada, que aquela ideia era absurda e perigosa. Não se pode absolutamente falar de consciência na Idade Média; a consciência é pura invenção desse mestre de bailado que se chamou Shakespeare; em consequência, todo o discurso caía por terra. Então, nada havia de bom naquelas folhas? Percorri-as uma vez mais, e a dúvida se desvaneceu; achei passagens grandiosas, enormes

trechos de profunda originalidade. E perpassou-me no peito, outra vez, o desejo imperioso, embriagador, de recomeçar o trabalho e concluir o drama.

Levantei-me e fui à porta, sem dar atenção aos sinais furiosos do dono da casa, para que caminhasse sem ruído. Saí resoluta e deliberadamente do corredor, subi ao primeiro andar e entrei no

antigo quarto. O marinheiro não estava; que é que me impedia de sentar-me um instante? Não tocaria nos objetos, nem sequer me serviria da mesa; ficaria sentado numa cadeira junto à porta, satisfeito com isso. Desdobrei febrilmente os papéis sobre os joelhos.

Tudo correu admiravelmente durante alguns minutos. Réplicas e mais réplicas surgiam prontas, num trabalho incessante. Enchia página sobre página, a galope. Soltei como que um doce vagido, no êxtase da inspiração, inconsciente. O único som que chegava até mim era esse vagido de alegria. Nisto, veio-me uma ideia felicíssima: introduzir em certa passagem do drama o repicar de um sino. Ia tudo às mil maravilhas.

Eis que se ouvem passos na escada. Trêmulo, desatinado, esperei pelo pior. Possuído de angústia vaga, excitado pela fome, atento e feroz, de lápis na mão, escutava e espiava nervosamente, incapaz de escrever uma palavra. Abre-se a porta; entra o casal do quarto de baixo.

Antes que tivesse tempo de pedir desculpas, a dona da casa gritou, estupefata:

— Meu Deus do céu, minha Nossa Senhora: ele está aqui outra vez!

— Desculpe... — gaguejei; queria dizer mais, e não consegui. Ela escancarou a porta, aos berros:

— Se o senhor não sair já, Deus me castigue se eu não chamar a polícia!

Levantei-me.

— Queria apenas dizer-lhe adeus, e estava à sua espera. Não toquei em nada, fiquei sentado nesta cadeira.

— Oh, não há mal nisso — disse o marinheiro. — Que diabo! Vamos deixar esse homem sossegado.

Já descia a escada, quando me invadiu um furor súbito contra aquela mulher pesadona e inchada, que vinha atrás de mim para obrigar-me a dar o fora rapidamente; parei um instante, com a boca cheia dos piores xingamentos... Mas refleti a tempo, e calei-me. Calei-me em atenção ao marinheiro que vinha atrás dela, e que poderia escutar. A mulher continuava a seguir-me, a despejar injúrias sem fim, enquanto minha cólera crescia a cada passo que eu dava.

Cheguei ao pátio, muito devagar, pensando ainda em atracar-me com a mulher. Naquele momento, possuído de fúria, queria ver-lhe o sangue jorrar, queria dar-lhe um pontapé na barriga, que a fizesse cair morta no chão. Um mensageiro cruzou comigo no portão e cumprimentou-me; não respondi; dirigiu-se à proprietária, atrás de mim, e ouvi-o chamar-me, porém não me voltei.

A pequena distância da porta, o rapaz alcançou-me, fez nova saudação e, retendo-me, entregou-me um envelope. Abri-o a contragosto, bruscamente, caiu dele uma nota de dez coroas, sem nenhuma carta, nenhuma palavra.

Olhei para o mensageiro:

— Que besteira é essa? De quem é esta carta?

— Não sei. Foi uma dona que mandou.

Fiquei parado, enquanto ele se retirava. Botei o dinheiro na sobrecarta, fiz com ela, cuidadosamente, uma bola, voltei-me para a dona da casa, que ainda me espreitava da porta, e lancei-lhe a bola no rosto. Não disse nada, não pronunciei uma sílaba; observei apenas, antes de ir-me embora, que ela examinava o papel amarrotado...

Muito bem, eis o que se pode chamar uma atitude! Não dizer nada, não dirigir palavra à canalha, mas amarrotar tranquilamente uma bonita cédula e lançá-la ao rosto de nosso perseguidor. Aí está o que se chama agir com dignidade. É assim que se trata um animal...

Chegara à esquina da Rua dos Diabinhos com a Praça da Estrada de Ferro. De repente, a rua começou a girar diante de meus olhos; senti um zumbido na cabeça oca, e desabei sobre a parede de uma casa. Simplesmente, não podia mais andar, nem mesmo sair daquela posição incômoda; fiquei ali junto à parede, sentindo que

começava a perder consciência. Esse ataque de inanição só fez aumentar minha raiva ardente; levantei o pé, bati na calçada. Fiz outros gestos, tentando recuperar forças; cerrei os dentes, franzi as sobrancelhas, revirei desesperadamente os olhos. Isso começou a surtir efeito; os pensamentos se esclareceram; compreendi que estava a ponto de morrer. Avancei as mãos, descolando-me da parede; a rua continuava a dançar e a rodar comigo. Soluçando de raiva, lutei com toda a alma contra a minha desgraça. Resistia valentemente para não cair; não tinha intenção de desmoronar, queria morrer de pé. Uma carroça passou devagar, diante de mim. Notei que levava batatas, mas de raiva, por teimosia, tive vontade de dizer que não eram absolutamente batatas, eram couves. E jurei tempestuosamente que eram couves. Ouvia bem o que estava dizendo, e, em plena consciência, palavra por palavra, afirmei essa

mentira sob juramento, para ter a satisfação de cometer um perjúrio evidente. Embriagava-me com esse pecado inigualável, erguia três dedos no ar e, com lábios trêmulos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, jurava que eram couves.

O tempo ia passando. Deixei-me cair sobre um degrau do patamar ao lado, limpei o suor da testa e do pescoço, aspirei profundamente e me obriguei a ter calma. O sol esmorecia, com a tarde. Voltei a matutar na situação; a fome era intolerável e, dentro de horas, seria outra vez a noite; carecia achar saída

enquanto era tempo. Os pensamentos recomeçaram a girar em torno do quarto de onde fora expulso; de modo algum queria voltar para lá, mas isso não me saía da ideia. Pensando bem, a mulher tinha todo o direito de botar-me para fora. Como diabo esperava eu que alguém me alojasse, desde que não pagava? Além do mais, de vez em quando, ela me dava de comer; ainda na véspera, dia em que eu a exasperara, oferecera-me duas torradas; fizera isso por bondade, sabendo como eu precisava delas. Assim, não podia queixar-me de nada. Sentado no patamar, comecei a rogar-lhe, a suplicar-lhe no foro íntimo que me perdoasse a maneira de agir. Sobretudo, lamentei de coração ter-me mostrado tão ingrato, jogando-lhe aquela nota na cara...

Dez coroas! Assobieei baixinho. De onde teria vindo a carta que o rapaz me trouxera? Só então refleti com lucidez sobre o assunto, e pressenti, de súbito, o encadeamento dos fatos. Doente de vergonha e de dor, murmurei várias vezes, com voz rouca, sacudindo a cabeça: “Ilaiáli!” Não fora eu que, um dia antes, resolvera passar altivamente diante dela, demonstrando a maior indiferença? Pois, muito pelo contrário, havia justamente despertado sua comiseração, extorquindo-lhe o óbulo da caridade. Não, não, jamais atingiria o fundo de minha ignomínia! Nem mesmo perante ela soubera manter atitude decente; eu soçobrava; para qualquer lado que me virasse, vergava os joelhos, afundando-me mortalmente, imerso em degradação. Jamais

voltaria à tona, jamais. Era o cúmulo: receber uma esmola de dez coroas sem poder atirá-la de volta ao doador oculto; recolher moedas a duas mãos, por toda parte onde elas se oferecessem, e, juntando-as, empregá-las no pagamento do aluguel do quarto, não obstante o desgosto íntimo...

Não poderia reaver as dez coroas, dessa ou daquela maneira? Voltar à hospedaria e obrigar a mulher a restituir a cédula, certamente não seria viável. Sim, acharia outro meio, desde que refletisse, que fizesse um grande esforço para refletir. Ah, meu Deus, não era bastante pensar de maneira

comum, precisava pensar com todo o meu mecanismo de homem, num jeito de arranjar dez coroas. E pus-me a pensar com intensidade.

Faltava pouco para quatro horas; dentro de duas, talvez pudesse procurar o diretor do teatro, se porventura o drama estivesse concluído. Puxei do manuscrito e quis a todo custo arrematar as três ou quatro cenas finais. Pensei, suei, reli tudo desde o começo: em vão. “Nada de besteiras — disse comigo —, não é hora de teimosias.” E atirei-me perdidamente ao drama, escrevendo o que me passava pela cabeça, para acabar depressa e sair. Gostaria de convencer-me de que vivia outra vez um de meus grandes momentos — saturava-me de mentiras, enganava-me manifestamente, escrevia em abundância, como se não necessitasse de procurar palavras. “Isto sim que é bom!

Verdadeiro achado! — murmurava de tempos em tempos. — É só botar por escrito.”

Entretanto, os últimos diálogos começavam a tornar-se estranhos; contrastavam tanto com os das primeiras cenas! Além disso, nem sombra de Idade Média havia nas palavras do monge. Quebrei o lápis entre os dentes, levantei-me de um pulo, rasguei o manuscrito, reduzi cada folha a pedacinhos, atirei o chapéu na rua e pisei-o. “Senhoras e senhores, estou perdido, estou derrotado!” E não disse mais nada, durante todo o tempo em que fiquei ali pisoteando o chapéu.

A pequena distância, parado no meio da rua, um guarda me observava detidamente. Levantei a cabeça, nossos olhares se cruzaram. Devia estar me observando havia bastante tempo. Apanhei o chapéu, cobri-me e fui direto para ele, perguntando:

— Sabe que horas são?

Esperou um momento, antes de tirar o relógio, sem, entretanto, desprender os olhos de mim.

— Quatro horas.

— Exatamente! Quatro horas, perfeitamente exato. Vejo que o senhor conhece o seu ofício, e não o esquecerei.

E com isso, deixei-o. Extremamente espantado, boquiaberto, ficou ali a seguir-me com os olhos, sem guardar o relógio. Ao

passar pelo Hotel Real, voltei-me e olhei para trás; estava na mesma posição, e seguia-me com os olhos.

Ah, ah! É assim que devemos tratar os animais: com a mais requintada insolência. Isso impressiona os animais, inspira terror... Particularmente satisfeito comigo mesmo, voltei a cantarolar. Com os nervos tensos pela excitação, já sem nenhuma dor, sem mesmo nenhum mal-estar, ia leve

como pluma. Atravessei o mercado, voltei-me para a seção de carnes, e instalei-me num banco próximo à igreja de São Salvador.

Pensando bem, não era indiferente que eu restituísse ou não a nota de dez coroas? Desde o momento em que a recebera, ela era minha, e quem a mandara certamente não passava fome. Era imperativo que eu aceitasse, pois fora enviada precisamente a mim; não tinha sentido deixá-la com o portador. Também não convinha devolver uma nota que não fosse aquela recebida por mim. Portanto, não havia remédio.

Tentei reparar no movimento do mercado, distraíndo o espírito em coisas indiferentes; não consegui: a nota de dez coroas não me saía da cabeça. Finalmente, cerrei os punhos, e a raiva me dominou. “Se devolver o dinheiro, ela se ofende” — pensei comigo — “então, por que o faria? Devo estar sempre me considerando demasiado importante para aceitar isso ou aquilo, preciso sacudir a cabeça com arrogância e dizer: Não, obrigado?” Via agora

aonde isso conduz; estava outra vez no olho da rua. E perdera o meu bom e quente abrigo, quando justamente obtivera meios de conservá-lo. Deixava-me dominar pelo orgulho, saltava à primeira provocação, do alto da minha soberba, atirando dez coroas ao vento, e ia-me embora... Censurei-me severamente por haver deixado o quarto e ter-me posto de novo em apuros.

Afinal, para o diabo com tudo isso! Não pedira aquela nota de dez coroas, mal a tivera na mão, e, logo a passara adiante, em pagamento a alguém que nada significava para mim, e que nunca mais veria. Porque eu era assim: pagava rigorosamente, quando necessário. Pelo que sabia de Ilaiáli, ela não se arrependeria de me ter mandado esse dinheiro: então, por que inventar tantas complicações? Era o menos que ela podia fazer: mandar-me uma nota de dez coroas, de tempos em tempos. A pobrezinha estava apaixonada por mim, ah, quem sabe, se doida de amor. A essa ideia, empertiguei-me todo, glorioso: não havia dúvida, estava apaixonada por mim, coitadinha...

Eram cinco horas. Depois de longa exaltação de nervos, veio a depressão, voltou o zoar na cabeça oca. Olhava fixo e direto para a frente, em direção à Farmácia do Elefante. A fome lavrava em mim, cruelmente; sofria demais. Enquanto olhava para o vazio, um vulto se delineou pouco a pouco; acabei vendo distintamente e reconhecendo a vendedora de doces estabelecida junto à farmácia.

Em sobressalto, aprumei-me no banco, refletindo. Não havia engano, era a mesma mulher diante da mesma mesa, no mesmo lugar. Assobieei, estalando os dedos; levantei-me, e segui no rumo da farmácia. Nada de

tolices. Pouco me importava que as moedas fossem do vendedor ou do merceiro, tudo era bom dinheiro norueguês, de Kongsberg. É preciso evitar o ridículo; pode-se muito bem morrer de excesso de orgulho...

Cheguei até o canto, contemplei a mulherzinha e postei-me à sua frente. Sorrindo, fiz-lhe com a cabeça uma saudação familiar, e preparei-me para a conversa como se estivesse estabelecido que eu deveria voltar.

— Bom dia. Não está me reconhecendo?

— Não, senhor — respondeu lentamente, fitando-me.

Sorri mais ainda, como se não me reconhecer fosse uma encantadora brincadeira de sua parte:

— Não se lembra que lhe dei uma vez uma porção de coroas? Não disse nada na ocasião; é, se bem me lembro, não disse nada; não costumo dizer nada. Quando tratamos com pessoas de bem, não é necessário fazer entendimentos, e muito menos firmar contrato por uma bagatela. Ah, ah, fui eu, sim, que lhe dei aquele dinheiro...

— Ah, é? Então foi o senhor? Engraçado, agora estou reconhecendo!

Eu queria tomar a ofensiva, para evitar que ela começasse a agradecer-me. Disse-lhe, pois, bruscamente, enquanto percorria a mesa com os olhos, já à procura de gulodices:

— Pois é, vim procurar os doces. Ela não compreendeu.

— Os doces, vim buscar os doces. Por enquanto, só uma parte, a primeira entrega. Não preciso de tudo hoje.

— O senhor... veio buscar?

— Claro que vim buscar. Pois então? — e dei uma risada alta, como se devesse parecer imediatamente claro como água que vinha buscar os doces.

Apanhei um sobre a mesa, uma espécie de pão fofo, e comecei a comê-

lo.

Vendo isso, a mulher ergueu-se em seu cochicholo, fez um gesto

automático de proteção à mercadoria, e disse-me não acreditar que eu voltasse para despojá-la de seus bens.

— Não, mesmo? Realmente não?

Impagável, a mulherzinha. Então algum dia ela vira alguém dar-lhe um punhado de coroas para guardar, sem que o interessado viesse procurá-las depois? Onde já se viu uma coisa dessas?

Supunha talvez que se tratasse de dinheiro roubado, porque eu lho havia atirado daquela maneira? Não, afinal de contas ela não acreditava nisso, e era muita sorte de minha parte,

não? muita sorte. Que gentileza a sua, considerar-me um homem de bem... Ah, ah! Sim, era realmente generosa!

— Mas então, por que foi que me deu o dinheiro? — berrou, exasperada.

Expliquei porque lhe dera o dinheiro; expliquei a meia-voz, peremptoriamente: era meu costume agir dessa maneira, porque tinha enorme confiança nas pessoas. Toda vez que alguém me propunha firmar contrato, ou passar recibo, eu sacudia a cabeça, dizendo: “Não, obrigado. Deus era testemunha de que fazia assim.”

A mulher, porém, continuava a não compreender nada.

Recorri a outros meios. Assumi um ar decisivo e disse-lhe que deixasse de palavras inúteis. Jamais lhe acontecera alguém pagar-lhe adiantado, de maneira análoga? Quer dizer,

naturalmente, pessoas de recursos, um cônsul, por exemplo. Nunca? A culpa não era minha, se o costume lhe parecia estranho. São usos e costumes do estrangeiro. Ela talvez nunca houvesse transposto as fronteiras do país? Não? Ora veja! Então, não tinha absolutamente autoridade na matéria. E apanhei outros doces, na mesa.

Resmungando, furiosa, ela se recusava obstinadamente a desfazer-se do que havia na mesa; arrancou mesmo um doce de minha mão, e tornou a botá-lo no lugar. Irritei-me de verdade, bati na mesa, ameacei-a com a polícia. Seria indulgente com ela; se levasse tudo aquilo a que tinha direito, arruinaria a loja, pois era enorme a quantidade de dinheiro que lhe entregara havia tempos. Não queria levar tudo, porém; na realidade, só utilizaria a metade de meu crédito. E, por último, não poria mais os pés ali. Deus me livre de uma pessoa como a senhora!

Afinal, concordou em ceder-me quatro ou cinco doces a preço exorbitante, avaliando-os pela mais alta tarifa que pôde imaginar; pediu-me que os tirasse e fosse embora. Continuei a discutir, pretendendo que ela me roubara na soma pelo menos uma coroa, e que, além disso, me explorava com aqueles preços fabulosos.

— Sabe que essas canalhices são punidas por lei? Deus que a proteja, pois a senhora podia muito bem ir parar na cadeia pelo resto da vida, sua velha burra!

Ela me atirou mais um doce, e me implorou, quase rangendo os dentes, que fosse embora.

Deixei-a. Ah, onde já se viu uma confeitadeira tão sem escrúpulos? Enquanto caminhava, mercado acima, comendo doce, eu ia falando alto daquela mulher e de sua insolência; repetia o que cada um de nós dissera

ao outro, e parecia-me que eu tinha levado grande vantagem. Comia os doces à vista do mundo, e recapitulava o episódio.

Os doces desapareciam um após outro; por mais que devorasse, nada bastava, a fome era implacável. Porca miséria, aquilo não chegava mesmo! Sentia-me tão voraz que estive a ponto de engolir o último doce, quando desde o começo resolvera guardá-lo para o pequeno da Rua dos Carreiros, aquele garoto que recebera na cabeça a cusparada do homem de barba ruiva. Lembrava-me dele constantemente, não podia esquecer sua expressão ao dar o salto, chorando e xingando. Voltara-se para minha janela, quando o homem cuspira nele, e sem dúvida olhara para ver se também eu ria daquilo. Sabe Deus se conseguiria encontrá-lo por lá. Fazia grandes esforços para chegar rapidamente à Rua dos Carreiros; tornei a passar pelo local onde reduzira a farrapos o meu drama — alguns pedaços lá estavam ainda; contornei o guarda que tanto se espantara com as minhas maneiras, e, finalmente, estaquei no patamar onde o garoto estivera sentado.

Não estava mais lá. A rua, quase vazia. Começava a escurecer, e não foi possível encontrar o garoto, que talvez já houvesse voltado para casa. Depositei o doce com precaução, em pé, junto à porta; bati com força e fugi imediatamente. “Ele há de achá-lo — disse comigo. — Ao sair, vai ser a primeira coisa que encontrará.” E meus olhos se umedeceram com uma alegria boba, à ideia de que o pequeno acharia o doce.

Tornei a descer ao cais. Agora, já não tinha fome, porém o alimento açucarado que ingerira começava a embrulhar-me o estômago. E as ideias mais loucas a me tumultuarem de novo o cérebro... Se cortasse às escondidas a amarra de um daqueles navios? Se começasse de repente a gritar: “Fogo?” Fui seguindo pelo cais, à procura de um caixote para sentar-me; cruzei as mãos e senti que a cabeça se perturbava cada vez mais. Não me mexi, não fiz absolutamente nada para me sustentar por mais tempo.

Aqui estou, de olhos pregados no Copegoro, o navio russo de três mastros. Percebo um homem junto às armaduras; a lanterna vermelha de bombordo ilumina-lhe, do alto, a cabeça. Não tenho qualquer ideia preconcebida ao falar-lhe como estou falando, nem tampouco espero receber resposta.

— Vai içar vela esta noite, capitão?

— Vou, daqui a pouco.

Ele respondera em sueco. Deve ser finlandês — pensei.

— Oi! Não está precisando de um homem?

Para mim tanto faz, neste momento, receber ou não uma recusa.

A

resposta me é indiferente. Espero e olho.

— Preciso não. Só se fosse um novato.

Novato! Aprumando-me com um estremeção, tirei disfarçadamente os óculos, meti-os no bolso, subi até a passagem entre a popa e a proa, e cheguei às armaduras.

— Não sou do ofício — disse ao homem — mas posso fazer o serviço que o senhor me der. Qual é o destino?

— Vamos para leste: pegar carvão em Leeds, e levar para Cádiz.

— Bem — respondi, impondo-me ao homem. — Para mim é indiferente o rumo. Faço meu serviço.

Ficou um momento a olhar-me, pensativo.

— Você nunca navegou?

— Não. Mas, como estou lhe dizendo, me dê serviço que eu faço. Estou acostumado a pegar um pouco de tudo.

Continuou a refletir. Eu, que já havia cravado na cabeça a ideia de viagem, comecei a rezear que me devolvessem para terra.

— Como é, capitão, que acha? Posso realmente fazer qualquer trabalho. E sabe que mais? Eu seria um pobre-diabo se me contentasse em cumprir minha tarefa. Posso fazer dois quartos seguidos, se houver necessidade. É até bom para mim, tenho força bastante.

— Bem, pode-se experimentar — disse ele, achando graça nas últimas palavras. — Se não der certo, a gente se separa na Inglaterra.

— Naturalmente! — respondi, alegre; e repeti que, se não desse certo, a gente se separava na Inglaterra. E ele me botou a trabalhar...

No fiorde, aprimei-me um instante, úmido de febre e de esgotamento; olhei para terra e disse adeus por essa vez a Cristiânia, a todas as casas, a todos os lares, a todas as luzes que brilhavam e rebrilhavam nas janelas.

F I M

InfoLivros.org

